



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

JAMES DE SOUSA FEITOSA

**ETNOGRAFIA DAS VIGÍLIAS DE ORAÇÃO NOS MONTES
DOS GUERREIROS DE ORAÇÃO DE SAPUCAIA**

MARÍLIA, SÃO PAULO

JANEIRO/2015



**ETNOGRAFIA DAS VIGÍLIAS DE ORAÇÃO NOS MONTES
DOS GUERREIROS DE ORAÇÃO DE SAPUCAIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga

MARÍLIA, SÃO PAULO

JANEIRO/ 2015

Feitosa, James de Souza.

F311e Etnografia das vigílias de oração nos montes dos guerreiros de oração de sapucaia / James de Souza Feitosa. – Marília, 2015.

169 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.

Bibliografia: f. 135-142

Orientador: Antonio Mendes da Costa Braga.

1. Renovação carismática católica. 2. Etnologia. 3. Catolicismo. 4. Religião e sociologia. I. Título.

CDD 306.6



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

**ETNOGRAFIA DAS VIGÍLIAS DE ORAÇÃO NOS MONTES
DOS GUERREIROS DE ORAÇÃO DE SAPUCAIA**

JAMES DE SOUSA FEITOSA

Marília, 04 de fevereiro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga
Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp/Marília

2º Examinador: _____
Prof. Dr. André Luiz da Silva
Departamento Instituto Basico de Humanidades

3º Examinador: _____
Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira
Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp/Marília

4º Examinador (suplente): _____
Nome: Walkiria Martinez Heinrich Ferrer
Departamento Núcleo de Apoio à Pesquisa em Sociologia e Ciência Política da
Unimar/Marília

5º Examinador: _____
Prof. Dr. Andreas Hoffbauer
Departamento: Departamento de Sociologia e Antropologia Unesp/Marília

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa. Daqui a alguns anos, espero escrever sobre tudo o que permanece oculto, que ninguém vê, mas que contribuem e geram esse mundo visível. Que coisa intrigante saber que a ponta do iceberg não indica a forma e a vastidão do gelo que está embaixo da superfície d'água. Este trabalho é a ponta de um iceberg. Por isso, quero agradecer ao universo das possibilidades e das múltiplas indetermi-nações.

Aos anônimos que sempre passam e contribuem com nossa caminhada sem deixar nomes, invalidando e/ou deslegitimando absurdas avaliações meritocráticas ainda presentes no curso de Ciências Sociais;

Aos perfeitos-não-sei, que nos mantêm ignorantes-sábios, e, humanos, demasiadamente humanos; às surpresas, que sei serem poucas, mas que insistem não avisar quando chegam, e dão um toque às nossas limitações de querer controlar tudo; aos mistérios que sempre existiram e vão existir, como um convite à humildade; aos infinitos sons e às infinitas músicas, meu MUITO obrigado. Como preciso aprender a ouvir, principalmente minhas vozes.

Agradeço à natureza. Aos tucanos, aos jacus, às siriemas, à toda sorte de pássaros e animais que compunham cotidianamente o cenário do local onde escrevi parte deste trabalho. Ao rei Bem-te-vi que sempre ia passear na frente de casa e tomar água em nosso lagozinho, na casa de madeira; ao mundo encantador dos gatos, que me ensinou um pouco mais a ser humano; ao canto das rolinhas, que cumpria o ciclo natural e servia de comida aos bichanos em suas caçadas e ao meu bolso que nem sempre tinha dinheiro pra comprar ração.

Não posso deixar de agradecer ao maravilhoso som saído dos sabiás ocultos por entre as árvores da Unesp. Na chácara, ficavam a pouca distância de nós. O canto das tristezas alegres e a evidência que lógicas dicotômicas não nos fazem muito bem.

Obrigado à FAPESP pelo financiamento e auxílios nesta pesquisa e no trabalho de campo em forma de estágio realizado em Portugal pela Bolsa BEPE.

Faz parte do meu *ethos* tentar viver além da meritocracia. O mérito jamais será de um só, há múltiplas indetermi-nações em processo que a senhora meritocracia nem sequer diz obrigada.

EPÍGRAFE

Mudei.

Fiquei mais velho.

Criei coragem para dizer as coisas com simplicidade. E comecei a perseguir a beleza, mais que a verdade.

É que descobri, tardiamente, através da surpresa de amizades inesperadas, o fascínio da poesia.

Que poema será verdade? Que poema será reflexo especulativo fiel das coisas do nosso mundo? Poemas, invocações de ausências, funduras onde nadam os desejos: é aí que os corpos se preparam para as batalhas. Seria possível isso, uma política que nascesse da canção, do transbordar da fonte? Política da ternura e não da azia, da visão utópica e não do ressentimento?

Visitando a mim mesmo e lendo coisas dos mundos mágicos e dos mundos dos sonhos, aprendi que o corpo não é coisa biológica: poemas que se fizeram carne. Somos moradas de palavras, possessões demoníacas ou o vento indomável do Espírito. Há de se buscar a palavra que se transforma em carne: aqui, o segredo do dizer mágico. Não basta o saber; é preciso o sabor. É preciso que as palavras sejam belas, para seduzir...

Criei coragem também para dizer o riso.

Ele sempre esteve em mim. Mas a seriedade do mundo da ciência não permite brincadeiras. Por isso que lhe falta o poder para exorcizar demônios. Tudo sério, tudo triste.

Não, me enganei... quem fica triste pode sempre ficar alegre. Mas no mundo da ciência também isso é proibido. Há de se cultivar a objetividade, uma fala vazia de lágrimas e de risos, aquele que escreve sempre ausente. Mudei-me para outro lugar.

Acontece que eu também sou parte da realidade, com minhas alegrias e tristezas...

Rubem Alves – Prefácio à primeira edição de *O enigma da religião*

RESUMO

Após observações e relatos entre Grupos de Oração da Renovação Carismática Católica (RCC) em uma cidade do interior do estado de São Paulo, constatou-se que alguns indivíduos afirmaram ter sido tocados por uma *potência* (CHAUI, 2000) de forma mais intensa. Tais episódios, iniciados na década de 90, geraram um ponto de tensão surgido pelo embate entre as regras de conduta instituídas pela RCC e as experiências ditas incontroláveis por quem as vivenciava. Em seguida, pôde-se observar o surgimento de grupos que passaram a se reunir em encontros – denominados vigílias de oração nos montes – realizados fora do templo religioso, numa espécie de fuga do controle das manifestações e com o intuito de evitarem estranhamentos com a instituição local a qual estavam ligados (Paróquia ou Igreja). A presente pesquisa propõe fazer uma etnografia que tem como objetivo descrever as vigílias de oração nos montes para compreender quem são essas pessoas que, apesar de se dizerem católicas, performatizam rituais próprios fora do espaço Instituído da Igreja. A partir da compreensão de que a experiência do sagrado é parte da experiência antropológica, espera-se contribuir para o estudo das novas formas de crer e vivenciar os fenômenos religiosos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Renovação Carismática Católica. Vigília de oração. Etnografia.

ABSTRACT

After observations and reports between prayer groups of the Catholic Charismatic Renewal (CCR) in a provincial city in São Paulo state, it was found that some individuals said they had been touched by a power (CHAUÍ, 2000) more intensely. Such episodes, which started at 90's, reproduced a point of tension emerged by the clash between the rules of conduct established by RCC and uncontrollable experiences by those who had experienced. It could be observed the emergence of groups that started meetings - called prayer vigils in the hills - out of religious temple, a kind of control of demonstrations, in order to avoid estrangement with the institution site which were linked (or Parish Church). This research proposes to make an ethnography that aims to describe the prayer vigils in the hills, to understand who these people are that despite claiming be Catholics, live your own rituals outside the Church Established space. From the understanding that the sacred experience is part of the anthropological experience, is expected to contribute to the study of new forms of belief and experience the religious phenomena in contemporary times.

Keywords: Catholic Charismatic Renewal. Vigil prayer. Ethnography.

TABELA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem do monte do Pão Sagrado. no canto esquerdo, clareira.....	111
Figura 2 - Trajeto que apresenta o monte do Cristo Redentor com a clareira de eucaliptos ao fundo. Visão da casa do irmão Fogo Puro.....	112
Figura 3: vista externa da clareira de eucaliptos no Monte do Cristo Redentor.....	113
Figura 4: Vista interna da clareira do Monte do Cristo Redentor.....	116
Figura 5: Crucifixo que jorrou sangue 1.....	166
Figura 6: Crucifixo que jorrou sangue 2.....	166

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - As missões de José Augusto e José Roberto.....	143
APÊNDICE B - Questionário 1 para José Augusto.....	144
APÊNDICE C - Questionário 1 para José Roberto.....	147
APÊNDICE D - Questionário 2 para José Augusto.....	151
APÊNDICE E - Testemunho de José Roberto.....	153
APÊNDICE F - Questionário Pregador de Goiânia.....	155
APÊNDICE G - Vigília no Monte com Líder do Grupo de Oração do S.M.....	158
APÊNDICE H - Entrevista com C.P. de Doutrados-MS.....	160
APÊNDICE I - O crucifixo que jorrou sangue.....	162
APÊNDICE K - História de Vida Padre Haroldo.....	167

SUMÁRIO

PREÂMBULO.....	11
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – PENTECOSTALISMO CLÁSSICO: BREVES NOTAS DE COMO TUDO COMEÇOU.....	29
1.1 A chegada do pentecostalismo moderno em igrejas protestantes.....	36
1.2 O surgimento do pentecostalismo católico.....	38
1.2.1 Os cursilhos.....	39
1.2.2 O fim de semana em Duquesne.....	45
1.3 A década de 70 e 80 e o pentecostalismo católico no Brasil.....	46
1.3.1 Dois norte-americanos começam a RCC no Brasil.....	46
1.4 A década de 90: a religião como resposta aos males sociais.....	53
1.4.1 O Documento 53 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).....	56
1.4.2 Ponto de Tensão.....	60
1.5 Breve discussão sobre a origem da RCC no Brasil.....	61
CAPÍTULO 2 - O SURGIMENTO DA RCC EM SAPUCAIA	66
2.1 A experiência carismática	66
2.2 As diferentes modalidades carismáticas	71
2.3 Relato da primeira origem: Grupo de Oração São Gabriel, a modalidade dos carismáticos oficiais	73
2.4 As origens da segunda modalidade.....	78
2.4.1 Breve história de Mateus Alcântara.....	82
2.4.2 José Augusto.....	86
2.4.3 José Roberto.....	89
2.4.4 Pedro Rafael.....	92
CAPÍTULO 3 – AS VIGÍLIAS DE ORAÇÃO NOS MONTES DOS GUERREIROS DE ORAÇÃO EM SAPUCAIA.....	94

3.1 Tiago, Daniel e Pe. Benedito.....	94
3.2 O relato das origens dos Guerreiros de Oração.....	97
3.3 A modalidade pentecostal dos guerreiros de oração	100
3.4 As origens das vigílias de oração carismáticas.....	103
3.5 O monte do Cristo Redentor com os Guerreiros de Oração.....	108
3.6 Vigília no monte do Cristo Redentor.....	113
3.7 Uma discussão antropológica: Vigílias e Guerreiros de Oração como fenômenos liminares.....	121
3.8 O olhar de Victor Turner sobre a liminaridade.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
APÊNDICES.....	143

PREÂMBULO

Eram meados de 2011. Meu último ano de Licenciatura e ano em que considerava limite para decidir qual seria minha área de pesquisa no Bacharelado em Ciências Sociais. Dentre elas, por três razões, escolhi a antropologia. Primeiro por se tratar de uma ciência que levanta questões provocando desestabilizações através de temas e realidades objetivas que contestam o senso comum estabelecido. Como dissera Goldman (2008), a antropologia implica em nos abriremos para a desestabilização:

Os discursos e práticas nativos devem servir, fundamentalmente, para desestabilizar nosso pensamento (e, eventualmente, também nossos sentimentos). Desestabilização que incide sobre nossas formas dominantes de pensar, permitindo, ao mesmo tempo, novas conexões com as forças minoritárias que pululam em nós mesmos (GOLDMAN, 2008, p. 7).

Geertz (2001) também afirmara que o antropólogo procura manter o mundo em desequilíbrio, puxando tapetes, virando mesas e soltando rojões, pois tranquilizar é tarefa de outros; aos antropólogos a tarefa é inquietar.

Minha segunda razão esteve no fato de ter compreendido que através da antropologia é possível empreender um esforço para privilegiar “[...] o diferente e o ponto de vista do pesquisado, sem esquecer que ele é percebido na relação com o ponto de vista de um pesquisador que é diferente de outros” (BANDEIRA, 2012, p. 26). Isso quer dizer que tão presente na antropologia está o papel da alteridade como um recurso para não cairmos em qualquer generalização sobre o humano, criando bases para novos pensamentos. A antropologia é o discurso sobre o Outro, que deixa de ser centrado a partir da lógica do pesquisador e passa a ser relativizado através da vivência do antropólogo entre os nativos e a visão que eles têm deles mesmos.

A Prof^a. Dr^a. Urpi Uriarte do PPG da UFBA assim discorre:

A antropologia é o lugar, dentro do espaço das ciências ocidentais, para pensar a diferença e o antropólogo é aquele que se interessa pelo Outro: um sujeito bastante raro, é verdade, porque, em lugar de querer defender uma identidade, queremos ser atingidos pelo Outro; em vez que nos enraizarmos num território de certezas, buscamos o

desenraizamento crônico que nos leva à busca pelo Outro. (URIARTE, s/d, p. 171).

Por fim, não poderia deixar de lado a influência que a etnografia, método por excelência da antropologia, exerceu em meu processo de escolha. Aquela longa estadia por acaso¹ (para nós um feliz acaso) de Malinowski entre os Trobriandeses o fez pensar sobre o método que vinha sendo usado pela antropologia, em gabinetes. A partir dessa experiência ele propunha a convivência por um longo período do antropólogo entre os nativos, pois somente essa experiência de trabalho de campo lhe permitiria captar “o ponto de vista do nativo”.

O método etnográfico é a forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender. Segundo Magnani (2002), é um olhar de perto e de dentro a partir de arranjos dos próprios atores sociais.

[...] é possível postular, de uma maneira sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).²

Uma vez escolhida a área e considerando as razões citadas, restava-me encontrar um objeto, mas, qual? Sempre a primeira pergunta que me vinha à mente para tentar descobrir a melhor temática era: o que mais gosto? O que mais me atrai ou incomoda? Listas e mais listas eram feitas. E quando pensava ter encontrado algo, vinham outras, como quanto aos orientadores, ao ineditismo ou a sua própria viabilidade ou não dependendo do tema.

Como para cada um tece-se uma história no que diz respeito principalmente à identificação com aquilo que se vai pesquisar, a minha teve seu início nos corredores

¹ Enquanto súdito austríaco, na Primeira Guerra Mundial, ele não poderia integrar a tripulação de um navio inglês, sendo obrigado a ficar por quatro anos entre os Trobriandeses.

² **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Etnografia como prática e experiência. p. 129-156.

da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Paulista (UNESP) de Marília.

Após o fim da aula de Teorias Antropológicas, deparei-me com o Prof. Antonio Braga e perguntei-lhe sobre pesquisas suas na área da Antropologia da Religião. Fiquei surpreso não apenas por saber que sua pesquisa havia sido entre romeiros e carismáticos, mas principalmente por ter me feito lembrar de um tempo que tive contato com pessoas de segmentos pentecostais católicos e protestantes. Foi aí que o professor indagou-me se era de meu conhecimento (dentro do catolicismo) algum segmento no qual pudéssemos pensar uma pesquisa. Imediatamente resumi a ele uma pequena história e a coincidência com o universo carismático por ele freqüentado através de sua pesquisa.

*

Em meados da década de 90, exerci o cargo de Coordenador de uma Associação de Utilidade Pública que realizava trabalhos com jovens presidiários que estavam em regime semi-aberto, jovens dependentes químicos, provenientes de famílias de baixa renda e outros praticantes de esportes e musicistas, objetivando o resgate da cidadania através de eventos culturais. As atividades realizadas na Sede da Associação iam desde Festivais e Campeonatos a Passeios para Reservas Ecológicas no Litoral de São Paulo com jovens em situações de vulnerabilidade social que nunca tinham visto o mar.

Durante esse período, algumas lideranças do movimento carismático passaram a se utilizar da Sede da Associação para a realização de eventos como retiros e principalmente Shows com Bandas renomadas do universo juvenil cristão católico e protestante, favorecendo naturalmente o trânsito e contato de jovens de várias “tribos” da cidade.

À medida que a Sede ia se tornando relativamente um local de encontros e atrações culturais, com pistas de skate, festivais de Rock e Rap, shows e ao mesmo tempo retiros cristãos, jovens carismáticos começaram a se misturar com não carismáticos. O resultado foi que em meio aos vínculos juvenis, líderes, que antes eram ou usuários de drogas, ou membros do tráfico, ex-presidiários, cantores Mc’s de grupos de Rap, ou profissionais do skate, começaram a se *converter*, trazendo novas configurações sociais naquele espaço de sociabilidades.

Foi a partir daí que percebi narrativas sobre práticas religiosas denominadas Vigílias de Oração nos montes tornarem-se corriqueiras e que tais experiências de

alguma forma estavam exercendo um papel importante no mundo social dos jovens em questão.

Por razões não conhecidas por mim naquela época, relatos de sinais divinos e manifestações hierofânicas³ presenciadas nessas práticas logo passaram a ser a tônica do período, fazendo com que o discurso tornasse-se parte do imaginário de um grande número de pessoas que circulavam na Sede.

Tanto por parte de jovens carismáticos como por parte daqueles que outrora estavam envolvidos em criminalidades, podia-se presenciar uma nova configuração identitária emergindo. De um lado jovens católicos carismáticos, do outro jovens sem filiações explícitas a igrejas ou denominações, agora juntos, compartilhando uma mesma prática religiosa fora dos espaços sagrados instituídos, ou dos Templos, Salas de Oração e Paróquias.

As idas aos montes passaram a ser freqüentes, ora por conta da curiosidade que os relatos provocavam, ora pelas mudanças extremadas ocorridas na vida de alguns que iam aos montes. Termos como: *sarça ardente, fogo puro, revelação, visão, carruagem de fogo, arrebatamento, transfiguração, unção do leão, unção de Sansão, irmão do fogo, irmão do re-té-té, guerreiros de oração*, e outros, foram se tornando corriqueiros no dia-a-dia da Sede da Associação que ia se tornando um ponto de encontro de pessoas que demonstravam vivenciar e/ou transmitir um novo padrão de identificação religiosa e pessoal.

Não comunicavam com clareza quais eram suas ligações religiosas institucionais, mas, de alguma maneira, transmitiam uma nova forma de vivenciar a fé, que para mim até então eram inéditas. Suas identificações aparentavam não estarem mais fundadas na tradição cultural, familiar ou social, apesar de não as negarem, mas nos sentimentos ou emoções que eles mesmos diziam vivenciar. As identificações institucionais ficariam em um segundo plano.

Tendo me desligado da Associação, perdi o contato com esse universo por mais de dez anos, mas algumas perguntas que haviam permanecido em mim desde aquela época foram despertadas novamente pelo oportuno diálogo com o Prof. Braga num dos corredores da FFC-Unesp:

- Quem eram aqueles jovens? Quais os sentidos, razões e significados por eles atribuídos às orações nos montes? Essas práticas ainda existem? Que

³ Termo utilizado por Mircea Eliade (1991), que significa a manifestação aparente dos deuses em pessoas ou coisas.

configurações são essas em que a instituição religiosa tradicional é questionada e reinterpretada? O que legitima essa capacidade individual de reinterpretar uma religiosidade ou tradição?

**

O resultado da conversa foi que fechamos uma boa “parceria”. A partir de então, recebi sua aceitação como meu orientador, caso conseguisse confirmar a existência de fenômenos dessa natureza, ou seja, as Vigílias de Oração nos montes.

Ao tentar encontrar pessoas que pudessem me posicionar sobre tais práticas ou grupos com os quais tive contato no passado e que ainda pudessem estar em atividade, descobri que ainda existiam pessoas que estavam realizando as vigílias de oração e que alguns remontavam aquele período de quase 15 anos atrás. O reencontro com os jovens senhores daquela época, alguns agora casados, outros presos e até mortos, despertava e confirmava meu interesse por algo que, conforme as conversas informais iam se desenrolando, apresentava-se a meu ver como uma forma nova de vivenciar a fé.

Algum tempo após a conversa com o Prof. Braga fiz meu primeiro projeto de pesquisa de Iniciação Científica, aprovado pela FAPESP em 2011: *As vigílias de oração nos montes: um olhar antropológico das experiências religiosas entre carismáticos*.

Nessa primeira fase de trabalho propus uma interpretação simbólica do fenômeno valendo-me de Victor Turner. Prossegui com a pesquisa no Mestrado em agosto de 2012 que também foi financiada pela FAPESP. À medida que os trabalhos de campo foram avançando e vendo-me favorecido pelos contatos, a noção de estados liminares ou liminaridade, conforme aponta Victor Turner, passou a ser utilizada como chave de interpretação dessa prática religiosa e como parte do próprio contexto social contemporâneo.

Um ano após ter entrado no Mestrado, em agosto de 2013, foi-me possível fazer um estágio de pesquisa no exterior, observando o universo carismático português, com financiamento pela Bolsa BEPE/FAPESP, em que eu propunha fazer uma comparação entre os carismáticos portugueses e brasileiros tendo as Vigílias de Oração nos montes e as situações liminares como ponto de partida.

Tenho por conta ter sido um de meus melhores empreendimentos acadêmicos. Trabalhando intensamente entre os carismáticos daquele país, fazendo visitas, entrevistas, participando dos grupos de oração, fazendo pesquisas

bibliográficas em literaturas não encontradas no Brasil, em contato com grandes estudiosos do tema como Drs. Joaquim Costa e João de Pina Cabral, pude dar início a um trabalho que ainda não tinha sido realizado no universo da Renovação Carismática Católica (RCC) de Portugal, com apontamentos preliminares de um tipo de RCC envelhecida, endógena e retracionista numa sociedade com nuances de introspecção e idadismo⁴.

Quando do retorno de Portugal pude perceber um volume expressivo de materiais bibliográficos e dados empíricos coletados nos dois países, complexificando o andamento da pesquisa. Ponderei que a seleção desse material seria oportuna para estabelecer algumas etapas na pesquisa: no Mestrado eu faria as bases centrais do estudo através de uma etnografia das Vigílias nos montes, preparando o trabalho para um futuro Doutorado onde eu aprofundaria o tema com uma análise mais detalhada de todo o material coletado.

No contato com esse expressivo volume de material e durante o processo de elaboração desta dissertação, tornou-se-me possível observar, principalmente no tocante à bibliografia, como estão as produções relativas à RCC no Brasil e em Portugal. Dentro dessa temática, além de bibliografia dos estudiosos, também consegui encontrar por meio de interlocutores livros dos próprios fundadores dos movimentos. Mas, o que pude perceber foi que os primeiros textos raramente faziam menção aos segundos, e isso passou a ser, de minha parte, uma questão constante.

Indagava-me por que as pesquisas não recorriam a tais fontes, a não ser como breves citações em que se pontuavam o início do movimento carismático em seu aspecto espacial-geográfico e outras nuances. Além disso, também pude perceber que, muitas vezes, não poucos autores faziam vistas grossas ao movimento pentecostal e com isso produziam textos que pouco contribuíam para a compreensão dessas expressividades sociais, alimentando generalismos.

Tal inquietação⁵ levou-me a construir o primeiro capítulo deste trabalho buscando, dentro de meus próprios limites, preencher lacunas encontradas nos trabalhos anteriores. Tive o intuito de “dar voz” aos próprios fundadores,

⁴ “Refere-se às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas somente numa característica, a sua idade” (MARQUES, 2011, p. 18).

⁵ Talvez, também, a própria formação em Antropologia tenha contribuído para isso, já que a disciplina busca construir narrativas sobre o outro de maneira polifônica, isto é, questionando a arbitrariedade do antropólogo.

possibilitando, assim, análises e comparações pertinentes e não deixar aquém tais descrições do fenômeno.

Admito que essa questão instalou-se profundamente em mim, mas muitas vezes por ela estar além de meus conhecimentos (por alavancar um amplo diálogo com a História, e por esse trabalho se tratar de uma abordagem antropológica) e pela própria questão da escassez do tempo, não sei se fui capaz de resolvê-la. Proponho que novas pesquisas sejam feitas a esse respeito, sem deixar de pontuar que será também uma problemática que levarei para um possível Doutorado.

Outro detalhe que gostaria de destacar foi minha opção por não identificar o nome real das pessoas e da cidade em que é feito o trabalho. Utilizo nomes fictícios e tal escolha, nem aleatória nem simplista, partiu de uma longa reflexão durante a pesquisa.

Quando pesquisava sobre a ética no trabalho antropológico, deparei-me com o Código de Ética da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), que estipula, como direito dos grupos que são objetos de pesquisa, a “preservação de sua intimidade de acordo com seus padrões culturais” (VICTORIA et al, 2004, p. 173). Refletindo mais a fundo, percebi que há uma ampla discussão sobre revelar ou não os nomes na pesquisa, mas o que mais me marcou é que essa definição deve ser apreendida em campo e foi a partir dessa perspectiva que fiz minha escolha.

Ou seja, por conta da convivência entre os carismáticos (desde a década de 90, quando era presidente da Associação e nos quase 4 anos de pesquisa), especificamente, entre aqueles que frequentam Vigílias nos Montes, pude perceber a presença de tensões, fortes divergências e conflitos devido às distintas modalidades presentes nos grupos de oração da Renovação Carismática Católica (RCC) em *Sapucaia*. Nesse sentido, por se tratar de uma pesquisa que aborda um fenômeno não aceito por toda a RCC, ficando inclusive em alguns momentos proibida a sua prática em alguns Grupos de Oração, esta dissertação contém material⁶ que poderia fomentar conflitos internos por abordar entrevistas e episódios com pessoas que relatam condutas divergentes ao determinado pela liderança da RCC e que fogem ao padrão estabelecido.

A divulgação dos reais nomes das pessoas que atendem às características acima, portanto, poderia, além do constrangimento pela exposição a público, trazer

⁶ Relatos, entrevistas, participação de líderes leigos e do clero.

sérias implicações para os mesmos, como a proibição da participação em grupos de oração, de atividades, serviços, pastorais e os temidos “cortes” – situação em que o fiel ou líder não pode mais exercer seu dom, seja da pregação, da oração de cura, libertação, exorcismo etc.

Mariza Corrêa (2007) em uma palestra afirmou que o uso dos nomes reais não deve constranger ou prejudicar os informantes e pensando nesse sentido fiz a escolha de manter as pessoas que participaram dessa pesquisa no anonimato, sem prejudicar o objetivo do trabalho. Destaco que todo o material coletado em campo que aqui foi publicado tem a devida permissão. Buscamos assim fazer uma etnografia que tivesse não somente a qualidade quanto à descrição de uma expressividade cultural, mas também a discricção ou comprometimento ético para com os sujeitos que tornaram possível essa pesquisa, preservando a identidade das pessoas, grupos, cidade e paróquias envolvidas, tornando possível a conservação do universo fenomênico com todas as suas características.

INTRODUÇÃO

Ser religioso é uma dimensão imanente aos seres humanos, que, juntamente a outras, se manifesta por meio da busca de sentido para sua existência enquanto no trânsito histórico de alguns anos pela terra. Esta dimensão se apresenta não deslocada da autoconsciência e reflexão como outrora se pensara, mas, também, com preocupações intelectuais e emocionais que surgem, enquanto ser humano que busca por emancipação, por entender sua existência de forma crítica ou em como lidar com questões básicas de seu cotidiano e seus relacionamentos (ALVES, 2007).

De modo mais abrangente, a dimensão religiosa humana não impede a busca de explicações sobre si e sobre os outros, pelo contrário, também faz questionamentos mais amplos sobre tempo e espaço, inclusive, sobre a ciência, a própria religião e a experiência do sagrado.

Não fora há muito tempo decretara-se *a morte de Deus*⁷. A história continuou e os deuses não morreram, pelo contrário, constataram-se novas efervescências em pleno final do século 20 e início do 21. Em tempos de globalização, liquidez, superestímulos, do virtual e efêmero, das novas tecnologias, de consumismo e da hiper-experimentação, o fenômeno religioso, tão antigo quanto o ser humano, está presente.

Após o desencantamento do mundo (WEBER, 2000), novas formas de religiosidade pulularam em meio ao mundo contemporâneo, demandando análises que pudessem dar conta de sua complexidade (CRESPI, 1988). Inclusive, tornou-se comum falar da religiosidade e de novas formas de vivenciar a fé. Não apenas os dados do último censo de 2010⁸, como o crescimento do número de pesquisas⁹, a

⁷ Nietzsche, F. **A Gaia Ciência**. 1882, seção 108, 125 e 343.

⁸ Os dados apontam que a população brasileira está dividida da seguinte maneira: 64,6%, Igreja Católica (em 2000 eram 73,6%); 22,2%, Igrejas Evangélicas (15,4% antes); 2%, Espíritas (1,3% no Censo anterior); 0,3%, Umbanda e Candomblé (mesma porcentagem dos dados de 2000); 2,7% outras religiões (eram 1,8%); 8% sem religião (eram 7,4%); e 0,1% não sabe ou não declarou (o percentual anterior era de 0,2%) (IBGE, 2012).

⁹ O banco de dados da CAPES mostra que o número de Teses e Dissertações que estão ao redor do assunto **Religião** até 2011 foi de 3.805. Em 1987 foram 9 teses e em 2011 subiu para 404 pesquisas. O número total de trabalhos ao redor do assunto **Carismáticos** desde 1987 é de 265. Subiu de 1 em 1988 para 25 em 2011. Quando o assunto foram os **Pentecostais** o número total de pesquisas somou 349. Em 1987 houve 1 pesquisa, enquanto que em 2011 subiu para 34. Já quando o assunto foi **Experiência Religiosa**, o número apresentado pela CAPES é de pouco mais de 1.000 pesquisas.

consolidação e o surgimento de centros de estudos¹⁰ sobre o tema e a intensa presença na mídia¹¹ unida a essa temática podem comprovar tal assertiva.

Os fenômenos chamados *carismatismo*¹² e *pentecotalismo*¹³ já ocupam espaço em diversas frentes de estudo nos centros de excelência do Brasil. Já se fala em internacionalização e transnacionalização, inclusive, em pesquisa sobre a exportação da fé carismática e pentecostal em que se pensam numa Europa pentecostal via missionários brasileiros¹⁴.

Por estas e outras intrigantes razões, o estudo dos fenômenos religiosos constituem-se atualmente em uma das mais importantes formas na produção e difusão de conhecimento, cabendo-lhes, portanto, contribuir decisivamente na discussão e na construção de propostas que venham responder às demandas e aos interesses nesta área. É nesse momento que os cientistas sociais ocupam um papel privilegiado, pois cabe a eles a compreensão e a explicitação desses e de outros fenômenos sócio-culturais presentes na sociedade.

O presente texto pretende atender a uma demanda que tem se apresentado como possibilidade de fazer uma pesquisa antropológica com certo grau de originalidade e que traga contribuições ao meio científico. Trata-se de um trabalho com vistas à continuidade para um Doutorado e seu conseqüente aprofundamento.

*

¹⁰ **NUER** (Núcleo de Estudos da Religião da UERJ); **NER** (Núcleo de Estudos da Religião da UFRGS); **ISER** (Instituto de Estudos da Religião com mais de 40 anos de trajetória); **NUPPER** (Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião); **Centro de Estudos do Pentecostalismo Latinoamericano** (Criado recentemente como um Projeto de Pesquisa que traz Paul Freston como organizador principal), muitos outros.

¹¹ Até 2010, o banco da Capes registra 78 teses e dissertações que apresentam as palavras “religião” e “mídia” no assunto.

¹² Dispõe-se hoje de boas pesquisas sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil, oferecendo uma boa visão de conjunto. Oliveira *et al*, 1978; Antoniazzi, 1994; Oro, 1996; Prandi, 1997 e Carranza, 2000 compõem apenas o começo da lista.

¹³ São expressões religiosas provenientes da experiência do batismo/efusão/derramamento do Espírito Santo e são acompanhadas por sensações espirituais e subjetivas intensas e as manifestações dos carismas ou dons como as línguas, a profecia, a cura, etc. O carismatismo (de 1967) segue a vertente católica e o pentecostalismo (de 1902) a protestante.

¹⁴ “A Internacionalização do Pentecostalismo brasileiro: rituais, interações e diferenciações que perpassam as fronteiras” – Kachia Téchio, “A conquista espiritual da Europa pelos evangélicos latino-americanos” – Ari Pedro Oro (UFRGS). Temas de palestras proferidas em Lisboa/Portugal no Seminário Internacional Imigração, Religião e Missões: Pentecostalismo e Catolicismo Carismático Brasileiro na Europa no dia 11 de junho de 2012, promovido pelo Centro de Estudos do Pentecostalismo Latinoamericano.

A pesquisa vai tratar de um fenômeno singular e de significativa proporção numa cidade do estado de São Paulo, que ainda é pouco estudado pelas ciências sociais: as Vigílias de Oração nos montes¹⁵ por parte de um grupo da Renovação Carismática Católica (RCC) denominado Guerreiros de Oração na cidade de Sapucaia.

Tem-se percebido um movimento religioso dinâmico, em trânsito, de conflitos e tensões, em que os indivíduos, reconhecendo o controle ou a domesticação de suas experiências religiosas operado pelas instituições, posicionam-se de forma a rejeitá-lo, criando novas maneiras de vivenciar a fé (STEIL, 1995; SILVEIRA, 2008; OLIVEIRA *et al*, 1978; ANTONIAZI, 1994; ORO, 1996; PRANDI, 1997; CARRANZA, 2000).

A problemática desta pesquisa emerge a partir da constatação desse movimento, ou seja, de carismáticos católicos que, visando uma maior liberdade e intensidade em suas experiências religiosas, resolvem ir além das espacialidades da Igreja Católica rumo aos montes, numa espécie de fuga e discordância do controle operado por regras de conduta que, segundo eles, limitam suas experiências.

Algumas situações transformam-se em conflitos devido às divergências teológicas e pastorais e afetam a convivência interna nas dioceses e paróquias (VALLE, 2004). No caso dos carismáticos em Sapucaia, por conta do entusiasmo com que se lançaram a defender e propagar seus princípios e propostas, configurou-se uma situação que até o presente tem-se como singular, em comparação com as revisões literárias e trabalhos de campo efetuados. Daí o interesse pelo fenômeno.

Um dos pressupostos desta situação, segundo Steil (1995) e Silveira (2008), é de que a Renovação Carismática Católica mais se trata de renovações carismáticas com características próprias e distintas, do que um grupo único e homogêneo. Ou seja, por mais que a RCC se apresente como um movimento único, é carregada de várias tendências ou modalidades. Dessa forma, haveria algum ponto em comum entre todas essas modalidades para que se pudesse identificá-las/ agrupá-las como um movimento único, denominado RCC?

¹⁵ É sabido que em Seul, na Coréia do Sul, cidade onde se encontra a maior congregação de fiéis do mundo com mais de duzentos mil participantes por culto, o fenômeno se apresenta quase como parte da vida sócio-cultural da metrópole, por meio da montanha de oração ou os montes de oração. Esta informação foi dada pelo Pastor Fabiano da Igreja Presbiteriana Independente de Sapucaia que relatou em conversa informal em agosto/2012 ter ido para Coréia do Sul juntamente com sessenta pastores do Brasil em junho de 2012.

Sim, o ponto em comum é o Batismo no Espírito Santo. Nisso, todos os carismáticos concordam. Este é o segundo pressuposto: as modalidades carismáticas presentes na RCC estão sob a égide de um mito de origem (o Batismo no Espírito Santo ocorrido em Duquesne-EUA). Porém, como a maneira de vivenciá-lo pode ser diferente, abriu-se o caminho para as distinções que são as fomentadoras dos pontos de tensão, situações que geram o objeto da pesquisa, as Vigílias nos montes.

Nesse sentido, é importante compreender que ao ser incorporado ou institucionalizado sob o nome de RCC pela Igreja Católica, o Mito foi apropriado, mas não dominado¹⁶. Mesmo sendo apropriado, não passou a ser de ordem sacramental ou institucional, mas continuou no âmbito emocional e individual de cada pessoa, podendo ser ministrado independente de instâncias clericais ou vivenciado por qualquer leigo. Com isso, surge uma outra questão: como regular ou controlar um Mito que se manifesta como um tipo de fenômeno dinâmico e catalisador de outros fenômenos?

Sendo assim, a RCC como instituição já reconhecida pela Igreja Católica, não consegue dar conta da dinamicidade do próprio fenômeno em si, porque o Batismo no Espírito – compreendido como um fenômeno em que o ser humano se deixa ser manipulado corporalmente – apresenta-se de modos variados. Em outras palavras, a mesma Igreja que se apropriou do Mito de origem e que depois o institucionalizou dando o nome de RCC, é a mesma Igreja que terá que confirmar ou não todas as outras modalidades carismáticas que continuamente se espalham no Brasil e no mundo.

É nesse sentido que surgem os conflitos e/ou divergências, chamados de *pontos de tensão* (FEITOSA, 2012), porque o discurso de origem da RCC – o Batismo no Espírito ocorrido em Duquesne/EUA – é reapropriado e reinterpretado pela multidão de católicos carismáticos que o legitimam, cada qual em sua modalidade, através de suas próprias experiências individuais, uma vez que, no contexto contemporâneo, a noção de verdade é deslocada do campo da tradição para o campo individual da experimentação (SILVEIRA, 2008).

¹⁶ O termo dominado aqui é empregado com o sentido de não exercer mais força a não ser por meio de quem o domina. Ou seja, pôde-se constatar na pesquisa que o Mito pode até ser apropriado por pessoas, grupos ou instituições, mas não pode ser dominado.

No trabalho de campo pode-se observar a prevalência de um discurso tido como oficial por parte da RCC Nacional do Brasil e suas instâncias Estaduais, Municipais e Diocesanas (SILVEIRA, 2008), que o caminho para se receber o Espírito Santo é através de encontros realizados dentro das espacialidades da Igreja ou Paróquia. Mas, o que se pode observar foi que esse caminho não é único, uma vez que também se tem constatado a experiência religiosa do Batismo no Espírito de variadas formas, inclusive sem que o(s) sujeito(s) esteja(m) nas espacialidades de uma Igreja, criando, com isso, outros discursos dentro do próprio universo da RCC.

Esta situação tem sido atestada no decorrer do trabalho de campo por várias pessoas que receberam o Espírito Santo fora das Igrejas e através de pessoas que não estão ligadas à RCC Oficial. Pondera-se, portanto, que pessoas e grupos têm optado/primado/baseado-se em referências ou verdades pessoais que estejam primordialmente fundadas em suas próprias experiências emocionais, em detrimento ao que antes (pré-modernidade) era tido como referência de veracidade (SILVEIRA, 2008).

Alguém pode vivenciar o Batismo no Espírito em espacialidades fora do âmbito das Paróquias, em um monte, por exemplo, e tal experiência, passará a ser o referencial maior de conduta ou de existência para a pessoa que o vivenciou, e, ainda, fará surgir o seguinte problema: com a experiência do Batismo no Espírito fora da instituição a pessoa será identificada como sendo carismática, católica, guerreira de oração, as três identificações, ou mais uma e menos a outra? Eis o estado liminar. No universo desta pesquisa o grupo analisado, Guerreiros de Oração, passa a apresentar um discurso em que se diz mais católico que os católicos e mais carismático que os carismáticos, apresentando como critério de veracidade suas intensas experiências nos montes, as Vigílias de Oração, saturadas de emocionalismos, transes, extravasamento dos sentidos e manifestações tidas como provenientes do Espírito Santo.

A liminaridade, portanto, será tomada como chave teórica nessa pesquisa para se tentar compreender o grupo em questão: os Guerreiros de Oração. Conforme define Victor Turner (1967, p.97):

A liminaridade pode ser vista como o Não a todas as asserções estruturais, mas também como, de alguma forma, a fonte de todas elas, como o reino da pura possibilidade donde surgem novas configurações de ideias e novas relações.

Uma vez que o ponto de tensão religião/experiência, sagrado domesticado/sagrado selvagem (BASTIDE, 2006), legitimou a fuga do controle da experiência religiosa e a evitação de supostos estranhamentos com a Igreja, buscou-se responder aos seguintes problemas: como compreender este grupo de pessoas que, no intuito de evitar o controle de suas experiências e o estranhamento com a instituição a qual pertencem, passaram a se reunir em locais conhecidos como montes fora dos espaços da Igreja porque se disseram tocados mais intensamente por uma potência? Que sentidos são atribuídos a essas experiências religiosas permeadas de rituais simbólicos próprios e o que querem comunicar e/ou encontrar?

É por esta razão que os relatos e as descrições das experiências religiosas ganham importância neste trabalho.

*

Roberto Da Matta diz que etnografia é a ciência que se dedica a “testemunhar outras humanidades” (1992, p. 58), mas, de que etnografia se está falando neste trabalho?

A entrada em uma “sociedade” – aqui o termo é uma analogia – diferente da qual se pertence provoca estranhezas. Dependendo do grau de distinção existente com a sociedade daquele que adentra uma outra, a estranheza torna-se cada vez mais complexa. Isso porque gerações são necessárias para minimamente poder moldar a outra, que servirá para formar a próxima e assim por diante. Histórias, memórias, tradições, contingências, conflitos, rupturas e continuidades, enfim, múltiplas determinações não apenas constroem o *tecido sócio-cultural* (BERGER, 1985) que formou aquela sociedade como também constituem a matéria prima das subjetividades das pessoas que nela estão inseridas.

Sendo assim, as estranhezas vão se abrandando à medida que se vai entrando em contato com aquela nova sociedade, compartilhando seus horizontes. Feito isto, a etnografia terá a incumbência de descrever, e aqui cabe a ressalva, com os “olhos” daquele que não é o nativo, aquela sociedade. O que se é possível fazer, é diminuir as distâncias até onde seja possível, comparando as próprias teorias com as deles para assim tentar sair com um modelo novo de entendimento, conforme citado acima através de Magnani (2009).

Em síntese, Mattos abrevia nesses termos:

Etnografia é escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo (2001, p. 3).

O mundo das determinações é múltiplo e impossível de ser abarcado em sua totalidade. Por isso, necessário é se fazer as escolhas das determinações a serem utilizadas para a construção da etnografia a partir do que se pode intuir em campo, baseado nas teorias antropológicas. Sabe-se que há maneiras diversas para se tecer uma etnografia das Vigílias de Oração, considerando o que Mattos (2001, p. 1) afirma:

A utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.

Mas, a forma como se pensou em descrever quem são os Guerreiros de Oração, quais os sentidos de suas Vigílias nos Montes e de que maneira poderiam ser entendidos no contexto contemporâneo foi através do que se discerniu ser o cerne do fenômeno, a saber: o campo da pesquisa e o sistema de crenças a ele inerente. O campo, como universo a ser entendido, vai falar não apenas do Mito, mas principalmente da trajetória percorrida por ele, de 1901 até os dias de hoje entre os Guerreiros de Oração, como recurso para compreender os sentidos pelos quais determinadas pessoas vão orar no monte. E o sistema de crenças será os relatos dos fiéis, objetivando captar qual a coerência de suas falas, como compreender quem são e como interpretá-los antropologicamente.

A rigor, fazer etnografia não consiste apenas em “ir a campo”, “ceder a palavra aos nativos” ou ter um “espírito etnográfico”. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o “campo” que queremos pesquisar, um “se jogar de cabeça” no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que almejamos entender, um “levar a sério” sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva (URIARTE, s/d, p. 187).

. No caso desta pesquisa, obviamente, a “sociedade” em questão é um grupo de carismáticos que se intitulam Guerreiros de Oração e o objeto a ser estudado é o que se encontra em seu seio, as Vigílias de Oração nos Montes por eles praticadas. Nesse sentido, considerando *a priori* o cerne do fenômeno citado acima, valendo-se de alguns anos passados na década de 90 e após um período de 3 anos entre o grupo fazendo a observação participante em várias Vigílias de Oração, chegou-se à conclusão, que as determinações básicas – presentes nos dois eixos citados acima – que mais poderiam contribuir para a compreensão do ritual e das pessoas envolvidas são aquelas baseadas nas origens do fenômeno carismático, como: o surgimento do Pentecostalismo Moderno que influenciou no nascimento da RCC; a experiência fundacional da RCC relatada pelos próprios fundadores do movimento; as origens da RCC no Brasil e a fala daqueles que a trouxeram; os relatos dos iniciadores da RCC em Sapucaia; a tensão com a instituição; as experiências religiosas contadas pelos próprios fundadores dos Guerreiros de Oração e, por fim, a descrição da própria Vigília de Oração.

Tal qual o ofício de um antropólogo após longo período entre os “nativos”, pretende-se com este trabalho que o pesquisador tenha conseguido mínima e satisfatoriamente não apenas compreender os sentidos e significados presentes no ponto de vista dos Guerreiros de Oração quanto às Vigílias nos Montes, mas que tenha principalmente conseguido confirmar tais sentidos e significados para eles mesmos na forma de um trabalho etnográfico que “não seja comprometedor, não seja invasor, não seja discriminatório, não seja opressor, ou não seja excludente” com relação às outras vozes (MATTOS, 2001, p. 8).

Carmem Lúcia Mattos ainda completa o que também é compartilhado neste trabalho:

A irônica dificuldade deste trabalho é que, *a priori*, nunca conseguiremos dar conta desta tarefa - descrever o outro sob o ponto de vista dele mesmo. Na melhor das intenções, utilizando instrumentos como o vídeo-teipe, podemos chegar mais perto da ação que está realmente acontecendo, mas isso não é suficiente. Portanto, genericamente é frustrante e insatisfatório o trabalho de pesquisa etnográfica. Essa ironia deve motivar a meditação para o/a pesquisador/ra, mas é o reconhecimento deste dilema que nos impulsiona na tentativa de sua superação deste desafio (MATTOS, 2001, p. 8).

Por esta razão, o que se pretende fazer nesta pesquisa é justamente uma trajetória que dê condições mínimas, suficientes e satisfatórias para um fazer antropológico que propicie tanto ao próprio nativo guerreiro de oração, como ao leitor não guerreiro, ao carismático ou ao pentecostal, condições não apenas de adentrar, mas compreender quem são essas pessoas tanto a partir delas quanto a partir desta etnografia.

Cada parte do trabalho pretende ser como um degrau que levará o leitor ao local desejado e proposto. Por isso, ponderou-se que a opção pela descrição de uma Vigília de Oração no final do trabalho, após vários degraus terem sido galgados – degraus estes indispensáveis para se adentrar no universo dos Guerreiros de Oração – constituiu-se como suficiente para a compreensão da prática religiosa entre os Guerreiros de Oração dentro do que se propôs para a conclusão deste Mestrado em Ciências Sociais.

Quando da possibilidade de um maior aprofundamento sobre as Vigílias nos Montes, supostamente em um Doutorado, far-se-á, além da análise e interpretação dos rituais, a descrição das vigílias de forma a mapeá-las, compará-las e apresentar suas funcionalidades entre as pessoas que as praticam e na sociedade.

O texto organiza-se da seguinte maneira:, o Capítulo Primeiro iniciará abordando sobre o pentecostalismo desde suas origens, até este atingir as igrejas históricas protestantes. A seguir, expor-se-á a chegada do pentecostalismo entre os católicos no ano de 1967, com o nome de pentecostalismo católico. Dando prosseguimento, discorrer-se-á sobre seu início no Brasil a partir da década de 70, sua institucionalização como Renovação Carismática Católica na década de 90, até o surgimento dos pontos de tensão. O capítulo será encerrado com breves considerações sociológicas sobre o movimento no Brasil.

No Capítulo 2, será abordado sobre as diferentes origens do movimento carismático em Sapucaia e suas diferentes correntes, que neste trabalho leva o nome de modalidades, concentrando-se na “experiência religiosa” como substância ou (essência, para os nativos) da RCC que provoca ou cria a modalidade. A seguir, discorrer-se-á sobre as origens de cada modalidade, pontuando o papel de agentes históricos que contribuíram para seu surgimento. Duas foram as modalidades surgidas

em Sapucaia: a de 1977 e a de 1989. A modalidade da década de 80 seria a responsável para gerar a modalidade dos Guerreiros de Oração.

No capítulo 3, far-se-á exposição do surgimento dos Guerreiros de Oração em Sapucaia acompanhada das experiências de seus iniciadores e descrever-se-á uma Vigília de Oração no monte entre eles.

Ainda no capítulo 3, far-se-á uma breve discussão do fenômeno à luz de Victor Turner, enquadrando as Vigílias de Oração nos montes dos Guerreiros de Oração como uma prática liminar.

Pentecostalismo clássico: breves notas de como tudo começou

Chama-se de pentecostalismo clássico as correntes protestantes iniciadas a partir do ano 1901 nos Estados Unidos e provenientes das Igrejas Tradicionais (FRESTON, 1999) que passaram a adotar como fundamento de fé e doutrina a experiência do Batismo no Espírito Santo ocorrido no dia de Pentecostes, com seus dons e carismas, manifestado ou expresso através de performances corporais distintas se comparadas aos que ocorriam nos períodos subsequentes. Alguns autores também o chamam de pentecostalismo moderno (MATOS, 2006). Para Corten (1996, p. 44) “o batismo dos pentecostais não é um batismo sacramental, é um batismo emocional”, ou seja, é um sentimento intenso do contato com Deus. Esse sentimento manifesta-se no “falar em línguas” do qual a igreja é testemunha.

É considerado por estudiosos do assunto (SYNAN, 2009; FRESTON, 1999); BARRETT, 1997; CAMPOS, 2005; MATOS, 2006) o fenômeno mais importante da história do cristianismo moderno por conta de acontecimentos que influenciaram e repercutiram na fé cristã ao redor do mundo até os dias atuais. O título *mais importante da história* é por figurar quantitativamente o contingente de meio bilhão¹⁷ de adeptos segundo especialistas (SYNAN, 2009), e, qualitativamente, pelos seguintes fatores: por ter provocado mudanças profundas no quadro do cristianismo mundial rompendo uma série de padrões que caracterizavam as igrejas cristãs tradicionais, seja propondo outras interpretações teológicas de culto, seja pelo aspecto transformador na vida daqueles que diziam vivenciar tal experiência, como um divisor de águas; por estar presente em todos os continentes e, por se constituírem um público socialmente relevante a ocupar espaços cruciais na sociedade, principalmente nos países em que se difundiu amplamente.

A experiência pentecostal remete-se a um episódio fundante na cultura judaico-cristã ocorrido na festa de Pentecostes no período da Igreja Primitiva, por volta do ano trinta da era cristã. Relatos bíblicos discorrem que logo após a ascensão de Jesus ao céu, na cidade de Jerusalém, os apóstolos de Jesus juntamente com mais

¹⁷ D. B. Barrett (1997) aponta que em 1970, 6% da população cristã mundial – 74 milhões de pessoas – era pentecostal ou carismática; em 1997, a estimativa era de 27%, o equivalente a 497 milhões de cristãos; enquanto a sua projeção para o ano 2025 é de 44% de cristãos, totalizando cerca de 1.140 bilhões de pentecostais e carismáticos caso se mantenham as atuais tendências.

cento e vinte pessoas permaneceram reunidos num lugar chamado Cenáculo quando ocorreu a vinda do Espírito Santo sobre eles.

A experiência tornou-se uma espécie de rito de passagem que provocou transformações e sensações variadas como: sentiram-se cheios de uma força (*dinamus* no grego), passaram a falar em línguas disitintas, que não a deles, e se apresentaram sobressaltados em transes aparentando estar embriagados à vista dos outros e mudaram seus estados psicológicos de medo para intrepidez. O relato bíblico prossegue apontando que os apóstolos falavam uma língua que os estrangeiros ali presentes entendiam. Todo o episódio é descrito no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 1 a 13, presente tanto nas edições católicas como protestantes.

Como qualquer outro movimento sócio-cultural que surge entre os processos históricos, o pentecostalismo clássico ou moderno não poderia ser diferente. Apesar de ter iniciado no século XX, foram situações¹⁸ ocorridas na área rural e urbana nos Estados Unidos da América (EUA), que contribuíram para seu surgimento.

No texto *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro*, publicado na Revista USP, Leonildo Silveira Campos (2005)¹⁹ relembra que no decorrer de 150 anos, séculos XVIII e XIX, concomitantemente aos processos históricos inerentes à constituição dos EUA, o campo religioso estava sendo sacudido por efervescências fazendo com que se abrissem espaços para diversas manifestações naquele universo cristão majoritariamente protestante.

Apesar desse período não ser o foco da pesquisa, a título de contextualização, destaca-se que nos séculos XVIII e XIX ocorreram preliminarmente os primeiros grandes despertamentos²⁰ que culminariam no pentecostalismo tipificado como clássico a partir de 1901 (FREESTON, 1999).

¹⁸ As imigrações (europeus protestantes e católicos), os efeitos da guerra civil, a questão étnica, os Grandes Despertamentos, a questão da urbanização, os *camp meetings* (acampamentos) nas áreas rurais.

¹⁹ Professor de Sociologia da Religião no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

²⁰ O Grande Despertar ou Despertamento refere-se a três movimentos de avivamento protestante nos EUA. O Primeiro Grande Despertamento, foi um período de alta atividade religiosa, principalmente no Reino Unido e nas colônias da América do Norte entre 1730 e 1740. O Segundo, nas décadas de 1790 a 1840. O Terceiro, no final de 1850 até 1900.

[...] a explosão de movimentos voltados ao ideal de santificação oferecia às pessoas traumatizadas por uma guerra civil²¹ terrível, pela falta de um norte seguro, ou então deslocado pela mobilidade populacional, algumas ilhas de certezas. Assim, o “cinturão da Bíblia”²² e as comunidades emocionais seriam ricas oportunidades para o encontro de regras seguras, inflexíveis e indiscutíveis para a vida cotidiana. Em outras palavras, enquanto a demanda por vida espiritual crescia, a população buscava reconstruir a nação, e o caminho da religião seria um dos mais criativos para isso (CAMPOS, 2005, p. 105).

Para Campos (2005), até que chegassem entre os católicos, os movimentos pentecostais que surgiram nos EUA tiveram como causas as insatisfações com relação à igreja oficial²³, as situações fronteiriças dos imigrantes, as questões étnicas²⁴, o desamparo social em função da guerra civil, a urbanização e o desejo de uma religiosidade pragmática²⁵ como solução para os problemas (CAMPOS, 2005). Além destas, Campos prossegue afirmando que as próprias características presentes no campo religioso protestante – o direito ao livre exame das Escrituras, o sacerdócio de todos os cristãos e a liberdade de expressão e associação – serviram para o desenvolvimento do pentecostalismo.

As atividades voltadas para a promoção de uma vida espiritual mais intensa e fervorosa tornaram-se uma característica permanente no cenário religioso norte-americano sob expressões como o *camp meetings* (encontros de avivamento) das zonas rurais e o *Holiness Moviment* (movimento de santidade) no campo urbano (CAMPOS, 2005).

²¹ **Guerra Civil Americana**, também conhecida como **Guerra de Secessão** ou simplesmente **Guerra Civil Americana**, foi uma guerra civil travada entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos. A guerra teve sua origem na controversa questão da escravidão, especialmente nos territórios ocidentais. As potências estrangeiras não intervieram na época. Após quatro anos de sangrentos combates que deixaram mais de 600 mil soldados mortos e destruíram grande parte da infraestrutura do sul do país, a Confederação entrou em colapso, a escravidão foi abolida, um complexo processo de reconstrução começou, a unidade nacional retornou e a garantia de direitos civis aos escravos libertos começou.

²² O Cinturão Bíblico é uma região dos Estados Unidos onde a prática da religião protestante faz parte da cultura local. O *Bible Belt* está localizado na região sudeste dos Estados Unidos, devido às fundações coloniais do protestantismo; a origem de seu nome deriva da grande importância da Bíblia entre os protestantes.

²³ A insatisfação dava-se por conta da ausência de soluções mágicas, de experiências subjetivas emocionais e conseqüentemente de um pragmatismo, presente na cultura norte-americana, no âmbito da religião protestante. “Simplificando-se os fatos, pode-se dizer que o protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia.” (BERGER, 1985, p.124).

²⁴ Vai apontar sobre a supremacia moral e intelectual dos brancos em detrimento a dos negros (CAMPOS, 2005).

²⁵ É o tipo de religiosidade prática em que se buscam soluções espirituais imediatas aos problemas da vida cotidiana (CAMPOS, 2005).

A fertilidade do terreno social estimulava o crescimento da semente pentecostal conforme discorre Campos (2005, p. 106):

Por isso, o período de industrialização, mobilidade populacional, urbanização e aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento concreto dos pobres tornou quase necessário que o pentecostalismo viesse beber no poço da tradição reavivalista²⁶. Entretanto, se os grandes avivamentos se espalharam por uma América ainda rural, os movimentos de santidade e o pentecostalismo iriam operar dentro de um contexto urbano e industrial.

[...] as cidades da América [que] atravessavam uma fase de desenvolvimento extremamente veloz estavam repletas de imigrantes que “esperavam ter oportunidade de fazer fortuna e elevar o seu *status* social”. No entanto, muitas dessas pessoas “sofriam uma decepção e viam frustradas uma e outra vez suas esperanças terrenas”. Nesse caso, as cidades se tornavam “um lugar onde naufragavam as aspirações, como também onde se podia fazer fortuna e desfrutar das confortáveis condições de uma subsistência segura”.

Além disso o despontar de lideranças, homens e mulheres, provocava turbulência nas igrejas reformadas protestantes que faziam com que se acelerasse o surgimento de divisões e manifestações entusiásticas e carismáticas, numa espécie de pré-pentecostalismo. Tudo ocorria ao mesmo tempo em que a nova cultura americana se consolidava.

Outro destaque importante apresentado por Campos foi que:

A fé despertada era avessa ao intelectualismo, à teologia e às instituições teológicas formadoras de um clero esclarecido. Com isso a religião cristã tornava-se prática, colada aos problemas de vida cotidiana, aos quais procurava apresentar soluções espirituais. O pentecostalismo herdaria esses e outros traços culturais norte-americanos (2005, p. 106).

Parece um pouco contraditória a afirmação acima, quando diz que a fé despertada era avessa ao intelectualismo etc, principalmente por se tratar da sociedade norte-americana. Com relação ao termo “fé despertada”, empregado por Campos (2005), entende-se que o mesmo não se refere à fé cristã das igrejas tradicionais que já existiam antes da chegada do pentecostalismo (fé Luterana (séc. XVI), Anglicana Episcopal (séc. XVI), Presbiteriana (séc. XVI), Quaker (séc. XVII), Batista (Séc. XIX) ou fé Católica). Campos está se referindo particularmente ao

²⁶ Ou seja, dos *camp meetings* e do *holiness moviment*.

pentecostalismo, ou seja, a nova modalidade de fé protestante que emergia onde, nesse contexto, o clero intelectualmente preparado e inclinado à liturgia é rejeitado em favor de novos líderes leigos que mais adequadamente satisfazem as necessidades emocionais dos fiéis desta religiosidade.

É sabido sobre o papel essencial da religião para o estado democrático norte-americano. O jovem aristocrata francês, Tocqueville, que afirmava sobre o caráter essencial da religião discorre em sua obra prima *A Democracia na América* o quão importante fora o aspecto religioso dos EUA no século XIX. Para Tocqueville (1998), o primeiro passo que a religião toma ao servir à democracia é oferecer aos homens “uma solução clara, precisa, inteligível para a multidão, e bastante durável” (TOCQUEVILLE, 1998, p. 333), ou seja, a religião dá aos homens respostas acessíveis acerca da sua natureza, criando um consenso e uma estabilidade que fundamentam os costumes.

Entretanto, o que está a ocorrer de novidade nas circunstâncias de início do século XX, numa sociedade em que a fé exerce um papel essencial, é o surgimento de um novo “sistema cognitivo” (VALE, 2004) provocado pela religiosidade pentecostal protestante. Nesse tipo de religiosidade, a maioria das pessoas a aderirem são os pobres religiosamente deserdados e os provenientes dos estratos mais baixos da sociedade como os negros e descendentes de escravos, as mulheres e os velhos. Segundo Campos (2005) eram pessoas avessas ao intelectualismo, à teologia e às instituições teológicas formadoras de um clero esclarecido, por isso, também, o fato da religião se expressar em termos emocionais.

Na primeira metade do século XX, o pentecostalismo havia se destacado como sendo o mais eficiente instrumento de revitalização da fé no protestantismo norte-americano. Os primeiros grupos de católicos carismáticos talvez tenham experimentado o mesmo que os crentes com quem conviviam nos aglomerados urbanos de classe média e puderam, assim, perceber que o “batismo do Espírito” não só reanimava a fé individual como liberava energias para uma poderosa ação evangelizadora. [...] Essa experiência pessoal e intransferível, direta do poder e da presença de Deus, é reforçada pelas práticas e rituais que distinguem os carismáticos de outros grupos da Igreja. Deste ponto de vista, o que se passa em um grupo carismático não é o que se observa em outros movimentos católicos com os quais a RCC tem alguns traços em comum, como o Neocatecumenato, o Opus Dei ou mesmo os Cursinhos de Cristandade. [...] O impacto que as pessoas sentem na “experiência do Espírito” costuma ser forte. Atinge a fundo

os indivíduos. Na maioria dos casos, pode-se usar o conceito psicológico de conversão para designar o que se passa no âmbito pessoal do carismático impactado pela presença do espírito. Depois de uma tal experiência, a pessoa se percebe como tendo “nascido de novo”; é uma nova criatura. (VALLE, 2004, p. 101-102).

Valle (2004) prossegue seu argumento apontando dois aspectos nesse processo chamado conversão. A antropóloga Hulda Stadtler (2002) destaca que traços da personalidade são reorganizados criando-se uma outra identidade social agora baseada em novos vínculos, papéis e percepções do mundo externo. Isto vale para os sentimentos de pertença e adesão ao grupo novo em que se entra pela via do batismo no Espírito. Entende-se, portanto, que a forma como experiência da conversão e do batismo no Espírito Santo vai ser vivenciada, irá condicionar potencialmente a forma como a pessoa concebe o mundo social e religioso. Em outras palavras, no âmbito da corporalidade, a experiência com o Espírito Santo está condicionada ou perpassa processos de vivência e construção sócio-cultural.

Valle (2004, *apud* Stadtler, 2002, p.102,) assim descreve:

Razões pessoais para a conversão podem ser consideradas como pontos de partida especiais para compreender os vínculos entre mudanças nas concepções de si mesmo e a aquisição do que Gilberto Velho descreveu como um novo “sistema cognitivo”. Alterar a concepção particular de si mesmo leva a uma crescente reavaliação do “estar-no-mundo”, além de uma complexa construção de explicações para os eventos que correm no mundo. No caso do Pentecostalismo, a possibilidade de tornar-se um membro especial do povo de Deus – como um profeta, por exemplo – deflagra uma revolução simbólica, e um tipo específico de reestruturação cognitiva.

A forma de manifestar a fé verificada nesse tipo de movimento, segundo Vale (2004), apresenta os seguintes efeitos na vida de quem o vivencia:

1. É instrumento eficiente de revitalização da fé do próprio protestantismo;
2. É de forte e imediato impacto sobre a vida dos fiéis;
3. Propicia a liberação de energias que, segundo os fiéis, é atribuída à experiência pessoal e direta do poder de Deus pelo Batismo no Espírito;
4. Provoca mudanças nas concepções de si mesmo, reavaliação do estar no mundo e uma complexa construção de explicações para os eventos que correm no mundo;

5. Dá a possibilidade de se tornar um membro especial do povo de Deus – com dons e carismas – deflagrando uma revolução simbólica e um tipo específico de reestruturação cognitiva.

Isso não quer dizer que os Pentecostais tornaram-se apolíticos, apartidários ou ausentes na construção da sociedade norte-americana, mas que os mesmos estavam aderindo a uma religiosidade prática, colada aos problemas da vida cotidiana, que apresentasse soluções espirituais de maneira mais imediata (CAMPOS, 2005).

É oportuno destacar que as primeiras manifestações pentecostais ou o pentecostalismo dentro de um formato único e fechado e resultante dos processos citados acima se deram apenas no início do século XX em Kansas e na Califórnia e despertaram ao mesmo tempo revoltas, rupturas, mas também adesões. Era o formato lucano, baseado majoritariamente no livro dos Atos dos Apóstolos, e, o formato pneumatocêntrico, centralizado no Batismo no Espírito Santo (MATOS, 2006). Este foi acompanhado pelo uso dos carismas ou dons do Espírito (glossolalia, profecia, cura e outros) e, também, pelo aspecto irracional das experiências religiosas como transe e/ou êxtases.

Esse formato pentecostal foi manifestado primeiramente em Topeka, no Kansas, em 1901²⁷, com Charles F. Parham²⁸, e, com William J. Seymour²⁹, em 1906, na Rua Azuza, Los Angeles, Califórnia. Nesse sentido, não se pode falar que tenha sido o início do pentecostalismo, mas uma continuidade dos processos anteriores

²⁷ Conta-se que, desde 1895, uma freira italiana, Elena Guerra, inspirada por revelações divinas de que o Espírito Santo deveria agir novamente sobre a Igreja, escrevera várias cartas ao Papa, pedindo pela pregação permanente sobre o Espírito Santo. Diz-se que atendendo ao apelo, Leão XIII publicou três encíclicas incentivando uma maior devoção e abertura ao Espírito de Deus. Foi a partir disso que no dia 01 de janeiro de 1901, o Papa Leão XIII faz a seguinte oração: “*Veni, Creator Spiritus*”.

²⁸ Na virada para o século 20, em 01 de janeiro de 1901, o Pastor da *Holiness Church* Charles Parham, ex-pastor metodista, estudava o tema dos carismas e orava, recusando-se a admitir a ideia de que tais manifestações Espírito Santo tivessem sido reservadas à igreja primitiva. Recebeu confirmação desta sua intuição quando Agnes Ozam se pôs a falar em línguas depois da imposição das mãos (HÉRBRARD, 1992; MANSFIELD, 1992; SYNAN, 2009).

²⁹ William Joseph Seymour era filho de ex-escravos de Centerville, Louisiana. Aprendeu a ler e escrever sozinho e durante algum tempo estudou na escola bíblica de Charles Fox Parham em Topeka, Kansas. Seymour aceitou a doutrina do batismo do Espírito Santo exposta por Parham e começou a ensiná-la em uma igreja Holiness em Los Angeles até acontecer o episódio do avivamento da rua Azuza em 1906.

avivalistas e puritanos e uma demarcação que agora se manifestava em um formato mais claro. O professor de história Alderi Souza de Matos³⁰, assim discorre:

As reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. Até setembro, 13.000 pessoas passaram pelo local e ouviram a nova mensagem pentecostal. Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que estava ocorrendo e muitos deles acabaram se rendendo ao que presenciaram. (2006, p. 32).

Como comentado no início, outra característica que legitima a importância e o alcance do fenômeno como um dos mais importantes do século XX foi a adoção da abordagem pentecostal pelas igrejas históricas. Dentro da Igreja Católica o pentecostalismo ficou conhecido primeiramente como pentecostalismo católico e depois como renovação carismática católica e nas igrejas reformadas protestantes como movimento de renovação, renovação carismática ou igrejas renovadas (CAMPOS, 2005; SYNAN, 2009). É o que se verá a seguir.

1.1 A chegada do pentecostalismo moderno em igrejas protestantes

O sociólogo português Joaquim Costa (2006) discorre no texto *Sociologia dos novos movimentos eclesiais* que no início do século XX depressa se fez sentir a reação das igrejas protestantes tradicionais. Com relação ao pentecostalismo, particularmente as metodistas contribuíram para a cisão que criaria as igrejas pentecostais, dentre elas a Assembléia de Deus.

Características doutrinárias pentecostais não eram abraçadas pelas igrejas protestantes tradicionais, algumas delas, inclusive, chamadas de “[...] povo gelado de Deus.” (SYNAN, 2009, p. 210). Durante esse período, se por ventura um membro da igreja ou pastor expressasse abertamente tais pontos de vista, eles se separavam de sua denominação mais velha, voluntária ou involuntariamente.

³⁰ Ministro presbiteriano, professor de história da igreja no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em São Paulo, e historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Costa (2006, p. 122) prossegue apontando que “a onda evangélica das últimas décadas veio acentuar a sensação de dispersão caótica à volta deste tipo de religiosidade”. Meio século se passou, desde o episódio ocorrido na escola teológica de missionários de Charles Perham, para que ocorresse uma certa estabilização pentecostal que levasse ao diálogo com as confissões clássicas (episcopaliana, luterana, presbiteriana).

Vinson Synan (2009) aponta que durante seis décadas (1901-1960) o pentecostalismo foi excluído do que se considerava como o cristianismo respeitável nos EUA e no mundo. Isto porque eram barulhentos e, para alguns, desordeiros. Algumas práticas como falar em línguas, profecias e a expulsão de demônios eram tidas como uma espécie de produtos bizarros da ignorância religiosa e de um entusiasmo descontrolado. Acima de tudo, naquele período, “os pentecostais eram pobres, desprivilegiados, sem instrução e alheios às últimas tendências tecnológicas que interessavam à maior parte do protestantismo” (SYNAN, 2009, 205).

Synan (2009, p. 208), atribui ao pastor episcopal Dennis Bennet, da “rica” (2009, 208) Igreja Episcopal (Anglicana) de São Marcos, em Van Nuys, Califórnia, em 1960, o início da inserção do pentecostalismo nas igrejas tradicionais. Depois de falar em línguas, “foi pressionado por sua congregação e pelo bispo a exonerar-se da igreja” (SYNAN, 2009, 206). Entretanto, sua experiência pentecostal não apenas causou grande impacto no meio social³¹, sendo inclusive divulgado pela mídia, como provocou uma grande adesão de pastores e leigos ao movimento iniciado por ele na Igreja Episcopal de São Lucas, em Seattle, Washington. A paróquia de São Lucas tornara-se uma espécie de “centro de renovação carismática não somente para a Igreja Episcopal, mas também para muitas igrejas e pastores de várias denominações naquela região dos Estados Unidos” (SYNAN, 2009, p. 213). “Não eram só episcopais que freqüentavam as reuniões: entre as centenas de pessoas que lotavam a igreja, estavam batistas, metodistas, católicos e presbiterianos.” (SYNAN, 2009, p. 214). Mesmo não tendo sido o primeiro pastor tradicional³² a falar em línguas, ele conseguiu transmitir a corrente espiritual através de uma boa estruturação de propagação do fenômeno.

³¹ Revistas como a *Time* e a *Newsweek* deram ampla cobertura ao incidente, “transformando Bennet numa figura controversa da noite para o dia” (SYNAN, 2009, 210).

³² Synan (2009, p. 211) aponta um clérigo episcopal, pároco da Igreja Episcopal da Trindade, em Wheaton, Illinois, Richard Winkler, como o primeiro pastor tradicional a ser batizado no Espírito Santo e a falar em línguas.

Já no entender de Monique Hérbrard (1992, p. 12), foi a partir de 1962 que o pentecostalismo atingira as igrejas tradicionais históricas, quando, por meio de um pastor pentecostal sul-africano chamado David du Plessis, o “senhor pentecostes”, reuniram-se em torno de quarenta pessoas provenientes das igrejas episcopalianas e luteranas em Ohio.

Conta-se que ele fora avisado por uma profecia em 1936 que uma renovação do mundo estaria prestes a começar; que viria através das igrejas de uma maneira nova e de que o Senhor teria intenção de se servir dele para propagar esta renovação. “David du Plessis foi anunciar essa revelação à assembléia dos pastores do futuro Conselho Ecumênico das Igrejas. Para sua grande admiração, não só foi acolhido como apaixonadamente escutado.” (HÉRBRAD, 1992, p. 12).

De qualquer maneira, várias paróquias episcopalianas e luteranas dos Estados Unidos passaram a ser atingidas por uma renovação do Espírito Santo por meio de seus pastores. Mas foi a alta ala da Igreja Episcopal americana a primeira a sentir o impacto do movimento pentecostal. Isso influenciou dezenas de milhares de anglicanos até atingir a Igreja Católica.

O pentecostalismo nas igrejas tradicionais reformadas sob o nome de renovação ou igrejas renovadas chegou ao conhecimento do Padre William Lewis da Igreja Episcopal Anglicana *Christ Church*, em Pittsburgh. Foi por meio dele que quatro jovens católicos adentrariam a esse universo e se começaria o movimento da Renovação Carismática Católica.

1.2 O surgimento do pentecostalismo católico

No processo de revisão bibliográfica para a construção desta dissertação, percebeu-se importante, no que tange aos estudos³³ dentro dessa temática, pontuar

³³ Desde Dom Cipriano Chagas, monge beneditino, que fez em 1976 o primeiro trabalho acadêmico brasileiro sobre a RCC para obter o título de Mestrado em Teologia Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O trabalho seguinte tratou-se de uma pesquisa sociológica encomendada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) e foi realizado por Pedro Ribeiro de Oliveira. Reginaldo Prandi, em seu livro *Um Sopro do espírito (1997)*, fez um balanço sobre as bases da RCC, além de compará-las com outros movimentos da própria Igreja, tais como as CEBS (Comunidades Eclesiais de Base) e a Teologia da Libertação. Brenda Carranza em sua tese de mestrado *Renovação Carismática Católica: Origem, Mudanças e Tendências (1998)* fez um levantamento sobre a chegada da RCC no Brasil, identificando ainda os ideais e a utilização da imagem de Satanás dentro do movimento. Leila Maria Massarão (2002), com uma dissertação em História que estudou a expansão e a formação do movimento carismático católico, sua inserção nas estratégias da Igreja Católica pós Concílio Vaticano II e seus

a ausência ou a insuficiência de algumas fontes importantes, dentre as quais as fontes bibliográficas dos protagonistas do movimento pentecostal católico e protestante.

Observou-se, inclusive, que algumas obras sequer utilizaram uma das fontes básicas da origem do movimento, que são de dois autores norte-americanos que estavam presentes naquele período em que o pentecostalismo católico nasceu: Patty Mansfield (1992) e Kevin Ranagahn (1972).

No entender desta pesquisa, trabalhar os relatos coletados pelos próprios fundadores do pentecostalismo católico é de importância ímpar para uma abordagem que busca compreender o fenômeno desde suas origens para em seguida propor uma descrição, no intuito de diminuir as distâncias com relação ao objeto analisado por meio de relatos pessoais de quem estava lá, proporcionando maiores possibilidades para o desenvolvimento de comparações, assertivas e considerações.

No que se refere ao surgimento do pentecostalismo católico nos EUA, propôs-se deixar que os próprios iniciadores falassem. Nesse sentido, conforme será percebido no desenvolvimento da leitura, os protagonistas do pentecostalismo católico atribuem sua origem à figura do Espírito Santo, abrindo espaço para que as Ciências Sociais interpretem suas falas e relatos apresentados neste trabalho. Sendo assim, optou-se não negligenciar ou ausentar esse material bibliográfico.

1.2.1 Os Cursilhos

Cursilho era o nome dado para os "pequenos cursos" ou o "encontro de três dias" (sexta à noite, sábado e domingo) realizados pelo Conselho Diocesano dos Jovens da Ação Católica na Espanha. Eram encontros aplicados a outros jovens membros dos grupos da Ação Católica como um meio de formação para se tornarem católicos eficazes no sentido de vivência da proposta cristã, da divulgação da fé católica, da penetração cristã incisiva no mundo do trabalho, sobretudo na estrutura

conflitos dentro do quadro religioso brasileiro, especificamente em relação à Igreja Católica. Emerson Sena da Silveira com a tese que virou o livro *Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos* (2008) publicou no mesmo ano que Eliane Oliveira defendeu sua Tese sobre a Canção Nova. Carlos Steil, Ari Oro, Cecília Mariz, Maria das Dores Machado e Raymundo Maués são outros nomes importantes no Brasil que pesquisaram essa temática.

social. (COMBLIN, 1983 apud CARRANZA 1998). O primeiro Cursilho nos Estados Unidos foi realizado em Waco, Texas, em 1957.

Houve dois pontos que marcaram o contexto religioso dessa época, principalmente nos Estados Unidos. O primeiro ponto a ser destacado foi que um ano depois da realização do primeiro cursilho, conforme aponta o historiador norte-americano Dolan (2003), os católicos tiveram um motivo para se alegrar: a eleição de um novo Papa, o italiano e ex-sargento de guerra Angelo Giuseppe Roncalli, João XXIII, *the people's pope* (o Papa do povo) e o Papa Bom.

Sua chegada criou um sentimento de emoção entre os católicos, especialmente, por seu calor humano, humor e abertura que chamaram a atenção de todos. Além disso, João XXIII convocou em 11 de outubro de 1962 um concílio ecumênico, o Concílio Vaticano. O Papa explicara as razões para esta convocação: pretendia levar a Igreja para os dias atuais e para conseguir tal objetivo procurou estabelecer um diálogo com pessoas de outras religiosidades e com o mundo além da Igreja.

Para o historiador Mark Massa (2010), que se dedica em analisar a experiência católica norte-americana, o período entre a Primeira e a Segunda Câmara do Vaticano, cerca de 1860 a 1960, fora um momento atípico, pois o catolicismo permaneceu praticamente o mesmo. Mas, a partir da convocação do Concílio Vaticano II e de suas drásticas mudanças, a maioria dos católicos norte-americanos deixaram de pensar que tudo continuaria como sempre foi. O impacto fora tão grande, sobretudo por ter afetado em como as pessoas passariam a perceber o mundo.

Mark Massa (2010) também destaca que os movimentos sociais da década de 60 contribuíram para a fundação da nova consciência católica entre os norte-americanos. Em pouco tempo a tímida comunidade católica destacou-se como uma peça chave da sociedade americana, e além de mais conscientes, tornaram-se mais participativos e reivindicadores, a ponto de se presenciarem padres, alunos de universidades católicas e leigos fazendo protestos e a constatação de reuniões de oração interdenominacionais com católicos e protestantes rezando juntos pela paz (DOLAN, 2003).

As figuras-chaves do início foram o Padre Gabriel Fernandez e dois pilotos da Força Aérea Espanhola, Bernardo Vadell e Agustin Palomino, que estavam treinando com a Força Aérea dos Estados Unidos. Padre Gabriel tinha chegado em Waco em 1955, a partir de Espanha, onde ele tinha feito seus três dias sob dois dos fundadores

do movimento, o padre Juan Hervás e Eduardo Bonnin (CARRANZA, 1998). O sacerdote e os aviadores foram os responsáveis por colocar os dois primeiros fins de semana dos chamados Cursilhos nos EUA.

Ano após ano, o movimento cresceu até atingir uma organização a nível nacional em 1965, em que foi organizada uma reunião de caráter nacional, estabelecendo-se o Gabinete Nacional dos Cursilhos (atualmente em Dallas, Texas).

Uma das protagonistas do pentecostalismo católico, Patti Mansfield destaca:

Um fato digno de registro, pela sua importância, foi o impacto causado pelo Movimento dos Cursilhos sobre o pessoal de Notre Dame e de Duquesne que veio, posteriormente, a constituir a liderança da Renovação Carismática Católica (1993, p. 11).

Ademais, conforme ainda descreve Mansfield, os cursilhos realizados na Universidade de Notre Dame (estado) eram tão intensos que se configuraram como verdadeiros encontros pentecostais, apenas não sendo representados formalmente como tais por questões que não foram levadas adiante. Nesse sentido ela discorre:

Efetivamente, houve um momento de glossolalia (orar em línguas estranhas) em uma das reuniões de oração realizadas no apartamento de Phyl O'Mara em 1965. Foi paralisada pelo líder da reunião, que não entendeu o que estava acontecendo. Depois que o companheiro de quarto de Phyl, Ralph Martin teve a sua dramática conversão num cursilho, ele também, falou em línguas, um mês mais tarde, mas, na ocasião, não teve consciência do que se tratava. Os cursilhos daquela época em Notre Dame eram acompanhados de acontecimentos miraculosos, curas, discernimento de espíritos e preces atendidas. (1993, p. 12 e 13)

Aqui começa a história da RCC, pois alguns de seus iniciadores eram líderes membros do movimento cursilhista e estavam participando da Convenção Nacional de Cursilhos em agosto de 1966. Eram eles os professores Ralph Keifer e esposa, Patrick Bourgeois, William Storey e os professores da Universidade de Notre Dame, Steve Clark e Ralph Martin. (HÉRBRAD, 1992; MANSFIELD, 1995; MONLÉON, 1998; RANAGHAN, 1972).

Relatos que se constituíram fontes primárias do nascimento da RCC e que se transformaram em livros – *Como um novo Pentecostes*: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica, de Patti Mansfield (1995) e *Católicos Pentecostais*, de Kevin e Dorothy Ranaghan (1972) – atestam que esses

professores eram católicos que se dedicavam a algumas tarefas na Igreja que frequentavam, mas que estavam insatisfeitos com suas próprias religiosidades. Conta-se, segundo as obras citadas acima, que ansiavam por uma experiência religiosa suficientemente sensível e capaz de operar uma transformação quanto à maneira de vivenciar a fé.

É como discorre Ranaghan (1972, p. 16):

A despeito de tudo isso, sentiam que alguma coisa estava faltando em sua experiência individual cristã. Não podiam precisar exatamente, mas de algum modo havia um vazio, uma falta de dinamismo, um enfraquecimento em sua vida de oração e ação, como se sua vida cristã fosse algo criado por si mesmos, como se se movessem para a frente sob a influência do seu poder pessoal, da sua própria vontade. Parecia-lhes que a vida cristã não devia ser uma conquista puramente humana.

Os mesmos passaram a acreditar que não apenas a ação humana poderia levá-los a tal intento, mas somente uma intensa experiência religiosa aos moldes do que se encontrava escrito em relatos bíblicos e no testemunho de alguns protestantes, ambos sobre as experiências com o Espírito Santo³⁴ (MANSFIELD, 1995; MONLÉON, 1998; PRANDI, 1998; RANAGHAN, 1972).

Steve Clark relatou aos colegas que tinha acabado de ler um livro, segundo ele intrigante, chamado *A cruz e o punhal* (WILKERSON, 1983). O mesmo referia-se a uma história ocorrida com um pastor protestante pentecostal³⁵, David Wilkerson, de uma pequena cidade a 200 km de Nova Iorque chamada Philipsburg. Wilkerson relata no livro ter sido conduzido pelo Espírito Santo para trabalhar junto às gangues das ruas do distrito de Beldford-Stuyvestand, de Nova Iorque. No andamento desse trabalho ocorreu a transformação daqueles jovens por conta de uma experiência religiosa pentecostal que eles vivenciaram denominada batismo no Espírito Santo.

³⁴Para os católicos há uma concepção da figura divina como sendo uma trindade: “[...] ela é três pessoas em uma, divida e agrupada entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.” (REESINK, 1997, p. 18). O Espírito Santo, segundo a fé católica, é um Deus, especificamente, a terceira pessoa da Santíssima Trindade (Catecismo da Igreja Católica (CIC) nº. 245). O Deus pai todo-poderoso, chamado laweh (CIC 210), é a primeira pessoa, e, Jesus, seu filho, a segunda pessoa desta Trindade (CIC 495). Segundo a religião, após a ascensão de Jesus para o céu, à direita do pai (CIC 660, 661, 663, 664), o Espírito Santo seria enviado para a humanidade. O envio do Espírito Santo ocorreu no dia de Pentecostes (CIC 696, 715, 731, 767).

³⁵ O termo pentecostal, até os dias atuais, refere-se às pessoas, grupos ou igrejas que procedem do movimento pentecostal ocorrido no fim do século XIX e início do XX nos Estados Unidos, alguns países da Europa, da África, na Índia e China (HÉBRARD, 1992, p. 11-14). Dizem-se pentecostais porque se caracterizam por uma evidência às experiências emocionais e subjetivas com o Espírito Santo, tal qual ocorrida no mito de origem do dia de Pentecostes, descrito no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos.

Outro livro também chegara às mãos de Steve Clark e Ralph Martin: *Eles falam outras línguas* de de J.L.Sherril. O livro aborda sobre uma pesquisa que ele empreendeu sobre o fenômeno de falar em línguas. Durante anos de pesquisa, foi ele próprio batizado no Espírito Santo, passando de mero observador a participante (MANSFIELD, 1992, p. 13 e 14).

Durante algum tempo os professores de Duquesne compartilharam entre eles o conteúdo do livro de David Wilkerson e o de J.L.Sherril, no intuito de encontrar o que procuravam: a experiência religiosa com o Espírito Santo. Mansfield, inclusive, destaca em seu livro que dentre os fatores que levaram Steve e Ralph e sua rede de amigos ao Batismo no Espírito Santo fora diretamente os livros que eram de cunho protestante pentecostal (MANSFIELD, 1992, p. 13).

Em sua luta contra a apatia e a falta de fé entre os estudantes universitários, descobriram que necessitavam do tipo de poder que Wilkerson parecia possuir diante da agonia e dos perigos dos viciados e delinquentes do Brooklin (RANAGHAN, 1972, p. 20).

Steve Clark e Ralph Martin continuaram a se encontrar e a refletir sobre como poderiam fazer para vivenciarem as ditas intensas experiências com o Espírito Santo. Depois de várias conversas, conforme descreve Mansfield em seu livro, optaram por ir até um Padre chamado William Lewis da Igreja Episcopal Anglicana *Christ Church*, em Pittsburgh. O Padre os encaminhou a uma de suas paroquianas, mãe de um sacerdote Episcopal, a qual havia recebido o batismo no Espírito e era membro de um grupo de oração carismático de composição interdenominacional, que se reunia em frente à sua Igreja, na casa de Flo Dodge³⁶. (MANSFIELD, 1992; MONLÉON, 1998; RANAGHAN, 1972; MATA, 1997).

Naquele período nos EUA (segunda metade de 60) eram comuns reuniões de oração entre cristãos pentecostais interdenominacionais. O fenômeno do batismo no Espírito Santo nas igrejas por conta da onda do pentecostalismo no início do século e por conta do Carismatismo³⁷ também chegara às igrejas metodistas, luteranas, prebiterianas e anglicanas (HÉRBRARD, 1992, p. 12-15; MONLÉON, 1998, p. 10).

³⁶ Patti Mansfield (1992, p. 17) por meio de entrevista relata que Flo Dodge, era Diretora de treinamento de uma loja de departamentos de Pittsburgh e, como presbiteriana, fora “legitimamente batizada no Espírito Santo em 1962”.

³⁷ Termo designado para os movimentos religiosos que se caracterizam pelo uso dos carismas ou dons do Espírito Santo. Por meio da revisão literária sobre o fenômeno religioso do Pentecostalismo percebeu-se que o termo Carismático associou-se mais aos católicos e, para os protestantes, fixou-se o termo “renovados”. Monique Hébrard, em seu livro *Os carismáticos*, faz um pequeno apontamento

Na primeira reunião no dia 13 de janeiro chegaram à moradia de Flo Dodge quatro visitantes da Universidade de Duquesne. Ali estavam Steve Clark, Ralph Martin e sua esposa e Patrick Bourgeois³⁸. A oração começou e seguiu o seu curso normal, mas, quando estava para acabar, Ralph levantou-se de repente e disse: “Há muito tempo que espero este momento. Vim para receber a efusão do Espírito e não me vou embora sem a ter obtido” (MANSFIELD, 1992, p. 19). Flo Dodge pediu a um membro do grupo, chamado Jim Prophater, que se reunisse com o professor e averiguasse se estava disposto a receber a efusão do Espírito Santo. Jim perguntou-lhe, segundo o testemunho de Flo Dodge, qual era a sua fé em Jesus. O professor respondeu-lhe que O amava de todo o seu coração e que estava ansioso por receber mais do seu Espírito Santo. Os assistentes deram as mãos, formando uma roda, e Jim Prophater fez uma oração singela: “Senhor, Tu conheces o seu coração e a sua necessidade. Enche-o do Teu Espírito Santo até que transborde” (MANSFIELD, 1992, p. 19). Flo Dodge disse que podia sentir o Espírito Santo descendo sobre o professor, mesmo que não estivesse ele rezando em línguas e não houvesse ninguém imposto as mãos sobre ele. (MANSFIELD, 1992, p. 19 e RANAGHAN, 1972)

Na sexta-feira seguinte, 20 de Janeiro de 1967, dois daqueles quatro católicos voltaram à casa de Flo Dodge. A oração terminou quando Patrick Bourgeois e R. Keifer pediram que rezassem para que recebessem a efusão do Espírito. R. Keifer começou a falar em línguas (MANSFIELD, 1993; RANAGHAN, 1972). E, na semana subsequente, Ralph impôs as mãos sobre sua esposa e Steve Clark e eles também receberam o batismo no Espírito Santo. (RANAGHAN, 1972).

1.2.2 Fim de Semana em Duquesne

A Sociedade Chi Rho era uma organização estudantil que favorecia a criação e vivência de círculos de amizades baseados em princípios cristãos. Conta-se que se associavam à Chi Rho alunos que estivessem interessados nessa proposta. Muitos

valendo-se de um sociólogo missionário anglicano chamado David Barret, que classifica a nebulosa dos nascidos de novo em três ondas: 1º os que procedem do pentecostalismo tradicional (avaliados em 176 milhões); 2º Os carismáticos (123 milhões, dos quais 64 milhões de católicos); 3º Os que fazem parte da terceira onda (calculados em 28 milhões), essencialmente constituída por evangélicos. Entre os carismáticos/renovados protestantes estão os batistas, metodistas, reformados, episcopalianos e luteranos (HÉRBRARD, 1992, p. 13).

³⁸ Patrick Bourgeois era formado em Filosofia e em Religião pelo Seminário de Notre Dame em Nova Orleans, Louisiana. Recebeu um segundo grau em Teologia Litúrgica pela Universidade de Notre Dame e um Ph.D. pela universidade de Duquesne.

se reuniam pela manhã ou à tarde no Departamento de História para rezar e estudar a Bíblia.

Mansfeild (1992) relata que para os dias 17 a 19 de fevereiro de 1967 estava programado um retiro com os estudantes integrantes da Chi Rho da Universidade de Duquesne. Como Steve Clark e Ralph Martin eram uns dos responsáveis, mudaram o tema do encontro para o livro bíblico dos Atos dos Apóstolos.

Vinte e cinco estudantes, acompanhados pelo Padre da Ordem do Espírito Santo dirigiram-se para o local do encontro. Mansfield (1992) relata que os professores coordenadores do encontro haviam também convidado Flo Dodge para realizar uma palestra sobre o dia de Pentecostes e a vinda do Espírito Santo. Havia ali uma força misteriosa que alterava todos os planos e levava o retiro por caminhos não previstos. Alguns daqueles jovens sentiram-se atraídos para a capela, como se alguém os empurrasse. Alguns louvavam a Deus em línguas estranhas, outros choravam de alegria, outros rezavam e cantavam e continuavam a rezar para além das três da manhã. O capelão e as freiras obrigaram o pequeno grupo a se retirar. Conta-se que durante aquelas horas, algo maior e mais poderoso os invadia e os conduzia, Deus atuava neles de uma forma admirável. Uns choravam, outros sentiam um imenso calor a passar, como fogo, pelos seus braços e mãos, outros sentiam formigueiros na língua, outros falavam de louvores gozosos que saíam dos seus lábios, júbilo, alegria intensa, um fogo devorador, ânsias de oração e de ler a palavra de Deus. Ninguém lhes impôs as mãos, mas experimentaram a efusão do Espírito de um modo evidente.

Durante o encontro vivenciaram sensações e fenômenos que não sabiam explicar. “Não tínhamos uma noção clara e completa do que estava acontecendo conosco. As coisas foram se passando sem nos dar alternativas” (MANSFIELD, 1992, p. 45). Dessa sensibilidade imprevista, sobreveio-lhes “uma nova consciência do amor de Deus, uma vontade incomum de orar e glorificá-Lo, um notável interesse pelas Escrituras, uma força ‘interior’ para testemunho de Cristo ressuscitado” (MANSFIELD, 1995, p. 24-25). Não duvidaram de que haviam sido presenteados pelo Espírito Santo com Seus dons e carismas, como em um novo Pentecostes. Provaram o batismo no Espírito Santo: “Eu tinha provado o amor embriagador de Deus, quando o Espírito Santo se abateu sobre mim” (MANSFIELD, 1992, p. 52). A experiência vivida dividiu o tempo e suas histórias individuais em termos de antes e depois do tal evento. Esse

episódio ficou indicado como o marco inaugural do movimento de Renovação Carismática Católica (MANSFIELD, 1992).

O fenômeno espalhou-se bem como os comentários sobre a nova atuação do Espírito Santo na Igreja Católica por entre os pentecostais. Os bispos norte-americanos, em 1969, com uma declaração positiva de um comitê episcopal de doutrina já deram uma resposta muito cedo ao movimento (SYNAN, 2009).

Grupos de oração nas casas no decorrer das semanas seguintes foram pululando. Os encontros de três dias do Cursilho, sob a liderança de Steve e Ralph, foram sendo enxertados com palestras sobre o Espírito Santo e Pentecostes até se transformarem em retiros de experiências espirituais de oração. Dois anos mais tarde, segundo Hérbard (1992), uns cinquenta estudantes católicos e protestantes, convencidos de que deviam entregar suas vidas a Deus, decidiram dedicar-se concretamente uns aos outros e, juntos, criaram as primeiras grandes comunidades de aliança americana, entre as quais a *Word of God*, em Ann Arbor, Michigan.

Os líderes do Cursilho Steve Clark e Ralph Martin, depois de terem vivenciado o fenômeno pentecostal do batismo do Espírito Santo com a ajuda de alguns evangélicos pentecostais, continuaram a ministrar os Cursilhos, porém com a inserção da temática do Espírito Santo e da experiência do batismo no mesmo Espírito.

1.3 A década de 70 e o pentecostalismo católico no Brasil

1. 3.1 Dois norte-americanos começam a RCC no Brasil

Como uma salada na qual tentei juntar elementos da espiritualidade jesuíta, da Juventude Estudantil Católica (JEC), da Juventude Operária Católica (JOC), da Legião de Maria, com tudo isso, pretendia formar lideranças cristãs, durante a ditadura militar. Dos grupos formados a partir desses cursos, alguns passaram logo a ser grupos de oração no Espírito Santo (CARRANZA, 1998, p. 25)³⁹.

O excerto refere-se a parte de uma entrevista feita pela socióloga Brenda Carranza ao jesuíta norte-americano e ex-combatente de guerra Padre Haroldo, convencionado como um dos fundadores daquilo que posteriormente se chamaria

³⁹ Entrevista com Haroldo Rahm, realizada em Campinas, SP, na data de 24/04/1997, por Carranza (1998).

Renovação Carismática Católica. Nesta citação ele relembra a gênese do movimento no país, na Vila Brandina, Campinas, São Paulo (CARRANZA, 1998).

Harold Joseph Rahm ou “Pe. Haroldo”, como gosta de ser chamado (CARRANZA, 1998, p. 25), nasceu em Tyler, Texas, no dia 22 de fevereiro de 1919 e naturalizou-se brasileiro em 1986. Filho de pais separados (o pai era médico e alcoólatra e a mãe fazendeira), chegou ao Brasil em 1964, deixando transparecer na entrevista estar consciente do período ditatorial no país⁴⁰. Desde então realizou e fundou diversas obras sociais⁴¹ que permanecem ativas em vários lugares do mundo. A princípio, quando chegou ao Brasil, começou a trabalhar com o Cursilho de Cristandade em Campinas, ocupando o cargo de diretor espiritual do mesmo. Supõe-se que a partir da própria estrutura do Cursilho, da formação jesuítica e até de sua participação nas Forças Armadas dos EUA, tenha-lhe surgido a inspiração para a criação de um outro curso para a juventude, o TLC (Treinamento de Liderança Cristã). É uma espécie de combinação de técnicas dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, da Congregação Mariana, da Legião de Maria, da Ação Católica, documentos do Concílio Vaticano II e do movimento *Search for Christian Maturity*⁴².

Contrariamente ao que se tornou conhecido nos EUA, não se encontrou até o presente momento bibliografia que relatasse alguma experiência religiosa fundacional que o próprio Pe. Haroldo houvesse vivenciado e que, conseqüentemente, tivesse dado início ao pentecostalismo católico no Brasil. Também se desconhece se Pe. Haroldo teve algum conhecimento do que ocorrera com o grupo de católicos em Pittsburgh, na Universidade de Duquesne, para que pudesse seguir o exemplo no Brasil.

O que se sabe é que a Igreja Católica nos EUA e em Campinas compunha na época alguns dos movimentos pós-conciliares, como os Cursilhos e Encontro de Casais com Cristo. Esses encontros, em especial os cursos do TLC criados e

⁴⁰ Apesar do período das fundações da RCC no Brasil ter sido de ditadura, repressões, cassações e perseguições, a bibliografia não aponta nenhum confronto do governo em relação ao movimento religioso emergente no país nem contra o Padre Haroldo, nem contra o Padre Eduardo, sobre o qual também falaremos a seguir.

⁴¹ Ver apêndice. Segundo o site Instituto Padre Haroldo, também fundou em 1978, com Professor Osvaldo Cândido Ferreira e a socióloga Núbia França, a entidade filantrópica então denominada Associação Promocional Oração e Trabalho (APOT). Ministrou dezenas de cursos, recebeu diversos prêmios, possui mais de 20 livros publicados, fundou o Amor Exigente, Comunidades Terapêuticas, da Fazenda Esperança que acolhe e recupera dependentes químicos, o Centro Kennedy em Campinas e outros. Ver apêndice A.

⁴² Dados consultados em [http: página visitada 17 de junho de 2014 <file:///G:/Hist%C3%B3ria%20de%20Vida.htm>](http://página.visitada.17.de.junho.de.2014.<file:///G:/Hist%C3%B3ria%20de%20Vida.htm>) .

ministrados pelo próprio Pe. Haroldo, formaram a base social dos chamados “grupos de oração no Espírito” que viriam a ser os primeiros grupos de oração da Renovação Carismática Católica.

Segundo Carranza (1998, p.26) os grupos do TLC tinham como objetivo “suscitar uma experiência forte de *iniciação na vivência espiritual*”, por isso, a constatação do favorecimento para a experiência pentecostal do Batismo no Espírito Santo. Brenda destaca a partir das entrevistas com Pe. Haroldo, que o mesmo “[...] tinha a preocupação de manter contato com grupos pentecostais da região, os quais lhe forneciam literatura sobre a experiência do *Batismo no Espírito*” (grifo da autora) (CARRANZA, 1998, p. 27).

Naquela época eu estava dando cursos de liderança cristã (TLC), eles eram muito fortes no Brasil, lá no ano 1966... Quando fui celebrar missa, no último dia (dos cursos), comecei a falar: Olhem, fiquem em silêncio que o divino Espírito está falando com vocês, e notei que deu resultado. (...) Estava trabalhando com operários e eu andava na minha bicicleta, convidando os operários, dizendo: “Vocês querem rezar comigo no espírito?”. Claro que todo mundo queria. Quando chegou terça feira às vinte horas, apareceram três, quatro, sete. Eu li a bíblia com eles, a parte do Espírito Santo. Eu lembro que estava tentando fazê-los falar. Uma noite falei: “divino Espírito se você não causar algum movimento aqui, vamos pifar todos”. (,,,) Depois eu comecei a rezar com os universitários e depois com as freiras, e depois os sacerdotes começaram a me telefonar pedindo materiais e eu comecei a datilografar folhas sobre o Espírito Santo, pois não tinha nada em português, só velhas coisas na biblioteca (...) Então os padres começaram a me convidar para dar retiros no Espírito e os bispos nunca me deram problema, embora eles achassem que era uma coisa de protestantes, dos crentes. [...] O meu Movimento era chamado Encontro de Oração no Espírito Santo. Foi um pequeno grupo, que rezavam talvez com o nome de Renovação Carismática... Não sei... Esse nome não existia (CARRANZA, 1998, p. 24).⁴³

Carranza (1998) também discorre que a RCC desde as origens assemelhou-se ao pentecostalismo protestante, merecendo segundo ela a denominação pentecostalismo católico e Thomas Csordas, um dos primeiros autores a estudar os carismáticos católicos, chega a considerar a RCC como uma “fusão entre o Catolicismo e o Pentecostalismo Protestante”. As considerações sobre tais assertivas serão efetuadas mais adiante.

⁴³ Entrevista de Haroldo Rahm, realizada em Campinas, SP, em 24/04/1997, por Carranza (1998).

Há um outro relato sobre a origem do pentecostalismo católico brasileiro, que aponta para os laços com o pentecostalismo católico norte-americano e, conseqüentemente, com o pentecostalismo clássico. Refere-se ao também jesuíta norte-americano Pe. Eduardo Dougherty, que, disse ter tido uma experiência de Batismo no Espírito em Michigan, EUA, quando ainda era seminarista e que o fizera aderir ao movimento.

Eduardo Dougherty nasceu em New Orleans, estado de Lousiana, no dia 29 de janeiro de 1941. É um padre católico norte-americano naturalizado brasileiro. Conta-se⁴⁴ que desde garoto, Eduardo participava como coroinha das missas no Colégio dos Jesuítas em sua cidade natal e que por volta da década de 60, no mesmo colégio, destacava-se como jogador de basquete favorecido por sua alta estatura. Mas, Eduardo sentira em seu coração um forte chamado ao sacerdócio e à vida missionária, por isso, enfrentara uma jornada de 11 anos de estudos e formação, dentre os quais na cidade de Toronto, Canadá, para alcançar o seu principal objetivo: ser um padre missionário.

Nesse período de formação para o sacerdócio, esteve algum tempo no Brasil, em 1966, mais precisamente na cidade paulista de Campinas. No final da década de 60, de volta para o Canadá para completar seus estudos teológicos, passou pelo estado de Michigan, onde estava ocorrendo o surto pentecostal católico e teve a experiência do Batismo no Espírito Santo.

O site da Associação do Senhor Jesus o qual é o Fundador assim descreve:

Em 1969, antes de se ordenar, ele teve uma profunda experiência de Deus que mudou radicalmente sua vida: o batismo no Espírito Santo. A partir de então, percebeu que aquele poder que acompanhava os apóstolos no começo do cristianismo, acompanharia também sua missão nos dias de hoje.

A dita transformação vivida por ele, fez com que se empenhasse no conhecimento desse movimento que estava começando sob o nome de pentecostalismo católico.

Foi ordenado sacerdote jesuíta aos 29 anos, em 5 de junho de 1970. E, em seu país, passou a pregar retiros para sacerdotes em muitas localidades americanas. Segundo consta em biografia apresentada no Site da Associação a qual é o Fundador,

⁴⁴ Site Associação do Senhor Jesus. Página visitada 17 de junho de 2014.

Associação Senhor Jesus, foi designado para o Brasil, na cidade de Campinas, ao contrário do que queria.

A partir desta cidade, os dois Padres passariam a ministrar diversos encontros baseados na nova corrente espiritual pentecostal católica. Pe. Haroldo dizia tratar-se “não de uma organização ou movimento em sentido estrito, mas de uma experiência onde a pessoa abre toda a vida para um novo relacionamento com Deus” (CARRANZA, 1998, p. 30). E, Pe. Eduardo referia-se à futura RCC como uma movimentação do Espírito Santo e não a um movimento, pois, segundo ele, “movimento é para um grupo, enquanto uma renovação litúrgica, bíblica, carismática, é para todo o mundo” (CARRANZA, 1998, p. 31). Cipriano Chagas, em sua dissertação sobre a Renovação Carismática registra alguns termos que circulavam no âmbito internacional sobre o fenômeno emergente: “corrente espiritual, florescimento da Igreja, uma oportunidade de transformação no Espírito Santo de toda a Igreja” (CARRANZA, 1998, p. 32).

Notava-se que o fator inicial a quem ingressasse na corrente espiritual carismática era a prevalência da experiência do Batismo no Espírito Santo, que era proporcionada através dos retiros espirituais realizados pelos Padres. Em um desses retiros estava o seminarista Jonas Abib, futuro fundador da Comunidade Canção Nova, que se tornaria referência nacional do movimento nos anos seguintes.

Oliveria relata (2008) em sua etnografia sobre a Comunidade Canção Nova que em um dos retiros pregados por Pe. Haroldo estava o seminarista Jonas Abib. Ocorreu que o mesmo recebera o Batismo no Espírito Santo por meio de uma oração em que Pe. Haroldo lhe impusera as mãos⁴⁵. Jonas Abib relata que não sentira nada imediatamente, mas no dia seguinte percebeu-se orando como nunca havia orado antes e concluiu que havia sido batizado no Espírito Santo.

Oliveira discorre:

Ele, que não compreendia racionalmente a Renovação Carismática Católica e o Batismo no Espírito Santo, podia agora os compreender no seu “interior” porque o havia experimentado. Passado um mês e meio, já no ano de 1972, iniciou encontros de “Experiência de Oração no Espírito Santo” 20 para jovens, os quais eram realizados num

⁴⁵ Maués (2000) menciona a imposição de mãos como uma técnica corporal usada na Renovação Carismática Católica para evocar a efusão (batismo) no Espírito Santo. Funciona da seguinte maneira: uma pessoa, normalmente praticante há algum tempo da RCC e já batizada no Espírito Santo, posiciona as mãos sobre a cabeça, peito e/ou costas de outra pessoa, que está a sua frente sentada ou em pé, e faz orações de invocação a Deus para que ela receba o Batismo no Espírito Santo (Maués, 2000:125).

colégio religioso da cidade Lorena situada no Vale do Paraíba (ABIB, 2000, p.16; 2008, p. 28).

Referenciada nos relatos dos fundadores Pe. Haroldo, Pe. Eduardo, Patti Mansfield e Kevin Ranagahn, tanto no Brasil quanto no exterior, tornava-se claro que a natureza da Renovação Catismática Católica era a experiência pessoal e íntima com Deus iniciada pelo Batismo no Espírito Santo. Por esta razão, principalmente nas falas de Pe. Haroldo, a dimensão organizativa e estrutural parecia não ser a preocupação, mas, conforme descreve Weber em sua teoria da racionalização e administração dos bens de salvação, esse caminho seria irreversível.

Nesse sentido discorre Carranza:

Entretanto, ao se dizer que a RCC é uma corrente espiritual que salienta os dons do Espírito Santo, transformando-os em serviço, e para isso cria e organiza toda uma estrutura para executá-los, estabelece uma racionalização e burocratização dos carismas. Dessa forma o carisma é institucionalizado e controlado pelo próprio movimento e também pela Igreja, no momento que são aprovadas as práticas carismáticas (CARRANZA, 1998, p. 31).

A visibilidade do movimento passaria a criar atritos dentro da própria Igreja, a começar pelo nome. Por esta razão o termo pentecostalismo católico foi sendo substituído pelo de Renovação Carismática Católica para que não houvesse associações ou referências que ligasse o movimento católico a expressões pentecostais protestantes tidas como expressões que remetessem a grupos fundamentalistas. A consequência disso era cada vez mais o distanciamento da abertura ecumênica desejada por Pe. Haroldo, que também pretendia que o movimento estivesse mais voltado para o lado social.

À medida que o pentecostalismo católico no Brasil seguia uma forte tendência para a estruturação, Pe. Haroldo afastava-se do mesmo até por completo, constituindo sua saída como a finalização de uma etapa fundacional, segundo Carranza (1998).

Pe. Haroldo daria prosseguimento às suas atividades através da criação de outros movimentos como o APOT (Amor, Oração e Trabalho), a Fazenda Esperança e o Amor Exigente e Pe. Eduardo constituir-se-ia uma peça chave para a expansão e estruturação da agora Renovação Carismática Católica. É importante também destacar o papel do livro *Sereis batizados no Espírito Santo* do Pe. Haroldo, prefaciado

pelo Bispo Antônio Maria Alves de Siqueira, de Campinas, que serviu para disseminar o movimento por meio da receptividade de um representante da hierarquia católica.

Esse foi o contexto em que se originou o pentecostalismo católico brasileiro. Padres e leigos, dizendo-se “transformados” pelo Batismo no Espírito Santo que fora proporcionado nos retiros, assumiriam como missão a disseminação dessa experiência pelo país através da realização de outros retiros. A estruturação viria por meio da intercomunicação de alguns Padres e leigos que proporiem a organização do movimento perante a Igreja. No final dos anos 70, a RCC já tinha uma presença significativa no Brasil e viria a crescer ainda mais principalmente por meio dos meios de comunicação (principalmente Rádio e impressos) utilizados por grandes comunidades carismáticas como a Canção Nova, no Vale do Paraíba, São Paulo, e, Comunidade Shalom, em Fortaleza, Ceará.

Ao longo dos anos 80, a RCC não apenas estabeleceu-se institucionalmente como se estendeu por todos os estados e capitais da federação e arrebanhou grande parte do setor popular do catolicismo, configurando-se nos últimos anos como um movimento de massas (CARRANZA, 1998). Na década de 90, com a força dos meios de comunicação e das novas tecnologias, atingiria num tempo menor que suas duas décadas de existência seu maior crescimento, até chegar à cidade de Sapucaia, no centro-oeste do estado de São Paulo.

1.4 A década de 90: a religião como resposta ao males sociais?

Os 1990 começam apontando um novo mundo, “seja na terra, seja no céu”. Na terra, novas guerras contra civis⁴⁶ e a espetacular Tempestade no Desserto⁴⁷ logo em janeiro de 1991. No céu, também no embalo dos espetáculos, a novidade velha da guerra entre anjos e demônios passou a ser a moda da vez em meio ao maior surto pentecostal desde 1900, por meio da corrente espiritual chamada Batalha Espiritual⁴⁸ (SYNAN, 2009).

Novas relações econômicas e geopolíticas seriam as consequências do que alguns chamam de Terceira Revolução Industrial, baseada na tecnociência (VICENTINO; DORIGO, 2004), mas também novas configurações no mundo cristão iriam também se manifestar: na área literária, musical, teológica, política, institucional e na experiência com o divino (SYNAN, 2009).

Se a Terceira Revolução Industrial trouxe a questão do desemprego, como decorrência do uso de altas tecnologias, ou como resultado da reformulação e otimização produtiva, incluindo-se o remanejamento e demissão de funcionários e o enxugamento nas empresas e instituições estatais, (VICENTINO; DORIGO, 2004), no mundo pentecostal se consolidaria definitivamente a Teologia da Prosperidade, como solução para os desempregados que tivessem fé e a adoção dessa vertente inclusive por carismáticos católicos.

O governo que defendia a abertura econômica como forma de baixar a inflação, conseguira atingir sua meta, mas em contrapartida, a abertura econômica provocara falências e desempregos. Este se configurava como um forte estímulo à violência urbana que explodiu nos anos de FHC. A taxa de mortes por homicídio passou de 19 (por mil habitantes) em 1992 para 26,5 no final do governo. A população

⁴⁶ Desde a Segunda Guerra até o ano de 1994 ocorreram no mundo 160 guerras de diversas proporções que somaram 22 milhões de mortos. Na Primeira Guerra, 15% dos mortos eram civis; na Segunda Guerra, 65%; já nos conflitos localizados do final do século XX – em Burundi, Ruanda, na Somália, Sudão, Timor Leste, Costa do Marfim – 90% dos mortos eram civis (CAMPOS; MIRANDA, 2005, p. 633).

⁴⁷ Os censores militares enlouquereceram quando um comandante de campo permitiu a repórteres assistirem a cenas de um vídeo filmadas a partir de um helicóptero *Apache* durante um ataque a um batalhão iraquiano. As cenas mostravam adolescentes aterrorizados que corriam caoticamente, em todas as direções, enquanto as rajadas disparadas pelas metralhadoras do helicóptero, que eles não conseguiam ver, cortavam seus corpos ao meio. Esse vídeo foi rapidamente retirado de circulação. Quando perguntei a razão a um oficial graduado do Pentágono, ele respondeu: Se nós permitirmos que as pessoas tomem conhecimento desse tipo de coisa, nunca mais haverá outra guerra. EASTERBROOK, Greg. *In*: ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**. São Paulo: Casa Amalera, 2001, p. 12.

⁴⁸ Peter Wagner e Carlos Anaconda configuraram-se na década de 90 como uns dos maiores expoentes do pentecostalismo da corrente espiritual chamada Guerra ou Batalha Espiritual. Os mesmos são objetos de análise de pesquisadores do NER (Núcleo de Estudos da Religião) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mais jovem, com maior dificuldade para encontrar espaço em um mercado de trabalho contraído, foi particularmente afetada: em 1999, 38% das mortes de jovens de 15 a 24 anos foram provocadas por homicídio. O crime organizado expandiu-se em torno do tráfico de drogas, convertendo-se em verdadeiro poder paralelo nas favelas. Surpreendentemente, o mesmo ocorreu dentro das prisões, muitas vezes transformadas em centros de gerenciamento do tráfico e do crime organizado. FHC foi eleito e reeleito, governando o país até o ano de 2002 (VICENTINO; DORIGO, 2004; CAMPOS; MIRANDA, 2005).

Enquanto isso, vários fatores contribuíam para que um surto pentecostal se expandisse (SYNAN, 2009): abertura democrática, favorecimento dos meios de comunicação de massa, as novas tecnologias, a busca pela hiper-experimentação como critério de certeza e verdade individual em detrimento às verdades tradicionais, a flexibilidade e destruição de antigas fronteiras institucionais, a reflexividade moderna, o império das afinidades e o desmoronamento do processo de definições identitárias.

A RCC apresentava-se como um movimento mundial nos cinco continentes atingindo um universo de 20 milhões de católicos. (CARRANZA, 2000; PRANDI, 1998; STEIL, 1995). Durante essa década, a cidade de Sapucaia também passaria por um período de grande efervescência espiritual, provocando o surgimento dos carismáticos católicos denominados Guerreiros de Oração e suas práticas religiosas nos montes.

Indiscutivelmente os meios de comunicação (Rádio, TV, Internet e Mídia Impressa) foram umas das maiores razões que contribuíram para esta efervescência pentecostal e carismática no Brasil e na cidade de Sapucaia. Entre os *mass media*, destaca-se o universo musical da música *gospel* e as pregações entusiásticas de importantes nomes do pentecostalismo que, acompanhadas por apelos de curas divinas, passaram a ser transmitidos em vários canais abertos de TV. Nomes como Valnice Milhomens, RR Soares, Edir Macedo, Apóstolo Hernandez e sua esposa Bispa Hernandez, Josué Irion, Peter Wagner, Carlos Anaconda, Marco Feliciano, Silas Malafaia, Terranova e dezenas de outros também surgiram nessa década. Alguns deles foram e ainda são, inclusive, objetos de estudos em universidades brasileiras⁴⁹.

⁴⁹ **NER** (Núcleo de Estudos da Religião da UFRGS) com pesquisa sobre a Transcontinentalização da Fé tem como objeto os Pastores Josué Irion, Carlos Anaconda e Peter Wagner.

Através dos meios de comunicação, formava-se como uma gigantesca atmosfera de informações e motivações que alimentava, atraía e despertava o imaginário daqueles que estavam dentro do surto pentecostal para efetuarem toda espécie de atividades que resultasse na expansão do movimento. Nesse contexto que se constatou a presença de milhares de Rádios de baixa potência como veículos que favoreceram para o surto nos anos 90. Por serem proporcionalmente 50 a 100 vezes inferiores às rádios comerciais, não existia legislação na época a lhes dar amparo, sendo chamadas de Rádios Piratas ou Rádios Comunitárias. Em Sapucaia chegaram ao número de 7, sendo duas carismáticas e 5 evangélicas. Pelas próprias características inerentes a estas Rádios, baixos custos operacionais e pessoais, e com alcance de sintonia suficiente, pulularam. Os resultados eram positivos, pois através delas poderia se manter a ligação com todos os membros da Igreja conservando-os motivados e amparados pelas músicas e mensagens.

Nos anos 90, tão forte foi a efervescência que algo inédito iria acontecer: o surgimento de centenas de comunidades carismáticas fundadas por leigos em todo o território nacional (...). Dentre as mais importantes são a Comunidade Shalom, com sede em Fortaleza, Ceará e a Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, São Paulo.

Alguns afirmam que o pentecostes de fato acontecera no mundo católico brasileiro por meio da Canção Nova, fundada por Padre Jonas Abib (CARRANZA, 1998), que já vinha utilizando as Ondas Curtas e Médias do Rádio para transmitir suas programações carismáticas, agora adentrava no universo televisivo a ponto de se constituir um Canal de Televisão Aberto, Via Satélite e a Cabo (SOUZA, 2007; 2013).

Na cidade de Sapucaia, conforme relato de Daniel⁵⁰, fundador da Comunidade Missionária Sta. Terezinha, surgiram quatro comunidades de leigos e uma fundada pelo carismático Padre Benedito. Todas as comunidades enfrentaram muitas dificuldades de aceitação por parte do clero, sendo fechadas no início dos anos 2000.

Foi na década de 90 que a onda de Padres cantores (SOUZA, 2013) viria a se despontar até os dias atuais. Padres Marcelo Rossi, Fábio de Melo, Joãozinho, Antônio Maria, Zeca e outros, regularmente apareciam em canais televisivos, servindo como um sinal de segurança de que o movimento podia ser “aceito” ou acolhido pelos

⁵⁰ Conferir Capítulo 2.

católicos que de alguma forma estranhavam as novas maneiras de participar da missa.

A RCC, entretanto, continuava reservando um papel paradoxal no interior da Igreja Católica, uma vez que esta, ao mesmo tempo em que a incentivava, enquanto um instrumento capaz de segurar os seus fiéis e de resistir ao avanço protestante pentecostal, também a temia, na medida em que por sua força autônoma de movimento, surgia como uma ameaça à hegemonia do modelo clerical de catolicismo, alicerçado sobre a autoridade hierárquica (STEIL, 1995). É nesse sentido que tanto Mariz e Machado quanto Oro vêem a RCC como parte de uma estratégia para estancar o esvaziamento da Igreja Católica (MARIZ, C.; MACHADO, M.D., 1994; ORO, 1996).

Nos últimos dez anos, mas não como na década de 90, este número cresceu significativamente, de modo que mais católicos assumiram a identidade carismática a partir de uma experiência de transformação subjetiva vivenciada em um dos muitos encontros, reuniões ou retiros espirituais promovidos pela RCC dentro da Igreja Católica.

1.4.1. O Documento 53 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

No próprio desenvolvimento do movimento carismático no Brasil, a relação Igreja Católica e RCC sempre fora permeada por tensões concretizadas em conflitos, divergências, situações de adesão e exclusão e diversos outros episódios que podem ser encontrados nas bibliografias já citadas, dentre elas, o texto de Costa (2006, p. 124) no que segue:

Não surpreende, portanto, que seja o Renovamento Carismático Católico o movimento onde surjam mais ostensivas as chamadas de atenção para os “desvios”, “excessos” e “riscos” cometidos e a evitar na complicada história do carismatismo.

Apenas nos anos 90, após a pesquisa realizada por Pedro de Oliveira e algumas reuniões entre líderes carismáticos e representantes do clero católico, saíria oficialmente um documento constando orientações para a RCC no Brasil a partir da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Com esse documento a RCC não

mais seria um novo jeito de ser Igreja, uma movimentação ou uma corrente espiritual conforme seus fundadores Padre Eduardo e Padre Haroldo diziam, mas um movimento instituído e reconhecido pela Igreja Católica por meio do Documento 53⁵¹ da CNBB (2002).

É importante destacar sobre o do Doc. 53, que a principal razão sobre a postura da Igreja com relação a RCC e aos outros movimentos, para vários autores está baseada na questão da pluralidade (FERNANDES, 2004; TEIXEIRA; MENEZES, 2009; STEIL, 2009), que será melhor discutida nas páginas⁵² finais do texto, juntamente à noção de liminaridade.

De qualquer maneira, nesse contexto plural moderno, tem-se que a RCC é uma das muitas outras expressões e estilos contidos no catolicismo e impostos à Igreja Católica como um fato social que se instalou em decorrência de outras condicionantes e que não pode ser pensado de forma unilateral (FERNANDES, 2004).

Dentro do processo de consolidação do movimento no país, apesar de sua aceitação ter-se tornado um processo polêmico e contraditório, estando sempre sujeita tanto a suspeitas e interrogações por suas manifestações corporais e emotivas quanto a adesões incondicionais por parte de alguns setores da hierarquia e dos fiéis (CARRANZA, 1998), a RCC constituiu-se um braço, um membro, um órgão junto a outros no catolicismo.

Por isso, entende-se que o Documento 53 serviu para reconhecer os carismáticos e tal reconhecimento nada mais é que a negociação de sua própria liberdade sob os princípios da ordem e da obediência à doutrina Católica. A Igreja fortalece a RCC e confirma-a pelo Documento como sendo parte constituinte e legal dela, mas negocia sua autonomia e transversalidade (FERNANDES, 2004; TEIXEIRA; MENEZES, 2009). Por meio do Doc. 53, a Igreja procurou o diálogo, a negociação e a adaptação aos novos tempos, incorporando a RCC à sua estrutura, objetivando manter a união e evitando desvios com relação a doutrinas e/ou trabalhos paralelos concorrenciais (FERNANDES, 2004).

Mas, os carismáticos católicos fervorosos interpretaram as “regras” (PRANDI, 1998) contidas no Documento como sendo de caráter autoritário e cerceador, sob a

⁵¹ O primeiro documento da CNBB sobre a RCC é de 1994: Estudos da CNBB n. 53 – **Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica.**

⁵² Páginas 120 e 121.

justificativa de que vieram para evitar excessos. Os Guerreiros de Oração estão inseridos nesse grupo.

Seguem abaixo os parágrafos que mais causaram polêmicas entre os carismaticos fervorosos (CNBB, 1994, p. 4 e 5):

19. Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas Dioceses e também a contribuição que tem trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraterno no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carismas e corrigindo o que for necessário.

22. A RCC assuma também as opções, diretrizes e orientações da Igreja Particular onde se faz presente, evitando qualquer paralelismo e integrando-se na pastoral orgânica.

23. Os Bispos e os párocos procurem dar acompanhamento à RCC diretamente ou através de pessoas capacitadas para isso. Por sua vez, a RCC aceite as orientações e colabore com as pessoas encarregadas desse acompanhamento.

29. Evite-se na RCC a utilização de termos já consagrados na linguagem comum da Igreja e que na RCC assumem significado diferente, tais como, pastor, pastoreio, ministério, evangelizador e outros.

32. Os manuais de oração, livros de estudos bíblicos e de formação doutrinal, dada sua importância pastoral, tenham aprovação eclesial.

No que se refere às experiências espirituais o Documento assim se posiciona:

46. A experiência religioso-cristã não se realiza em mera experiência subjetiva, mas no encontro com a Palavra de Deus confiada ao Magistério e à Tradição da Igreja, nos sacramentos e na comunhão eclesial (CNBB, Doc. 45, 175).

49. A espiritualidade cristã integra o social e o espiritual, o humano e o religioso. Não está, porém, isenta das ambigüidades e mesmo distorções que podem caracterizar as reações do psiquismo humano, seja individual, seja grupal. Por isso, *evite-se alimentar um clima de exaltação da emoção e do sentimento, que enfatiza apenas a dimensão subjetiva da experiência da fé* (CNBB, 1994, p. 6-7, grifo nosso).

Quanto às experiências de cura, presentes nos diversos encontros da RCC, o Documento 53 alerta quanto às práticas que são estranhas à Igreja Católica, dizendo:

59. Ao implorar a cura, nos encontros da RCC ou em outras celebrações, não se adote qualquer atitude que possa resvalar para um espírito milagreiro e mágico, estranho à prática da Igreja Católica.

60. Nas celebrações com doentes, não se usem gestos que dão a falsa impressão de um gesto sacramental coletivo ou que uma espécie de “fluido espiritual” viesse a operar curas.

61. O Óleo dos Enfermos não deve ser usado fora da celebração do Sacramento. Para não criar confusão na mente dos fiéis, quem não é sacerdote não faça uso do óleo em bênção de doentes, mas use apenas o Ritual de Bênçãos oficial da Igreja (CNBB, 1994, p. 8).

Quanto à experiência religiosa carismática do uso dos dons (dom de línguas e dom da profecia), os números 62 e 64 apresentam um caráter de cautela quanto às suas práticas nesses termos:

62. Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete.

64. Haja grande discernimento quanto ao dom da profecia, eliminando qualquer dependência mágica e até supersticiosa (CNBB, 1994, p. 8).

Outro aspecto das experiências religiosas que pode ser destacado no meio Carismático é quanto ao chamado “repouso no Espírito” e que o Documento da CNBB assim se manifesta no número 65:

Em Assembléias, grupos de oração, retiros e outras reuniões evite-se a prática do assim chamado “repouso no Espírito”. Essa prática exige maior aprofundamento, estudo e discernimento (CNBB, 1994, p. 8).

1.4.2. Ponto de tensão

O estabelecimento das orientações pastorais, regras ou normas de conduta atingiram aos mais fervorosos que se sentiram controlados, no âmbito de suas práticas religiosas, para eles inalienáveis. Daí o surgimento do que na pesquisa é chamado de ponto de tensão, que, a princípio, fez com que alguns participantes do movimento

passassem a buscar novas formas de vivenciar sua fé em detrimento ao controle de suas experiências religiosas.

Peter Berger elucidada nesses termos:

Seria errôneo supor que essa consequência nomizante da interação social deva, desde o início, produzir um nomos que abarque todas as experiências e significações discretas dos participantes individuais (BERGER, 1985, p. 32).

Em outras palavras, a partir do que tem sido analisado sobre o referido documento episcopal, pode-se perceber que de alguma maneira o Documento não conseguiu controlar em específico a vasta questão da experiência religiosa entre os carismáticos, pois o conflito não apenas continuou, mas se esvaiu e se ajustou sob outras formas. Conforme atesta o pesquisador Carlos Steil (2004), que pesquisa o movimento desde a década de 90, o surgimento dessas novas e diversas formas de vivenciar a fé nas franjas do catolicismo pulularam. O que foi possível observar, tanto por consequência das leituras quanto pelo trabalho de campo, foram relatos que puderam ajudar a definir o ponto nevrálgico desta pesquisa, o qual se optou chamar de *ponto de tensão*.

Ponto de tensão foi o nome dado à situação vivenciada no contexto carismático na cidade de Sapucaia durante o período citado, quando ocorreram tensões em função do encontro de diferentes formas de vivenciar a experiência religiosa⁵³ carismática em uma mesma cidade e até grupo de oração. Este *ponto* qualificou-se como sendo *de tensão* por estar situado entre as regras de conduta indicadas pelo Doc. 53 presentes dentro de um espaço religioso⁵⁴ (os Grupos de Oração da RCC realizados dentro da Igreja) e o desejo ou a atração de experienciar as manifestações do Espírito Santo de forma livre e desimpedida.

Amparando-se em Berger, tem-se o que segue:

O indivíduo não é modelado como uma coisa passiva, inerte. Ao contrário, ele é formado no curso de uma prolongada conversação (uma dialética, na acepção literal da palavra) em que ele é *participante* (grifo do autor). Ou seja, o mundo não é passivamente absorvido pelo indivíduo, e sim apropriado ativamente por ele. [...] Isto é, o indivíduo continua a ser um co-produtor do mundo social, e assim de si mesmo.

⁵³ Discorrer-se-á sobre experiência religiosa mais adiante. Na pesquisa esta forma de vivenciar a experiência religiosa também será chamada de *religiosidade e modalidade*.

⁵⁴ Aqui o espaço é o templo religioso, a Igreja ou Paróquia.

[...] Ele se apropria subjetivamente dela travando interação lingüística com os outros. No decurso dessa interação, entretanto, modifica inevitavelmente a linguagem, mesmo que negasse a validade dessas modificações. [...] Todo nomos socialmente construído deve enfrentar a possibilidade constante de ruir em anomia. Visto na perspectiva da sociedade, todo nomos é uma área de sentido esculpida de uma vasta massa de carência de significado, uma pequenina clareira de lucidez numa floresta informe, escura, sempre ominosa (BERGER, 1985, p. 36).

Este é o lado subjetivo da já observada precariedade de todos os mundo construídos pelo homem. A dificuldade de manter de pé um mundo se expressa psicologicamente na dificuldade de manter esse mundo subjetivamente plausível. O mundo é construído na consciência do indivíduo pela conversação com os que para ele são significativos. O mundo é mantido como realidade subjetiva pela mesma espécie de conversação, seja com os mesmos interlocutores importantes ou com outros novos. Se essa conversação é rompida, o mundo começa a vacilar, a perder sua plausibilidade subjetiva. Por outras palavras, a realidade subjetiva do mundo depende do tênue fio da conversação. [...] A manutenção dessa continuidade é um dos mais importantes imperativos da ordem social (BERGER, 1985, p. 28-30). Assim como não pode haver indivíduo totalmente socializado, assim sempre haverá também significados individuais que permanecem fora ou à margem do nomos comum. Na verdade [...] as experiências marginais do indivíduo são de considerável importância para a compreensão da existência social (BERGER, 1985, p.32-33)

1.5 Breve discussão sobre a origem da RCC no Brasil

Alguns autores quando discutem a origem da RCC apontam para o fenômeno do pentecostalismo brasileiro no aspecto das três ondas. A primeira formou comunidades religiosas como a Assembléia de Deus; a terceira, classificada como pentecostalismo autônomo, foi marcada pelo trinômio cura-exorcismo-prosperidade, tendo como expoente a IURD. O surgimento da RCC faria parte da segunda onda do pentecostalismo, caracterizada pela emergência de movimentos religiosos ao invés de Igrejas (ANTONIAZZI, 1994).

Paul Freston (*apud* ANTONIAZZI, 1994), apesar de também utilizar o modelo das três ondas, vai demarcar suas fronteiras de forma diferente. Segundo ele, a ênfase da primeira onda foi o batismo no Espírito Santo através do dom da glossolalia; a ênfase da segunda onda foi a cura e a da terceira, a libertação.

Para Edênio Valle (2004), a RCC encontrou terreno fértil no Brasil e se expandiu com muita rapidez graças a essa tendência brasileira em abrir-se à cultura

norte-americana. Assim como se importam carros, eletrodomésticos, filmes, comida e moda, estaria se importando também as formas norte-americanas de crer e viver experiências religiosas. Ele explica:

O comportamento religioso brasileiro não poderia escapar à pressão global que nos chega do poderoso irmão do norte. Cada vez mais o cristianismo brasileiro se torna uma cópia (um pouco em atraso) do que sucede no norte do continente. O que se dá lá se copia e se repete de alguma maneira aqui (VALLE, 2004, p. 3).

Entretanto, é de se pensar que essa interpretação reduz o fenômeno carismático a quase uma questão de inculturação, simplificando demais um processo que vai além de uma importação cultural. Também reducionista, no entender do autor desta dissertação, é a interpretação de Lemuel Guerra (2003) que analisa o movimento sob a ótica do mercado religioso. Segundo ele, a adoção do modelo carismático, foi o resultado dos esforços que a Igreja fez para adaptar sua proposta de religiosidade às novas condições de mercado e às demandas dos fiéis, que migravam continuamente para as seitas evangélicas.

Uma ação destinada a fazer frente à perda de fiéis para os pentecostais, que ofereciam o que tinha sido deixado de lado no produto religiosos dos progressistas, significou, efetivamente, uma apropriação de algumas características do principal adversário dos católicos no mercado religioso no Brasil (VALLE, 2004, p. 8).

Segundo ele, diante da competição dentro desse mercado religioso, a Igreja conseguiu, através da RCC, cumprir duas metas ao mesmo tempo: a de conter a expansão dos pentecostais e a de enfraquecer os setores mais progressistas da Igreja (CEBs). A expansão da RCC representou, portanto, a vitória de alas mais conservadoras do clero em detrimento da Igreja Popular que perdera a luta. Valle (2004) ressalta, entretanto, que tudo isso não ocorreu de forma estratégica e planejada. Ele explica:

O que aconteceu foi, por um lado, a criação de uma série de mecanismos estruturais e organizacionais que dão apoio ao desenvolvimento desse estilo de ser católico - o carismático - e, por outro, a tomada de um conjunto de medidas que resultariam, na prática, em maiores dificuldades para a continuidade e desenvolvimento do projeto da Igreja Popular (VALLE, 2004, p. 8).

Embora não seja possível negar a existência de um mercado religioso, pense-se que esta não deve ser a única via de interpretação do fenômeno carismático. É importante lançar mão do argumento de Ari Pedro Oro (1997) que tenta compreender o surgimento e a consolidação da Renovação Carismática dentro de um contexto histórico-social mais amplo. Ele tenta identificar algumas características comuns nos novos movimentos religiosos mostrando que, a partir da década de 70, surgir

am formas modernas de crer, que se caracterizam pela: (1) centralidade da emoção, do uso do corpo e da subjetividade; (2) dimensão globalizante e holística, de união do fiel com o mundo, consigo mesmo e com o cosmos; e (3) dimensão terapêutica, com ênfase na busca da saúde e do equilíbrio corpo-mente.

Num contexto de novas configurações sociais, Emerson Silveira discorre que se pode observar o deslocamento do senso de obrigatoriedade vivenciado pela tradição para dar lugar a um senso experimentação individualística (SILVEIRA, 2008). Mariz e Machado (1998) complementam afirmando que nesse processo as noções de verdade passam a ser deslocadas e se percebe o início do abandono de uma identidade religiosa institucional que desloca a verdade para o âmbito da experimentação dos agentes sócio-religiosos.

Oliveira (2008), em sua etnografia sobre a Canção Nova, aponta que ao mesmo tempo em que se confirmava um pertencimento à instituição católica, simultaneamente, os carismáticos desejam renová-la tendo por base os moldes pentecostal-evangélicos. Isso será percebido na etnografia dos Guerreiros de Oração proposta no final deste trabalho.

É nesse sentido, continua Oliveira (2008), que a RCC passaria a viver a ambivalência de ser católica e carismática, em muitos casos, dentre os quais o de Sapucaia, muito próxima aos pentecostais quanto à performance nas práticas religiosas. A partir do catolicismo carismático o fiel passaria a usufruir as duas identificações ao mesmo tempo sem precisar fazer uma escolha entre elas (OLIVEIRA, 2008). Esse apontamento também será constatado nas práticas religiosas das vigílias de oração realizadas pelos Guerreiros de Oração de Sapucaia.

A RCC, portanto, ratificaria o simbolismo, a doutrina e a dogmática tradicional católica, mas, ao mesmo tempo contestaria o catolicismo de um tipo mais secularizado, questionando as barreiras institucionais às manifestações do Espírito Santo e às várias experimentações do sagrado irrompidas na vida cotidiana, como os milagres, a Providência Divina, as visões ou sensações de Jesus ou da Virgem Maria

(MACHADO & MARIZ, 1994; 2003; MACHADO, 1996; MAUÉS, 2000; STEIL, 1998; 2003).

Continuando com Oliveira (2008), o ideal buscado pelo fiel católico-carismático e não concebido por ele como contraditório, seria que sua permanência na Igreja não interferisse na sua autonomia em relação a ela. Ou ainda, que, em última instância, as experiências vividas pelo movimento dentro da Igreja, transformassem a própria Igreja. Por isso, conseqüentemente, surgiram tensões entre a instituição e o carisma, e tais tensões são creditadas ao mito de origem no qual a RCC estaria fundamentada: o Pentecostes (NETO, 1997; SILVEIRA, 2008; CAMURÇA, 1999).

Esse é o contexto em que se dá esta pesquisa, no entrecruzamento entre a experiência pessoal vivenciada pelo carismático e a religião a qual faz parte. Ou seja, num ponto de tensão em que um grupo de carismáticos, os Guerreiros de Oração, diz vivenciar intensas experiências religiosas dentro de espaços institucionalizados onde existem normas de conduta para orientar quanto a distorções e exageros.

Concorda-se que tanto o pentecostalismo quanto o carismatismo, como já dito anteriormente, seja no início, no meio, fim do século XX ou nos diversos contextos os quais uma determinada modalidade pentecostal tenha surgido, são movimentos fundados e originários de um único fenômeno (Batismo no Espírito Santo). Assim ocorreu com no pentecostalismo clássico (1901 e 1906), com o pentecostalismo católico (1967) e com os Guerreiros de Oração em Sapucaia (1994).

A diferença entre eles está na corporalidade ou, especificamente, no aspecto do deixar-se corporalmente ser manipulado (SILVEIRA, 2008) pelo agente divino, pois enquanto no pentecostalismo clássico a experiência corpórea era mais selvagem⁵⁵ (BASTIDE, 2006), no pentecostalismo católico ou carismático de modalidade/vertente⁵⁶ oficial a experiência era mais controlada, não significando a ausência do agente divino, mas a forma como se deixara ser manipulado por ele.

Com os Guerreiros de Oração já se ocorre um duplo aspecto: o corpóreo e o liminar. Corpóreo no aspecto da opção pela experiência selvagem e liminar no aspecto

⁵⁵ As reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. (MATOS, 2006, p. 32).

⁵⁶ Vertente é o termo utilizado na Tese de Doutorado de Emerson S. Silveira (2008) quando fala da enorme diversidade interna existente na RCC. Silveira atribui o termo oficial aos carismáticos católicos que buscam seguir as orientações da CNBB quanto às normas de conduta referentes às experiências subjetivas. Nesta dissertação será utilizado o termo modalidade por considerar ser mais apropriado que vertente.

de estar à margem, isto é, eles não se coadunam com os pentecostais protestantes e discordam das normas de conduta acolhidas pelos carismáticos oficiais. A partir de situações conflituosas entre as normas de conduta e a opção pelas experiências selvagens, os Guerreiros de Oração então, conforme aponta Steil (2001; 2004), criam novas formas de vivenciar suas práticas, numa espécie de fuga do controle ou cerceamento de suas experiências.

No entender do autor desta dissertação, são maneiras de se deixar ser manipulado pelo agente divino, descolando-se para espacialidades de grande representatividade do universo pentecostal: os montes. Tais experiências religiosas são deslocadas para os montes por conta da suposta necessidade da vivência ou manutenção da selvageria (BASTIDE, 2006) como critério de validação das certezas e das verdades pessoais. Foi nesse sentido que passou a se considerar que por meio da etnografia seria possível uma maior compreensão dessas práticas religiosas.

CAPÍTULO 2

O SURGIMENTO DA RCC EM SAPUCAIA

Na busca do surgimento da Renovação Carismática de Sapucaia, percebeu-se a existência de mais de uma origem do movimento. À medida que as visitas entre os grupos iam ocorrendo, delineavam-se contornos e fronteiras que enunciavam modos distintos de ser e estar na RCC. Se os grupos de oração são conhecidos como os locais carismáticos por excelência que denotam alguma uniformidade, para um olhar atento e insistente, tal assertiva não seria aceita em Sapucaia.

Cada grupo tem sua própria característica, especialmente se levar-se em conta aquilo que vem aos olhos, como, a localidade, a quantidade de pessoas, a faixa etária, classe social e gênero dos presentes, suas vestimentas, a linguagem corporal

dos fiéis receptores e a utilizada por aqueles que conduzem o grupo, a performance de quem está “pregando a palavra” e daqueles que estão cantando e tocando os instrumentos, o tipo de aparelhagem utilizada e a forma como o som do ambiente é gerido. Como se percebe, várias foram as vias ponderadas no percurso feito pelos grupos de oração para se saber sobre seu surgimento.

Nos três anos de pesquisa de campo pode-se notar que por mais que a RCC apresentasse uma aparente uniformidade nos grupos de oração e por mais que as vias citadas acima estivessem presentes em todos, cada qual com sua especificidade, foram-se constatando dessemelhanças substanciais, em outras palavras, distinções na própria substância do fenômeno em questão, a experiência carismática da RCC.

2.1 A experiência carismática

O estudo teórico da religião sempre foi algo presente nas ciências sociais, no entanto, a diferença está em que teóricos clássicos como Durkheim, Weber, Mauss, dentre outros, analisaram o fenômeno a partir da Instituição ou de um **sagrado instituído** – termo de Roger Bastide (2006) – e não da religiosidade ou das experiências religiosas pessoais.

Buscando esclarecer a diferença entre religião e religiosidade, Crespi (1999) discorre que ao se considerar a propensão de se reduzir a complexidade da realidade, tende-se a criar representações que se pensam capazes de dar respostas às indagações sobre o sentido da vida e de oferecer regras certas de comportamento. A partir daí surge a religião institucional como uma forma de mediação extremamente eficaz. Utilizando Simmel, Crespi aponta que o fenômeno religioso não se reduz ou se esgota a funções e/ou institucionalizações, pois, que há “[...] na religiosidade um modo primário, específico, irreduzível e fundamental do ser humano que pode se manifestar na crença de uma fé, como também revelar-se em outras atitudes não identificáveis com as formas codificadas de uma religião” (CRESPI, 1999, p. 15). A consideração para Crespi (1999) seria de que a religião fornece uma base da coesão social, mas a experiência religiosa não exerce, a não ser indiretamente, uma influência social, “mas responde unicamente a exigências existenciais, sustentando o indivíduo na sua referência a dimensões que transcendem a socialidade”. (CRESPI, 1999, p. 16).

Se a religião institucional é profundamente condicionada pelas estruturas sociais que ela, por sua vez, condiciona, a *religiosidade*, enquanto experiência pessoal, abre para horizontes de sentido relativamente autônomos com relação à realidade social, podendo aliás se tornar uma das principais forças de desmistificação das formas alienantes de absolutização presente na realidade social e na própria religião. A partir desta base, Simmel pôde interpretar a crise da religião na sociedade moderna em termos de uma pgressiva *privatização* da experiência religiosa. (CRESPI, 1999, p. 16, grifo do autor).

Portanto, o que vem a ser a religiosidade enquanto uma experiência pessoal nesse contexto? Dentro da antropologia, como ciência que busca a compreensão do ser humano em seus múltiplos aspectos culturais (LAPLANTINE, 2003), alguns autores a entendem como a experiência do transcendente e da transcendência, aquela “capacidade, típica do ser humano, de sair para fora de si, do seu corpo, da sua situação humana, através da reflexão, do pensamento, do sonho, da imaginação”. (SCHIAVO, 2007, p. 65).

Dialogando com as Ciências da Religião, Croatto (2004) diz tratar de uma vivência relacional do humano com o transcendente, que, por ser humana, é limitada à realidade e, por isso, sempre objeto de desejo e de uma busca sem fim. Nas experiências religiosas as necessidades são saciadas, conforme descreve o autor, nesses termos:

As ‘necessidades’ são saciadas, na instância religiosa, por realidades de ordem transcendente: as *físicas* por milagres (cura, comida ou bebida milagrosa, ressurreição...); as *psíquicas* com a paz, o gozo da ‘glória’ ou a visão de Deus, estados místicos, amor plenificante...; as *socioculturais* por uma nova ordem social, a libertação como ação divina na história, a irrupção de um mundo novo (2004, p. 45, grifo do autor).

Costa (2006. p. 123) assim discorre:

Para o carismático, a experiência religiosa primordial é, precisamente, a exaltação desta intimidade com Deus. Se usarmos categorias weberianas, o carismático exclui, ou torna secundárias, vias de salvação muito comuns a outras opções: o cerimonial ritualista, as obras sociais, a subordinação confiante ao instituto da graça (Igreja) aliado à *fides implícita*, a ascética intramundana racional e ultrametódica (como convicção de salvação). A experiência da relação pessoal com Deus é como que uma revelação e daí a confiança ilimitada quer no divino quer naqueles a quem ele se revela [...]

Atraídos pela experiência da transcendência e do transcendente, os participantes dos grupos de oração e das variadas práticas religiosas carismáticas, vão à procura de respostas para as diversas perguntas sobre o sentido da vida e da existência. Nesse sentido, acreditam receber amparo e segurança para os momentos difíceis, preenchendo-se dos vazios gerados pela finitude da vida e sentindo-se garantidos quanto a um destino positivo no final de suas caminhadas como seres humanos na terra (SCHIAVO, 2007).

Foi no aspecto das experiências pessoais carismáticas que se sentiu a necessidade de um olhar mais aguçado. Por mais que fossem justificáveis as diferenças entre os grupos de oração por conta de contingências naturais e inerentes ao mundo social, o que se deparava eram modos diferentes de uma mesmo movimento, o que necessariamente se faria concluir que existia mais de uma maneira de ser carismático e, supostamente, mais de uma gênese.

Uma das formas encontradas para dar compreensão à questão das modalidades carismáticas e, conseqüentemente, às diferentes experiências de vivenciar o movimento, foi, portanto, o conhecimento de suas origens em Sapucaia. Ou seja, creditou-se que por esse caminho poder-se-ia chegar à hipótese de que as maneiras como as experiências carismáticas foram transmitidas e concebidas provocaram a existência de mais de uma modalidade⁵⁷ de Renovação na cidade.

A primeira origem da RCC em Sapucaia remete-se ao ano de 1977 e a outra ao final da década de 80. A modalidade carismática iniciada na década de 70 permaneceu no decorrer dos anos até os dias atuais, mas a originária em 1988, por conta da grande efervescência dos anos 90, gerou outras duas modalidades carismáticas: a modalidade das comunidades e a modalidade dos Guerreiros de Oração. Desta, as vigílias de oração nos montes tornar-se-ia uma de suas maiores marcas.

Tanto um quanto outro relato do surgimento ocorreu a partir de retiros chamados Experiências de Oração. Eram encontros realizados geralmente nos salões paroquiais das igrejas católicas, começando no início da noite de sexta-feira e terminando no fim da tarde do domingo.

⁵⁷ Modalidade: propriedade que tem a substância de ter modos. Nesta pesquisa entende-se que no caso de Sapucaia a substância seria a RCC e suas modalidades seriam a RCC iniciada em 1977, a iniciada em 1988, a modalidade das Comunidades da década de 90 e a modalidade dos Guerreiros de Oração de 1994.

Tal qual na década de 60, quando dos Cursilhos nos EUA e Brasil, as Experiências de Oração eram encontros semelhantes⁵⁸ no que se refere aos temas palestrados, diferenciando-se apenas na inclusão da temática do Espírito Santo, nos louvores e nas orações que favoreciam as experiências subjetivas emocionais atribuídas ao Batismo no Espírito.

Por meio de conversas informais, relatou-se que basicamente a RCC em toda a cidade de Sapucaia operava da seguinte forma: com os Encontros chamados Experiência de Oração, realizados algumas vezes ao ano nas paróquias que já haviam aderido aos carismáticos, com os Grupos de Oração realizados uma vez por semana para divulgar o movimento e acolher os novos que haviam feito os encontros e com os Grupos de Intercessão. Estes surgiram depois, no final da década de 80 e início de 90, como um complemento do Grupo de Oração e por conta da necessidade de amparar e organizar espiritualmente o movimento em função do aumento expressivo dos participantes na década de 90.

O grupo de intercessão tratava-se de uma reunião em menor número composta pelos carismáticos mais experientes que já tinham um envolvimento maior na RCC. Era a reunião daqueles que futuramente seriam chamados na década de 90 “servos” (de Deus) ⁵⁹, que eram as pessoas que haviam sentido uma espécie de chamado divino para trabalhar na evangelização e as que mais evidenciavam os dons do Espírito Santo.

Este grupo, comumente chamado apenas de Intercessão, é uma reunião semelhante aos grupos de oração onde se louvam, batem palmas, partilham a palavra de Deus e principalmente oram. Mas, a diferença está nos seguintes pontos: somente as pessoas que fizeram um retiro carismático podem participar; é uma reunião estritamente feita para se rezar ou para “interceder” pelo grupo de oração, pela cidade, estado, país e pelo mundo. É um grupo que fornece amparo para que o grupo de oração permaneça em bom funcionamento e, por fim, entendeu-se tratar de um grupo

⁵⁸ Não se percebeu que estas informações fossem do conhecimento de nenhum entrevistado ou informante durante o período do trabalho de campo.

⁵⁹ Não se sabe ao certo ainda a procedência do termo “servo de Deus”. O que se sabe é que não se trata de um termo utilizado entre os fiéis católicos leigos que não participam da RCC. De forma não corriqueira, o termo “servo” pode ser utilizado como referência ao Papa, aos bispos e sacerdotes em geral. Em contrapartida, no meio pentecostal, o termo servo é comum e utilizado para aludir tanto aos pastores como aos “obreiros”, ou seja, todos aqueles que prestarem algum serviço na Igreja ou que manifestarem uma vocação ou chamado divino para tal. Por isso, supõe-se que de alguma forma o termo servo tenha procedência pentecostal.

mais favorável às manifestações espirituais pelo fato de todos já fazerem parte do movimento.

No entender deste trabalho os Grupos de Intercessão em Sapucaia representam não apenas a imagem mais próxima do que é a RCC, mas de que modalidade de RCC está-se falando, pois é na Intercessão que a experiência carismática é mais explicitada por meio das orações e de toda a sorte de manifestações corporais sentidas quando a pessoa se diz preenchida ou possuída pelo Espírito Santo.

Conta-se que principalmente na década de 90, com o surgimento da modalidade carismática de 1988 e da modalidade dos Guerreiros de Oração, os Grupos de Oração, especialmente, os de Intercessão passaram a ser palco de várias tensões. Ocorreu que através deles passaram-se a presenciar exageros e desobediências às orientações feitas no Doc. 53 da CNBB, favorecendo o surgimento de novas formas de vivenciar a religiosidade dentro da própria renovação carismática, conforme aponta Costa (2006, p. 124): “[...] múltiplas correntes se formaram e entrecrocaram, criando sérios embaraços pelas franjas que penetravam nas igrejas estabelecidas”.

2.2 As diferentes modalidades carismáticas

Um dos maiores estudiosos da RCC em Portugal, o sociólogo Joaquim Costa (2006), comenta sobre formas de vivenciar a religiosidade carismática nesses termos:

Não só pulularam as “tendências” ou “correntes” mas também, à imagem da experiência fundacional, foram aparecendo (e desaparecendo) grupos espontâneos, sem enquadramento institucional, reclamando a sua natureza autenticamente eclesial. Podemos, assim, encontrar um leque muito vasto de unidades (“grupos” ou “comunidades”) contrastantes entre si, dispersas na dificuldade de as enquadrar em qualquer classificação inequívoca) (p. 120).

Durante a década de 90 constatou-se que passaram a existir formas distintas de vivenciar a religiosidade⁶⁰ ou modalidade⁶¹ carismática ao mesmo tempo em que nesta dissertação convencionou-se chamar de modalidade⁶² carismática institucionalizada (WEBER, 2000) ou modalidade controlada (BASTIDE⁶³, 2006) e a modalidade carismática de fuga do controle, ou, valendo-se da perspectiva de Roger Bastide (2006), chamada de selvagem.

A modalidade carismática institucionalizada ou controlada é a aquela que se concretiza em práticas religiosas parametradas num *ethos* carismático posterior à publicação do Documento 53 da CNBB (2002). A partir desse contexto deram-se preponderância às regras de conduta colocadas pelo Documento, no intuito de controlar os excessos, exageros, paralelismos e proximidades com os evangélicos pentecostais.

Tratam-se, por exemplo, de orações cujas condutas são mais comportadas. Há uma maior ponderação das manifestações ou experiências ditas do Espírito Santo. As reuniões e orações (como grupos de oração, Retiros e Vigílias de Oração) são realizadas dentro das Igrejas ou de suas espacialidades. Verifica-se uma verticalidade nas/das relações com uma “certa preocupação” em atender aos superiores, provocando dependência hierárquica e subserviência. Este tipo de religiosidade carismática apresenta-se naqueles grupos de oração que são tidos como *oficiais* (SILVEIRA, 2006) da RCC e que em sua grande maioria estão catalogados no cadastro nacional da RCC do Brasil. Segundo relatos observados em trabalho de campo são os grupos de oração comumente tidos como os “obedientes” à Igreja Católica.

Já a religiosidade de fuga desse controle, apresenta-se como um tipo de *ethos* carismático resultante do desconforto ou discordância às menções feitas pelo Doc. 53, por entenderem que este sugere um controle às manifestações espirituais provenientes do Espírito Santo, como: o êxtase, tal qual os místicos (MENEZES, 2007), a glossolalia, cair, deitar-se (CORTEN, 1996), pular, rolar, dar cambalhotas

⁶⁰ Religiosidade enquanto experiência pessoal conforme Crespi (1999).

⁶¹ No caso de Sapucaia as modalidades seriam a RCC iniciada em 1977, a iniciada em 1988, a modalidade das Comunidades da década de 90 e a modalidade dos Guerreiros de Oração de 1994.

⁶² Emerson Silveira usa o termo vertente carismática, dentre as quais uma vertente carismática é a chamada oficial.

⁶³ Pensando a partir de Bastide (2006), quando trata das fissuras do controle, apontam-se espécies de rachaduras ocorridas na túnica institucional toda vez que houver um relaxamento com relação ao controle da selvageria latente no transe.

(MARIANO, 1999); chorar, rir (ORO, 1996), sentimento de grande emoção, alegria, exultação, transbordamento (ORO, 1995) e o extravasamento dos sentidos que suscita a dança, o arrebatamento, algo próximo ao desfalecimento (RICCI, 2006). Nessa religiosidade recria-se, reinterpreta-se, reinventa-se, ressignifica-se muitas das práticas da religiosidade institucionalizada.

Elas se concretizam tanto em performances próprias, quanto pela volta ao contato com evangélicos pentecostais⁶⁴ e no uso dos espaços que estão para além da paróquia como os montes, clareiras, matas e grutas, em práticas denominadas vigílias de oração nos montes⁶⁵, justamente pelo fato de necessitarem de maior liberdade para suas experiências religiosas.

Costa (2006, p. 120) também comenta esta tendência declarando que:

O genuíno impulso carismático anda próximo das irrupções do *sagrado selvagem* nas sociedades secularizadas [...], e desperta fantasmas montanistas, alimentados por buscas experimentais que, sobretudo durante duas décadas (70 e 80), configuraram o que a actual e mais integrada bibliografia do movimento chama de “excessos” “desvios” de percurso, convidando à vigilância e à obediência para que não se repitam.

No entender desta pesquisa é importante destacar que por não se definirem aos mesmos padrões dos grupos de oração oficiais, por se posicionarem algumas vezes de forma contrária ao que foi estabelecido pelo Doc. 53, por conterem práticas performáticas próprias e, principalmente, por não romperem com a Igreja Católica mas, afirmarem-se como católicos propôs-se chamar também de religiosidade liminar, tomando o conceito de Turner sobre liminaridade (DUARTE, DE MENEZES, 2008; CABRAL, 2000; TURNER, 2005). Discorrer-se-á sobre isto mais adiante.

2.3 Relato da primeira origem: Grupo de Oração São Gabriel, a modalidade dos carismáticos oficiais

⁶⁴ O contato apontado aqui não se dá apenas por meio do trânsito pessoal em outras denominações, mas através do universo literário e de mediações postas nos meios de comunicação.

⁶⁵ Soube-se por interlocutores que em mais seis estados do Brasil há as vigílias de oração nos montes. São Paulo (Santa Bárbara do Oeste e Vera Cruz); Paraná (Guarapuava, Ortigueira, Santa Izabel do Ivaí, Barra do Jacaré); Mato Grosso (Cuiabá e Denise); Mato Grosso do Sul (Dourados); Minas Gerais (Belo Horizonte e Barbacena); Rio de Janeiro (Rio de Janeiro).

O surgimento da primeira modalidade da RCC em Sapucaia é relatado por Cláudio, um de seus iniciadores e líderes do movimento. Nasceu em 20 de maio de 1952 e por volta de 1977 exercia a profissão de bancário. No início dos anos 2000 resolveu voltar a estudar formando-se em Direito e está como Advogado até os dias de hoje. Casado e pai de duas filhas, diz ter conhecido sua esposa no grupo de jovens da paróquia a qual pertencia. Cláudio relembra que sua participação neste grupo remonta o ano de 1972 e sua esposa, 1974.

Favorecido por seu capital social e espiritual adquiridos pelo envolvimento e liderança na RCC, Cláudio elegeu-se facilmente para vereador em Sapucaia por dois mandatos na década de 90. Nos anos posteriores em que não se candidatou, foi nomeado como Secretário da Assistência Social no Município.

Em suas palavras conta seu primeiro retiro na RCC:

Eu e a Ocirema fizemos nossa primeira Experiência de Oração em 1977, organizada por uma Irmã do Colégio Sagrado Coração de Jesus e os pregadores eram de Adamantina. Depois participamos de várias experiências e aprofundamentos de oração com outros pregadores. Participamos de mais de 20 experiências e aprofundamento com o Padre Ricardo de Jaú, hoje Dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho, Bispo emérito de Pouso Alegre-MG. Nós e outros jovens do nosso grupo participamos de várias experiências de oração. Nessa época iniciaram três grupos de oração: no Colégio Sagrado Coração, na Santa Casa e na Paróquia Rosa Mística. Casamos em setembro de 1979 e iniciamos o nosso grupo de oração da Paróquia São Gabriel no dia 09/11/1979 e as reuniões eram todas as quartas feiras, como é até hoje⁶⁶.

Cláudio fez questão de ressaltar que o grupo de oração carismático tinha o apoio do Padre, mas, ao mesmo tempo, funcionava a portas fechadas. Ou seja, tratava-se de um grupo composto por um número fixo de pessoas que se reuniam dentro da Igreja, mas que não estava aberto à entrada de outras pessoas. Ele conta que “muitas pessoas da paróquia não aceitavam a RCC” e ainda existiam vários padres que recepcionaram a RCC com reservas e desconfianças, por isso, os outros grupos de oração em Sapucaia naquele período também funcionavam da mesma maneira. Como coordenador, Cláudio relata que tratava-se de um grupo pequeno composto por uma maioria jovem provenientes do Grupo de Jovens da paróquia. Aproximando-se da década de 90, por se tratar de um período de efervescência,

⁶⁶ Dados descritos por Cláudio em durante uma entrevista informal.

Cláudio aponta que as portas se abriram para a participação de outras pessoas, nesses termos:

Em 1988, o Espírito Santo agiu com poder e foram formados grupos de oração em todas as paróquias do país e a RCC se tornou um fenômeno que chamou a atenção da chamada "grande imprensa" e a TV Globo deu um grande destaque no programa Fantástico, inclusive repetiu no domingo seguinte atendendo pedidos de todas as partes do país. [...] Os grupos eram mais vibrantes e passamos a vivenciar os carismas. As pessoas procuravam os grupos de oração movidas pelo Espírito Santo e também até por curiosidade. Em 1990, nosso grupo, da Paróquia São Gabriel contava com a participação de 600 pessoas. Neste período pregamos várias experiências de oração com a participação em média de 300 pessoas e por falta de um espaço não era possível aceitar todos os interessados em participar das experiências de oração.

A própria história da gênese do grupo de oração da Paróquia São Gabriel viria a refletir no decorrer dos anos que seria um grupo focado tanto na obediência à Igreja quanto nas orientações provenientes do clero e das equipes de coordenação da cidade, da região, do estado e país.

Isto se dava porque a RCC de Sapucaia sempre possuiu uma Equipe de Coordenação (também chamado de Núcleo) composta por um número variável de 3 a 6 pessoas⁶⁷ (o Coordenador e o Vice; o Secretário e o Vice; Tesoureiro e o Vice). Esta equipe está ligada a uma outra equipe de âmbito Regional ou Diocesano nos mesmos moldes, que, subsequentemente, também está ligada a uma Equipe Estadual que, por fim, está ligada a uma Nacional. Como a RCC existe a partir de seu grupo principal, o grupo de oração, este também possui uma Coordenação. Portanto, cada grupo de oração contém uma Equipe de Coordenação com um coordenador responsável; cada município também possui uma Coordenação, bem como cada região, estado e país.

Segundo Cláudio, o papel das coordenações é "fazer a RCC caminhar como Igreja Católica, para a Igreja, na Igreja e com a Igreja". Por isso, sua preocupação como Coordenador sempre foi acompanhar as orientações da Igreja e das Equipes de Coordenação da RCC Nacional e Estadual no sentido de evitar exageros e descaminhos pelos quais, segundo ele, os carismáticos são tão propensos. Em sua

⁶⁷ Dessas pessoas somente os coordenadores são votados. Reúnem-se todos os coordenadores da cidade e fazem a eleição. Os nomes das duas pessoas mais votadas, por mais que a diferença de votos seja grande, são levados ao bispo, que fará a escolha final. A mesma estrutura se dá nos grupos de oração, sendo o Sacerdote responsável da Paróquia, o Pároco, quem irá decidir.

opinião, “é melhor que se obedeça e sofra as demoras de Deus, do que se desobedeça e acabe o grupo de oração por divisões, fanatismos e fundamentalismos tão presentes entre os protestantes”⁶⁸.

Costa (2006) comenta sobre o *verdadeiro carismático* valendo-se de bibliografia pertinente de Padres carismáticos de Portugal nesses termos:

O verdadeiro carismático ama a Igreja, confia nos seus ministros, deve-lhes fidelidade e obediência, além de, obviamente, aceitar a vigilância pastoral do clero (estimulado a não virar costas ao movimento) (2006, p. 124).

A Equipe de Coordenação Nacional, através das Equipes estaduais e diocesanas, segundo Cláudio, mantêm regularmente o contato e a observação nos grupos por meio das orientações estabelecidas no Documento 53 e dos encontros, reuniões e comunicados que efetua quando necessários.

A referência maior são os documentos oficiais da Igreja. Por isso, há uns 15 anos, a Equipe Nacional criou um cadastro com todos os grupos de oração do Brasil. O Nacional sabe dos grupos carismáticos quais são os oficiais, quais são os desobedientes... Têm até grupos que foram cortados. No meu grupo, quando eu era coordenador, sempre caminhávamos com o Padre, com o Bispo, com a Igreja. Na obediência⁶⁹.

O grupo de oração São Gabriel é um típico grupo carismático católico que segue a modalidade de experiência carismática proposta pelas orientações pastorais da CNBB. Conforme a abordagem de Emerson Sena, um dos mais recentes pesquisadores da RCC no Brasil, trata-se de um grupo oficial (2008) inserido no Cadastro Nacional dos Grupos de Oração do Escritório Nacional da RCC. Perguntado se o grupo mantém o mesmo padrão das décadas anteriores, Cláudio afirmara que sim, diferenciando-se apenas na quantidade de participantes que diminuía drasticamente em comparação com a década de 90.

A primeira impressão sentida quando da visita ao grupo de oração São Gabriel, foi com relação ao nível econômico de seus participantes. Carros mais novos nos modelos e anos, lavados e brilhantes; vestuários dos corpos saindo dos carros, de três ou quatro, indicando estarem seguindo a moda mais recente e demonstrando

⁶⁸ Afirmações de Cláudio durante uma conversa informal.

⁶⁹ Conferir rodapé 12.

não apenas ser uma simples cobertura da nudez, mas a comunicação racional de algo a mais e objetos que se misturavam no altar em meio às caixas de som que formavam grandes colunas negras causando uma impressão de ostentação. Já dentro da igreja e observando os participantes chegarem, sorrisos e cumprimentos comedidos quase sempre com o correr dos olhos averiguando quem está ao redor. O barulho, apenas da movimentação de quem estava chegando e do esforço por manter em quase tudo o controle das emoções. Numa Igreja que já comportara 600 pessoas, agora, não são mais que trinta.

Inicia-se com um som agradável, acompanhado com a letra das músicas no retro-projetor, que facilitava ao acompanhamento dos participantes. Posicionados à esquerda de quem os enxerga, estão as vozes e os instrumentos do que eles chamam de ministério de música, composto por cinco pessoas. Todos afinados e em sintonia com o condutor do louvor, até os mesmos irem se silenciando para o coordenador, ao centro dos olhos e das atenções dizer: “A paz irmãos. Sejam bem-vindos mais uma vez ao nosso grupo de oração”.

De pé, as pessoas observam e observam que são observadas. O grupo prossegue tentando-se interagir e ao mesmo ser um entre deles. Palmas ritmadas com a música, mãos levemente erguidas e a balançar para, após algum tempo, prepararem-se a uma calmaria. Mudando para uma suave instrumentação musical, o condutor solicita que se coloquem as mãos no “coração” e que se fechem os olhos para se fazer uma comunicação que favorecia uma auto-análise da própria vida, até se escutar que “Jesus pode mudar suas dores, sofrimentos e problemas em soluções”.

O coordenador anuncia que se preparem para a “palavra” e observa o pesquisador que o procurara anteriormente para saber sobre o pentecostalismo católico. Todos ficam de pé e imediatamente o ministério de música canta sobre a Palavra de Deus. Ainda de pé, ao mesmo tempo, o som cessa enquanto Cláudio anuncia o texto bíblico. Nem todos trazem a bíblia. A título de impressão, parece que os mais velhos são os que mais as trazem às mãos. A leitura é feita, seguida de palmas e o retorno da música que abrisse sua proclamação. Todos vão se sentando e o Coordenador discorre sobre o Batismo no Espírito Santo.

Após o término da comunicação do pregador, segue-se o início de uma outra oração que fora anunciada por ele enquanto falava da transformação feita por quem é pelo Espírito batizado. Deu-se a impressão ser o momento mais importante do grupo, a oração pedindo o Batismo no Espírito.

Uma música suave que, no entender do pesquisador, seria a mais bela até aquele momento. Solicita-se que novamente se fechem os olhos se ponham as mãos no coração. A melodia prossegue. A sugestão para a emoção é inevitável principalmente por canções bem tocadas que conotam paz, bem-estar e segurança estando-se com os olhos fechados. A idéia do Espírito Santo associa-se naturalmente à música, às emoções e às palavras que ao mesmo tempo são proferidas pelo coordenador que estimula a que todos peçam pela sua vinda. Após uma delicada insistência, começa-se a ouvir o som das orações de algumas pessoas.

Comparando a uma onda que se aproxima e prossegue aumentando de tamanho quando se vê próxima à margem, músicas, instrumentos, vozes e orações unidos, tal qual aquela onda, começam a aumentar de tamanho, com a diferença de que a onda do grupo de oração é conduzida por um coordenador. Ele é o primeiro a iniciar sua oração em línguas de forma cadenciada como se estivesse acompanhando a música tocada tanto na altura quanto no ritmo, nem mais nem menos. Seguindo-o, quase que de imediato, vão as pessoas, principalmente o ministério de música. Ouve-se num volume mais alto um maior número de pessoas orando em línguas.

A onda cresce, cresce, até um suposto limite de controle das emoções, quando se ouve em comedido empolgação: *“Estamos sendo batizados no Espírito Santo. Você está sendo batizado no Espírito Santo. Receba meu irmão! Receba!”*. Alguns mais velhos se emocionam. Segue-se alguns instantes e as palavras começam a mudar para um agradecimento.

Obrigado, Senhor! Obrigado! Obrigado por nos ter Batizado no teu Espírito. Obrigado pelos dons que nos deste. Obrigado pelo teu amor. Obrigado, Senhor, pelas pessoas que trouxeste aqui. Obrigado, Senhor, porque podemos contar contigo sempre. Obrigado Mãe pela Senhora interceder por nós. Obrigado Virgem Maria.

Pela primeira vez se ouve alguém dizer: *“Aleluia! Glória a Deus!”* ao mesmo tempo em que a calma se instalava no término dos agradecimentos. O coordenador dá indícios de se aproximar o término com as palavras: *“Amém, irmãos? Louvado seja Deus”*. Pediu-se para se sentar, deram-se alguns recados de retiros que seriam realizados pela Equipe Diocesana da RCC, agradeceu-se a presença de todos e em especial do pesquisador.

Era o término do grupo de oração São Gabriel:

Não podemos nos esquecer da Mãe, não é? [...] Ave-Maria, cheia de graça.. Nós estivemos reunidos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Dê um abraço na pessoa que está ao seu lado com a paz de Jesus.

Nenhum alarido e nenhum sinal de histeria. Ninguém saltando, gritando, caindo, gesticulando os braços freneticamente ou comportando-se conforme os relatos dos pentecostais clássicos ou os ditos guerreiros de oração nas vigílias de oração nos montes.

2.4 As origens da segunda modalidade: os carismáticos autônomos

Duas pessoas são apontadas como os articuladores e responsáveis para o surgimento da segunda modalidade carismática em Sapucaia: Antônio Soares e Juraci Reis. Uma terceira pessoa, Mateus Alcântara, destaca-se como o transmissor desta modalidade. A partir do ano de 1989, a modalidade se consolidaria, com a chegada de José Augusto, seu irmão Bob e Pedro Rafael. Mais adiante, surgiria a modalidade carismática selvagem, no ano de 1994.

Juraci Reis tinha um papel de destaque na paróquia em que participava. Era um dos líderes organizadores e palestristas dos Encontros de Casais com Cristo (ECC) da paróquia São José, na periferia de Sapucaia. Fora batizado no Espírito Santo em um encontro carismático na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, em 1982. Antônio Soares fora quem levara Juraci Reis e sua esposa para participar deste encontro. O retiro, segundo relato da esposa de Juraci, transformara suas vidas.

Considera-se que, a partir de então, Juraci Reis usara seu cargo e influência em favor do movimento carismático especialmente por meio das negociações feitas perante o clero no sentido da realização de vários retiros que iriam contribuir no surgimento da segunda modalidade carismática.

Juraci Reis organizara em 1986 um encontro com o pregador Mateus Alcântara, indicado por Antônio Soares. Mateus, segundo relatos, seria o maior responsável pela transmissão de uma nova vertente carismática na cidade, com características mais autônomas e distantes da RCC oficial.

Não apenas o relato, mas o papel do vendedor de ferramentas Antônio Soares na articulação da segunda modalidade carismática em Sapucaia também é tido como relevante, pois fora ele quem indicara Mateus Alcântara para Juraci Reis. Em suas próprias palavras, assim discorre:

Eu, Antônio Soares, vendedor viajante de ferramentas, conheci o Mateus no ano de 1983 e o visitava periodicamente em sua pequena oficina de consertos de implementos agrícolas nos sítio Igapó na cidade da Barra, no Paraná. Era um homem rude, não tinha fé e dizia que o demônio fofocava em seus ouvidos acontecimentos funestos. E se achava certo de sua conduta. Até que um dia foi convidado a fazer experiência de oração da RCC em Santo Antônio da Platina no Paraná. O homem se converteu de tal forma e tudo mudou para ele. Daí em diante passou a estudar a bíblia e visitar o sacrário toda manhã, passando também a anunciar a Palavra de Deus, formando pequenos grupos de oração e retiro espiritual. Eu mesmo participei de vários encontros e retiros dele no Paraná.

Um dia convidei o Mateus para vir a Sapucaia, para conhecer minha família no ano de 1986. Estando em minha casa, na hora do almoço pedimos a ele uma oração de agradecimento pelo alimento. Durante a oração ele previu um acontecimento e disse: “Neste momento está acontecendo um encontro de cursilho de cristandade e uma pessoa está passando um transtorno. Está na hora do almoço e ela engoliu um pequeno osso de frango engasgando-se e foi para o hospital, onde lhe deram para comer um pedaço de pão seco com água e o osso desceu. Não foi preciso fazer cirurgia”. No outro dia minha cunhada que estava participando desse cursilho veio em minha casa e disse desse acontecido do osso do frango, na mesma forma que o Mateus Alcântara havia previsto. Esse é um homem de Deus e as portas se abriram, passando a ser um grande anunciador da Palavra de Deus. Por tudo sou testemunha e dou fé⁷⁰.

Ocorreu que Juraci Reis, por indicação de Antônio Soares, organizou o primeiro retiro carismático com Mateus Alcântara na paróquia São José, periferia de Sapucaia. O encontro tivera a participação de 60 pessoas e fora importante na caracterização e futura consolidação da segunda vertente, que, diferente do Grupo de Oração São Gabriel do Coordenador Cláudio, já era realizado a portas abertas.

⁷⁰ Dados gravados pelo pesquisador durante uma entrevista informal com Antônio Soares.

O que se pode ponderar através da observação e dos relatos foi que Mateus Alcântara transmitia uma modalidade carregada de curas, sinais hierofânicos⁷¹, interpretações bíblicas fundamentalistas e de forte autonomia espiritual.

Mateus Alcântara, como verificado no relato de Antônio Soares, era dotado de vários dons carismáticos: adivinhação (também chamado de dom de revelação), cura, sabedoria e o dom da palavra de pregação. Com isso, a modalidade carismática verossímil seria aquela em que os dons de fato fossem comprovados, em detrimento a qualquer espécie de sugestionismo supostamente presente em outras modalidades.

A vida de Mateus Alcântara, que será brevemente descrita a seguir, também fora acompanhada de vários sinais hierofânicos relatados por ele mesmo nos encontros. Seus relatos provocavam comoção naqueles que ouviam e ao mesmo tempo determinavam a veracidade da modalidade carismática por ele anunciada.

Outra característica presenciada nesse tipo de modalidade foi a referente às interpretações fundamentalistas transmitidas em suas pregações, ou seja, aquelas as quais atribuíam um sentido literal ao que estava contido no texto bíblico. Tais interpretações se manifestavam em várias proibições como: o uso de bebidas alcoólicas, o uso de calça por parte das mulheres, tatuagens, a programas de TV e temas como a volta iminente de Cristo, ao papa como a besta do apocalipse, etc.

José Augusto, “filho na fé” de Mateus Alcântara, quando perguntado sobre assuntos que ele aborda em suas pregações, responde: “Alguns temas que acham que são polêmicos, como: batalha espiritual, escatologia, demonologia e também sobre as campanhas de jejum”.

Julia Miranda, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no livro *Carisma, sociedade e política* discorre que:

Quanto mais baixo o nível sociocultural e de escolarização menos a possibilidade de “interpretar” o texto sagrado, estabelecendo a relação entre ele e a vida cristã hoje. As pessoas nessa situação tenderiam àquela que eu chamaria de leitura textual da Bíblia, sem qualquer distanciamento em relação ao texto e às exigências do cotidiano (1999, p. 67).

⁷¹ Hierofania é um termo cunhado por Mircea Eliade e corresponde à própria revelação ou manifestação do sagrado. “[...] Indica tanto a sacralização de todo e qualquer objeto, como a manifestação do *transcendente pessoal*. Então, o sagrado impõe a assertiva da manifestação de uma ordem diferente, de uma lógica que não pertence a este mundo, e essa diferença contextualizada constitui o dilema pelo qual percebemos o sagrado” (GIL FILHO, 2008, p. 15 grifo do autor).

Por fim, a última característica dessa modalidade era a do tipo que favorecia a autonomia da pessoa em detrimento à dependência total à instituição. A proposta apresentada por Mateus Alcântara transmitia um tipo de ligação do fiel com a igreja católica ou com a própria RCC não anulava sua autonomia como fiel recém-convertido que continuava católico, em alguns casos, mais católico que antes. O que ocorria era no aspecto de uma suficiente autonomia espiritual que capacitava o carismático a determinar suas escolhas e trajeto espiritual.

Miranda, nesse sentido, comenta:

Trata-se, aqui, fundamentalmente, de uma religiosidade individualizada, muitas vezes mesmo avessa às instituições e à palavra de padres e pastores. Ou sempre passível de uma reelaboração pessoal (MIRANDA, 1999, p. 82).

Nos anos seguintes, Juraci Reis continuaria organizando retiros carismáticos com Mateus Alcântara até chegar o ano de 1989, quando dentre os 200 participantes estariam José Augusto e Pedro Rafael.

A partir desse encontro, José Augusto, Pedro Rafael, Juraci Reis e Bob se uniriam e consolidariam a segunda modalidade carismática através dos vários encontros chamados Experiência de Oração.

Para uma parte dos carismáticos de Sapucaia, a RCC teve esta história de surgimento. Muitos nem sequer sabem que houvera outro início através da Paróquia São Gabriel. Para eles, a RCC surgira de um pregador do Paraná chamado Mateus Alcântara que pregara uma Experiência de Oração de forma extraordinária onde estiveram presente quatro homens que dariam seqüência a esta segunda modalidade, os sapucaieenses José Augusto, seu irmão Bob (José Roberto), Pedro Rafael e Juraci Reis. O impacto sobre esses homens promoveria uma mudança capaz de transformar inclusive os dois irmãos em Missionários.

2.4.1 Breve história de Mateus Alcântara

Mateus Alcântara nascera numa pequena cidade do interior paulista no ano de 1952, Era o caçula de 16 irmãos em uma família, segundo ele, muito católica. Ele

mesmo conta ser desde cedo uma criança diferente. Enquanto as crianças aceitavam tudo que a catequista falava, ele não conseguia aceitar certas coisas.

Uma coisa me falava muito alto dentro de mim, quando a tia dizia que Deus está no céu, na terra e em todas as partes. Eu ficava indignado, porque se Deus estava em todas as partes, como é que eu não o via? Dizia também que os mandamentos são dez. Isso eu já sabia, só não sabia o que era mandamento, o que era sacramento e o que é mandamento da igreja⁷².

Enquanto as crianças respondiam de forma decorada a cada pergunta feita pela professora catequista, Mateus pensava que para ele não havia sentido, porque queria ver as coisas mais concretas e não perguntas e respostas decoradas e, em suas próprias palavras, sem sentido.

Relata em seu livro autobiográfico o dia em que criou coragem para questionar a professora com relação aos ensinamentos sobre Deus, que não o convencia:

- A senhora nos fala que Deus está no céu, na terra e em todas as partes não é?
 - Sim Mateuzinho, está em todas as partes. Respondeu a tia.
 - Como é que eu não vejo Ele? Se Ele está aqui eu queria ver. Respondi.
 - Ela disse para mim ir que mais para frene eu iria entender tudo isso. Fui para casa, mas no domingo seguinte, continuou a mesma cena e o Adãozinho volta interrogar a professora:
 - Tia, a senhora disse que Jesus está aqui eu queria ver ou falar com Ele. Tu disse que Ele está em todas as partes não é?
 - Sim Mateuzinho em todas as partes, até mesmo dentro de uma laranja. Respondeu a tia.
 - Quando as crianças estão brincando Ele está junto delas? Até na bicicleta tia? Perguntei indignado.
 - Sim, até na bicicleta” Respondeu a tia.
- Mateuzinho voltou todo alegre porque ainda não havia espremido nenhuma laranja nem cortado o cano da bicicleta para encontrar a Jesus ou o Senhor Deus. Com muita alegria, ao chegar em casa desci até o pomar de laranjas, apanhei a maior de todas, pensando que Ele poderia estar na maior. Cortei com cuidado e “expremi”, mas Deus não estava ali. [...] Mas logo lembrei, oh! Ele deve estar no cano da bicicleta! Pois da laranja só saiu caldo.
- Como meus irmãos tinham uma bicicleta velha, lutei até conseguir desmonta-la, para ver se encontrava Jesus dentro do cano da

⁷² Todas as citações de Mateus Alcântara foram retiradas de um livro – sem ano de publicação – escrito por ele no início da década de 90. O livro, segundo relatos, foi causa de polêmicas e por isso proibido de circular entre os carismáticos de Sapucaia por conter conteúdos divergentes da doutrina católica. Relatando sua vida, conversão e sua dedicação à evangelização, o livro tornou-se fonte etnográfica importante e uma referência central nesta pesquisa. Seguindo os princípios éticos contidos no Código de Ética da Antropologia da Associação de Antropologia Brasileira (ABA), que trata da preservação dos nomes dos “nativos”, não será divulgado o nome do livro.

bicicleta. Olhei dentro do cano, bati dos lados e só saia ferrugem mas, Jesus não encontrei. A decepção foi tão grande que me revoltei com o catecismo e decidi não voltar mais. [...].

No domingo ao invés de ir na aula eu fugi e me escondi no meio do matagal e acabei dormindo no meu esconderijo. [...].

No finalzinho do dia, eu acordei e voltei para casa, papai e mamãe me repreenderam duramente, quase me bateram e tive que voltar ao catecismo das perguntas e respostas. Só que quando respondiam que Deus está no céu, na terra e em todos os lugares, eu dizia baixinho no meu coração: mentira. Ele não está porque eu não vejo.

Não demorou muito tempo para que a família mudasse para o norte do Paraná e lá também Mateuzinho teve que continuar no catecismo.

Ele relata que após muito custo chegou o dia em receberia a hóstia no ritual da sua 1ª comunhão. Ele não podia entender que dentro de uma rodinha de farinha pudesse ter Deus, pois não havia conhecido nada de concreto desde o início da sua catequese. Quando o padre dizia que na santa hóstia teria o corpo de Cristo, ele acreditava somente para poder fazer a primeira comunhão. Depois disso a grande vantagem foi que ficara livre de ir ao catecismo.

Em suas palavras comenta: “Mas, mesmo não acreditando, eu sempre procurei freqüentar a minha igreja, embora aquilo para mim era uma farsa ou uma fria eu sempre freqüentava e rezava”.

Mateus Alcântara sempre teve o sonho de estudar, porém, não podendo realizar seu desejo, por problemas de *bulling* na escola, relata que se fechou dentro de si a ponto de precisar ser internado num sanatório na cidade de Londrina, Paraná, por sintomas de insanidade.

Sempre revoltado com a vida e muito pobre, casou-se e teve filhos. Em 1972, o segundo filho nascera com um sério problema de saúde, que, segundo Mateus, fora diagnosticado com o nome de “filtrop do piloro entupido”, não sabendo se realmente este era o nome científico do problema. Diz ele que os médicos só foram constatar a doença 30 dias após o nascimento, tendo que ser submetido a uma cirurgia, porque, segundo ele, disseram os médicos: “se operar, ele morre e se não operar morre também”.

Além de ter recorrido a dinheiro emprestado, gastou a quantia de Cr\$ 110.000.000,00 (cento e dez milhões de cruzeiros). Quantia que dava para comprar, segundo ele, uns 10 alqueires de terra da melhor qualidade. De qualquer forma teve

que levá-lo para casa “para morrer” porque já se haviam esgotado todas as esperanças. Mas, relata que por uma obra de Deus, seu filho sarou.

Sua esperança com relação à difícil situação financeira foi que conseguira armazenar trezentos e cinqüenta sacas de feijão e vinte e quatro mil quilos de milho. Pensando em vender a saca do feijão a Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), ocorreu ter rejeitado a venda de todos os sacos no valor de Cr\$ 98,00 (noventa e oito cruzeiros). Um dia após, na parte da tarde, o fogo atingira o armazém queimando toda sua safra e até as “traia de domador de animal que eu tinha para o meu ganha pão de cada dia”. Sem dinheiro, sem safra e devendo, Mateus teve que pagar até a tulha que estava armazenando o mantimento, pois “o patrão exigiu que eu pagasse”.

A vida de Mateus prosseguia em meio às várias situações dramáticas de todos os lados relatadas em sua autobiografia. A falta de comida dentro de sua casa, acidentes com risco de vida quando domava animais ou o episódio em que sua esposa, para ser salva, teve que ser lançada por ele para fora da carroça por conta da mula que conduzia a mesma ter-se assustado e disparado sem controle, faziam Mateus se revoltar cada vez mais com a vida.

Após uma situação inusitada em que uma professora de catequese ficara impossibilitada de dar as aulas, Mateus, que estava indo caçar, disse ter ficado em uma situação sem saída, tendo que comparecer como professor substituto. 150 crianças embaralhadas ao redor dele levam-no para dentro da sala de aula na igreja, enquanto ele arrancava o cinto cheio de balas, revólver, faca e a espingarda e colocavam-nos sobre a mesa.

Você pode ver a situação que fiquei, de bota, lenço no pescoço, chapéu grande, cinturão de balas na cintura, espingarda, revólver, etc. Falando com cento e cinqüenta crianças dentro de uma igreja. Que exemplo. Eu não entendia nada daquilo. [...] Uma delas me disse:

- Tio, toma o catecismo de nós?

- Eu não sei, respondi.

E as crianças me diziam:

- Crianças, quantos são os mandamentos da lei de Deus? E nós respondemos, são dez, e daí o senhor vai perguntando para nós um por um... primeiro, segundo, terceiro... e daí por diante até o décimo. Como vocês percebem as crianças me ensinando a dar catecismo. Imaginem a vergonha que eu passei não sabia onde por a cara. [...]. Quando me vi livre daquela criançada, eu fiquei questionando comigo mesmo: que tal eu Mateus me tornar um catequista?

No próximo domingo, 13 de setembro de 1972, eu fui dar o segundo catecismo. [...].

Eu não tinha experiência nenhuma para dar aulas de catequese, mas tinha um desejo de ser catequista. Os gritos daquela criançada me

comoveram tanto que eu comecei a catequizar. [...]. Eu percebi que com as aulas eu nunca me preenchia e começou a ser um problema para mim. Eu falava de Deus, mas não sentia Deus em meu coração, eu buscava uma resposta de Deus para mim.

Esse acontecimento fizera com que Mateus se inserisse na igreja, participasse de muitos encontros e ocupasse a função de ministro da eucaristia. Porém, afirma que tudo isso não fora suficiente para lhe dar uma resposta quanto à “verdadeira existência de Cristo”, até um dia ser convidado para um encontro da Renovação Carismática Católica. “Eu não sabia o que era isso, mas como era obrigado a todos os Ministros fazer este encontro, tive que estar nessa também”, discorre Mateus.

Após várias situações estranhas, contadas em seu livro, que tentaram impedi-lo de participar e prestar atenção no encontro, Mateus foi Batizado no Espírito Santo. A experiência carismática de Mateus assemelha-se ao início da RCC em Duquesne quando, naquele Retiro de Fim de Semana, várias pessoas que se depararam dentro da capela, foram acometidas por fortes emoções.

Na tentativa de ir embora do encontro, fora abordado pelo Padre, pregador do Retiro, que assoprara em seus ouvidos, fazendo-o sentir forças ditas sobrenaturais que envolveram seu corpo, levando-o como se estivesse adormecido para a capela, pondo-se a chorar compulsivamente. Segundo ele, seu encontro com Cristo diante do Santíssimo fora algo miraculoso. Em suas palavras assim discorre:

Quando olhei para o Santíssimo, via um coração muito vivo, não era mais uma partícula, era um coração. E eu me perguntei: Coração? Há!... Eu chorei tanto que estou vendo o que não é. Enxugando as lágrimas um pouco meio esquecido, olhei novamente para o Santíssimo e o coração estava ainda maior. Duvidando eu me levantei e disse comigo mesmo: Vou me levantar e tocar no Santíssimo e me certificarei se realmente é um coração. Meus irmãos! Quando levei a mão, para a glória de Jesus o coração foi transformado, saia com um braço, outro braço, uma perna outra perna e foi se transformando em um homem e veio ao meu encontro e me disse com as mãos estendidas: “Credes Mateus”. Eu disse: Parece que é Jesus. Quando convenci que era realmente Jesus, Ele me disse: “Eu vos dou o dom da palavra, eu vos dou o dom da cura. Ide pregai e curai”. Quando eu o Abracei, não tinha mais ninguém, sai gritando e louvando a Jesus. Saiu de dentro de mim o que era mal, sarei de todas as minhas enfermidades; deixei de fumar, larguei dos jogos, entreguei tudo por amor a Cristo Jesus, fui transformado no poder de Cristo. Amém. A partir desta data, nunca mais deixei de anunciar Jesus Cristo e muitas coisas maravilhosas me aconteceram e acontece... [...] Nunca me

senti tão feliz e liberto como depois de ter sido batizado no Espírito Santo.

A vida e a história de Mateus Alcântara, descrita em brevíssimas páginas neste trabalho, passaram a ser contadas por ele nos vários encontros que passara a pregar. Conta-se que o impacto provocado em seus retiros era algo capaz de fazer com que pessoas o seguissem, ou passassem a fazer o que ele fazia. Foi o que ocorreu com José Augusto, Bob e Pedro Rafael.

2.4.2 José Augusto

José Augusto é casado e pai de duas filhas. A mais nova está casada e a mais velha, separou-se. Nasceu em 1958 em Sapucaia e cursou o segundo grau completo. Ele e a esposa, de forma semelhante a Mateus Alcântara, Cláudio e suas esposas, exerciam regularmente atividades na Igreja Católica, especificamente, nos Encontros de Casais com Cristo (ECC) e no Movimento Mariano. Apesar disso, José enfatiza que estava distante de Deus. Em suas palavras, “mesmo sendo um católico praticante, mariano e do ECC, eu não conhecia realmente o Senhor e sentia que faltava algo”⁷³.

Quando acabava os encontros do ECC, e eu era inclusive um dos palestrantes, a gente ia beber, fumar... Tinha até pessoas que adulteravam e se prostituíam. Era tudo uma fachada. Claro que tinha muita gente bem intencionada, gente boa, mas tinha algo que faltava que as pessoa num sabia. No dia em que eu me converti, no dia em que aceitei Jesus realmente na minha vida, eu fui preenchido. O que tava faltando no meu coração foi preenchido. E quando eu fui Batizado no Espírito Santo numa experiência de oração da renovação carismática com o Pregador Adão Capeloti, então, aí é que tudo mudou mesmo. Foi o melhor dia da minha vida. Foi a segunda experiência de oração em Sapucaia, em 1988.

Logo após a participação no encontro da Experiência de Oração com Mateus Alcântara, José Augusto fora chamado a auxiliar em um grupo de oração. Como já

⁷³ Dados gravados pelo pesquisador durante uma conversa informal com José Augusto.

era conhecido como palestrante do ECC, passou a “pregar a palavra” nesse grupo de oração carismático também.

A maior parte de sua vida trabalhou como vendedor em uma grande loja de tintas na cidade. Por problemas de gestão a loja veio a falir, deixando-o desempregado. Em tempos de muito desemprego no país, década de 90, enquanto aguardava ser chamado como vendedor em alguma outra loja passou mais de dois anos vendendo pães feitos em sua própria casa pela esposa, nas ruas da cidade e com seu automóvel. Conseguiu um emprego de vendedor de fundo mutuo, mas ficou pouco tempo por achar que era uma contradição com sua fé e com o que pregava para as pessoas. Sua atividade de pregador da RCC era permanente. Para ele a maior função ou atividade de sua vida.

Algumas vezes no ano, a convite de coordenadores ou líderes carismáticos de algumas cidades, saía para pregar retiros de fim de semana. Sempre havia um auxílio ou ajuda de custo dado pelos organizadores do retiro para que ele pagasse as despesas do transporte. Como José Augusto era o coordenador de um dos maiores grupos de oração de Sapucaia, que contava com uma rotatividade de 200 a 900 pessoas por semana, era muito conhecido. Esse contato semanal com muitas pessoas, em que ele ocupava uma posição de destaque como “pregador da palavra”, proporcionou-lhe um capital social suficiente a ponto disto ser uma das maiores razões para conseguir manter sua subsistência com a venda dos pães. Seu papel e visibilidade proporcionaram-lhe também que fosse convidado a trabalhar em um cargo importante dentro da Prefeitura Municipal de Sapucaia. O ocorrido foi por conta da vitória de um candidato para Prefeito que ele ajudara nas eleições. Ocupou primeiramente o cargo de Coordenador de um Projeto Social Municipal que abrigava andarilhos da cidade, passando em seguida para Coordenador da Secretaria do Bem-estar Social. Sairia da Prefeitura 12 anos mais tarde com a derrota do partido do Prefeito, apenas no ano de 2012, dedicando-se depois somente à missão, conforme ele mesmo afirma. José Augusto atribui toda sua história de vida a Deus.

Eu sempre precisei trabalhar pra cuidar da casa desde cedo. Como o Bob (irmão) era o mais novo e nossos pais faleceram cedo, eu era que cuidava dele. Cheguei até a arrumar um emprego pra ele na Loja de Tintas como vendedor. [...] Mas teve um período muito difícil na minha vida. Foi justamente numa época em que nós tava a todo vapor em Sapucaia. Nós tava vivendo um avivamento espiritual muito grande e eu fiquei desempregado. Nossa! Que prova! Meu Deus, irmão. Que

prova! Cheguei a vender cova, acredita? Mas, o Senhor interferiu. Eu não tô falando mal de quem faz isso, mas eu era pregador da vida e tava vendendo a morte! [...] Deus permitiu que eu passasse por isso pra me provar pra depois eu ser aprovado. Assim é na vida do servo de Deus. Tanto é verdade que depois o Senhor me exaltou. Me deu um emprego maravilhoso, porque eu podia sair pra pregar. Foi ai que eu comecei a fazer missão. Só ai eu pude entender que tudo era um preparo de Deus para mim fazer aquilo que eu mais sonhava que era ser missionário.

No ano de 2013, José Augusto não teve mais que quatro fins de semana em Sapucaia, estando o restante fazendo as missões. Em 2014, serão apenas três fins de semana. Assim tem sido sua vida nos últimos anos. Já percorrerá 10 estados⁷⁴ do Brasil e o Distrito Federal, sendo 50 cidades⁷⁵ no estado de São Paulo e 56 nos outros estados⁷⁶ brasileiros, totalizando 116 municípios. Ele ressalta que existiram anos que não houve sequer um fim de semana a permanecer em sua casa. A razão para a diminuição das missões é “por ter sido cortado” pelo clero ou pela RCC em alguns lugares, por discordarem do estilo de pregação que ele executa.

José Augusto diz estar comprometido com a palavra de Deus e por isso, nos retiros que prega, procura deixar evidente o que pensa sobre modalidades carismáticas que desvirtuam o sentido da RCC. Quando solicitado para comentar sobre a Renovação Carismática da modalidade oficial, comenta o estado atual e finaliza citando sobre seu grupo de oração que ainda tenta, segundo ele, conservar a essência:

[A RCC] Perdeu a identidade que é o Batismo no Espírito Santo. Porque a renovação começou a colocar normas e a barrar a ação do Espírito Santo. [...] Eles (a coordenação nacional) estão obrigando os líderes a participar de uma formação sem propósito e resultado nenhum. [...] Muitas formações sem unção e pregações formais sem

⁷⁴ São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Santa Catarina, Ceará, Bahia, Minas Gerais e Brasília (DF).

⁷⁵ Santa Bárbara do Oeste, Campinas, Osasco, Jandira, Carapicuíba, Barueri, Campo Limpo, Guarulhos, Itu, Jacareí, Jarinu, Salto Grande, Primavera, Guariba, Zacarias, José Bonifácio, Lins, Marília, Álvaro de Carvalho, Júlio Mesquita, Bastos, Vera Cruz, Garça, Salmorão, Parapuã, Osvaldo Cruz, Pompéia, Oriente, Paraju, Piraju, Ocaçu, Ribeirão do Sul, Santa Cruz do Rio Pardo, Ourinhos, São Pedro do Turvo, Comélia, Espírito Santo do Turvo, Pedrinhas, Cruzália, Assis, Cândido Mota, Cafelândia, Jaú, Pederneiras, Piratininga, Gália, Paraguaçu Paulista, Macatuba, Óleo e Sorocaba.

⁷⁶ Belo Horizonte, Dourados, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Goiânia, Jacarezinho, Ituiutaba, Rio Pardo de Minas, Contagem, Irandiara, Guanabi, Brejo Santo, Chapadão do Sul, Sete Quedas, Pontaporã, Dois Irmãos do Buriti, Deodápolis, Rio Brillante, Sapezal, Alto do Paraguai, Várzea Grande, Nova Chavantina, Água Boa, Anápolis, Turvania, Ipora, Indiará, Cezarina, Aparecida de Goiânia, Porangatu, Toledo, Assis de Chatobrian, Campo Largo, São José dos Pinhais, Quitadinha, Panema, Ponta Grossa, Figueira, Assaí, Londrina, Telêmaco Borba, Ibaiti, Cornélio Procópio, Bela Vista do Paraíso, Sertaneja, Vista Alegre, Urai, Ortigueira, Andirá, Ivinhema, Novo Mundo e outras.

a graça. [...] E o povo também enjoou da mesmice dos grupos. [...] Mas, em alguns grupos houve uma tentativa de conservar a essência como o Batismo, o fervor e a oração no monte, como é o caso do nosso Grupo (Imagem Celestial da Paróquia Cristo Redentor)⁷⁷.

De qualquer maneira, dedicando-se desde 2013 apenas às missões, José Augusto tem se sustentado. Todas as vezes que sai para fazer missões, através dos encontros ou retiros carismáticos, leva consigo uma pequena “livraria” – nome utilizado por ele. A livraria é composta por uma diversidade de artigos religiosos comprados em São Paulo a preços de atacado e vendidos com uma margem de lucro conforme lhe convém. Os artigos vão desde crucifixos, terços, imagens, brincos, anéis, braceletes, cordões e afins com motivações religiosas, a CDs com mensagens e pregações dele e de seu irmão Bob. Ele afirma: “não dá pra ficar rico, mas dá pra pagar as conta”.

2.4.3 José Roberto (Bob)

Bob, irmão de José Augusto, é 10 anos mais novo e o caçula da família. Atualmente diz ser missionário leigo da Igreja Católica Apostólica Romana. Um título que atribui a si mesmo sem que exista qualquer documento ou confirmação das instâncias clericais católicas. No âmbito da RCC de Sapucaia, comumente se pode encontrar pregadores que se auto-intitulam como missionários leigos. Provavelmente no caso de Bob a auto-intitulação seja por conta e aceitação informal de um sacerdote tido como seu diretor espiritual. Com suas palavras, assim discorre:

Meu nome é José Roberto. Tenho 45 anos. Sou Missionário leigo da Igreja Católica Apostólica Romana. Não tenho ligação com nenhum movimento, mas faço parte de uma equipe de evangelização – Missão Shekináh. Temos como nosso diretor espiritual o Padre Francisco, da cidade de Tucumã-MS, onde pregamos retiros e congressos em todo o estado e por todo o país e alguns países da América do Sul. Não possuo nenhuma remuneração fixa, mas dependemos financeiramente da venda de nossos produtos e materiais de evangelização, como os nossos CDs de pregação e músicas. Sou casado e de segunda união. Tenho dois filhos deste casamento e um filho da união anterior. [...] Eu perdi meus pais muito cedo, com 12

⁷⁷ Conferir Apêndice B.

anos de idade. Meus pais não tinham religião. Minha família não tinha uma base religiosa. Isto me fez falta. Crescer sem meus pais e sem uma estrutura espiritual me tornou indefeso num mundo violento e material. Me envolvi muito cedo com a prostituição, drogas, tráficos, crimes[...] minha busca por algo concreto durou anos. Perdi amigos na adolescência, convivi no meio da violência, cheguei aos 20 anos de idade doente, sem documentos e morando nas ruas da cidade de São Paulo. Com 21 anos acabei sendo preso e dentro da cadeia então eu pude refletir e percebi que minha vida tinha passado e eu não tinha nada e me sentia ninguém, foi quando eu resolvi buscar a ajuda de Deus. Rapidamente obtive a resposta e hoje sou uma testemunha viva de que Deus existe pois eu o conheci e o experimentei⁷⁸.

Bob é uma pessoa muito alegre, brincalhona e sabe se expressar diante do público. De voz suave e calma, atrai a atenção de quem o ouve facilmente. Possui também habilidade para cantar. Bob já foi dependente químico e teve episódios em sua vida de relativa dramaticidade, como ter sido preso em flagrante por portar pequena quantidade de entorpecente numa cidade praiana do estado de São Paulo.

Este episódio ocorrera após ter sentido uma crise depressiva pelo uso de drogas durante o Festival Rock in Rio. Em meio ao surto emocional, passou mal e foi colocado em uma ambulância. No momento em que saía do evento, dentro da ambulância, relata alguém ter colocado um papel no bolso de sua camisa. Papel este que iria ler dentro da cadeia pública. Tratava-se de alguma propaganda de igreja falando que Jesus era a solução. De alguma forma, segundo ele, o papel fora um sinal, uma intervenção divina e o fizera pensar sobremaneira em sua vida. Longe dos familiares e sem apoio algum, ficara preso por dois dias. Para ele foram momentos marcantes e decisivos em sua vida, até ser solto mediante fiança paga pelo irmão José Augusto, que o levou de volta à Sapucaia.

Pouco tempo depois, Bob estava sendo Batizado no Espírito Santo num encontro pregado por Mateus Alcântara, em 1990. Já em 1991, seria ele a estar com seu irmão, tocando bateria no “ministério de música⁷⁹” e dando seu testemunho como um pregador da palavra. Em um desses testemunhos, contados por Bob, estariam Daniel e Tiago, peças chaves na implantação das práticas religiosas das vigílias de oração nos montes.

⁷⁸ Trecho retirado do Apêndice E, em que José Roberto relata sobre sua vida, a história da RCC em Sapucaia, e sobre as práticas religiosas nos montes.

⁷⁹ Nome comumente utilizado para os instrumentistas e cantores que animam a música nos grupos de oração de Sapucaia. Tomando Sapucaia como comparação, a realidade da RCC em Portugal é contrária com relação aos ministérios de música que praticamente são inexistentes.

Tal qual o irmão mais velho, Bob trabalhava como vendedor numa loja de tintas e também ficara desempregado por conta dos problemas administrativos dentro da empresa. Fora ele o primeiro a trabalhar com a venda de pães, sendo seguido por seu irmão. Por serem pessoas com capital social e espiritual, utilizavam o campo que se lhes abria como espaço para a subsistência. Após sua saída da loja de tintas, nunca mais viera ser contratado em alguma empresa. Seu trabalho sempre fora informal, seja como vendedor de pães, como vendedor de artigos religiosos, que mantém até hoje através dos encontros e retiros que faz.

Bob também era pregador, mas nunca chegou a ter a agenda lotada como seu irmão. O fato provavelmente de conseguir se manter, mesmo não tendo todos os fins de semana ocupados com suas pregações, é que ele leva seus artigos em encontros religiosos de outras pessoas.

O destaque a ser feito é quanto sua segunda união. Dentro da Igreja Católica, principalmente no ambiente da RCC, a segunda união é motivo de preconceito, não podendo um líder carismático ou quem estiver executando algum serviço religioso, exercer tal atividade. Coordenação de grupo de oração, pregação e música são atividades no universo carismático tidas como as mais importantes e não podem ser exercidas por pessoas que estejam em segunda união. Talvez este seja o motivo porque Bob, mesmo domiciliado em Sapucaia-SP, permaneça mais fora, em Tucumã-MS, pois de alguma forma, em outras cidades, seu estado matrimonial dentro da igreja não precisa ser revelado. Aqui claramente se observa um aspecto da vida sob tensão, nas liminaridades do âmbito social e religioso.

2.4.4 Pedro Rafael

Pedro Rafael tem a mesma idade que José Augusto, nasceu em 1958 e tem também um casal de filhos que já estão casados, mas nunca fora atuante ou um freqüentador da Igreja Católica como os mencionados anteriormente. Segundo ele, sua vida foi marcada por brigas intensas e tentativas de suicídio e assassinato por parte da mulher. Atribui todos esses problemas à fase em que passaram a freqüentar um terreiro umbandista. Apesar de se dizerem católicos, recordam-se de terem ido à Igreja somente no casamento e no batismo dos filhos. A razão para terem ido a uma outra religião de cunho espírita foi por conta da indicação de conhecidos e do

desespero em que se encontravam. Relata, entretanto, que tudo foi totalmente modificado quando fizeram o Retiro de Experiência de Oração da Renovação Carismática com Mateus Alcântara. Sua esposa, segundo ele, ficara endemoninhada durante o encontro e depois fora liberta, e o ódio que sentia por ela, para ele proveniente de demônios, saíra de seu coração.

A minha vida era um inferno. Já pensou você acordar várias vezes à noite e ver sua esposa (Deolinda) passando uma faca no pescoço do seu filho? A sorte era que ela tava com a faca virada do lado contrário. Era a mão de Deus protegendo. E se você perguntar pra ela por que ela fazia isso ela vai dizer que era uma pessoa que aparecia pra ela e ficava perguntando: 'Deolinda! Deolinda! Você não vai fazer o que eu mandei. Você não vai fazer o que me disse? Matar seu filho?' A vida dela era dizer: Eu te mato! Um dia eu vou te matar moleque! [...] A gente foi convidado para fazer um Retiro. Como já tava tudo perdido mesmo, a gente disse: Num custa nada. Vamo lá. Então nós fomo. E no Retiro nossa vida foi totalmente transformada. Nós fomo Batizado no Espírito Santo, recebemo o dom de línguas e uma semana depois do retiro eu já tava na equipe do Mateus Alcântara. [...] Comecei a pregar em retiro em 1989. Mas a coisa num foi tão fácil, não. Porque o diabo pegava a Deolinda durante o retiro. Acho que tudo isso foi porque um dia no terreiro pediram pra ela beber o sangue de uma galinha preta⁸⁰.

Pedro sempre trabalhou como vendedor autônomo, ofício que exerce até os dias atuais. Há 10 anos voltou a fazer parte da Equipe de Evangelização de Mateus Alcântara. Esta equipe possui em várias cidades grupos de oração nas casas. Pedro Rafael é um dos responsáveis pelo grupo de oração da Equipe de Mateus Alcântara em Sapucaia. No âmbito da RCC, em meados da década de 90, Pedro Rafael, juntamente com José Augusto, Bob e outros dois jovens, Daniel e Tiago, viriam a iniciar o que em Sapucaia ficara conhecido como os Guerreiros de Oração.

⁸⁰ Dados gravados pelo pesquisador durante uma conversa informal com Pedro Rafael.

Capítulo 3

AS VIGÍLIAS DE ORAÇÃO NOS MONTES DOS GUERREIROS DE ORAÇÃO EM SAPUCAIA

Em 1991 José Augusto, Bob, Juraci Reis e Pedro, realizaram um retiro carismático chamado Experiência de Oração com a participação de 220 pessoas. Nesse encontro, também estavam dois jovens, Tiago e Daniel, 18 e 16 anos na época, a convite de um sacerdote também carismático chamado Benedito. Os dois jovens, três anos mais tarde, unir-se-iam aos líderes pregadores e passariam a ser peças

importantes na criação de uma corrente espiritual que provocaria grande efervescência em Sapucaia, os guerreiros de oração e das vigílias de oração nos montes.

3.1 Tiago, Daniel e Pe. Benedito

Conta-se que Tiago e Daniel eram muito amigos e se conheceram por intermédio do Padre Benedito. Tiago, estudante universitário no ano de 1991, morava em um bairro nobre da cidade, mas, no período de sua Experiência de Oração, havia onze meses que estava fora de casa por desentendimentos com sua mãe. Ele mesmo relata, no que segue abaixo, que dois dias antes de participar desse retiro carismático, num surto de perseguição sentido por ter usado drogas após uma noite de aula após a Faculdade, voltara para a casa dos pais abruptamente e confessara a eles que estava usando entorpecentes.

Era numa quarta-feira. Eu me lembro perfeitamente disso. Na noite em que a gente chegou na casa do Gico pra experimentar uma droga nova, eu quis ficar no carro procurando uma rádio que minha namorada sempre falava. Ela me dizia de um Padre que ajudava jovens drogados. [...] Depois que todo mundo saiu do carro eu consegui sintonizar a rádio. [...] Levei até um susto porque o Padre falava de uma forma como se tivesse falando pra mim. Desliguei o rádio e fui entrar na casa. [...] Eu fiquei tão louco [designa que ficou sob os efeitos da droga] que quis voltar pra casa dos meus pais. Uma das loucura da droga era achar que tava sendo perseguido. Depois de onze meses fora de casa eu tava de volta. A chave tava no mesmo lugarzinho, um esconderijo que meus pais usava no caso de alguém esquecer ou perder a chave. Parece uma coisa. Pra você ver, até a chave da casa tava no mesmo lugar, como se fosse pra eu voltar mesmo pra casa. Bem, daí eu entrei em casa e pra tentar cortar o efeito da loucura eu deslacrei uma garrafa de Vodka que ficava na estante e tomei quase toda de uma só vez, mas o efeito piorou. Eu tava pra ficar louco mesmo. Nunca tinha sentido aquilo. Era horrível. Foi quando ouvi minha mãe me chamar. [...] Ela me chamou porque depois eu fiquei sabendo que meu pai vivia falando pra ela (mãe) que a qualquer hora eu iria voltar. Por isso ela me chamou naquele dia. [...] Daí eu fui até o quarto deles (do pai e da mãe). Quando ela me viu, começou a chorar e eu saí correndo pro quarto desesperado, com vergonha. Eu gritei pelo meu pai e quando ele sentou na cama eu disse chorando: Pai, to usando droga. Meu pai me respondeu me abraçando, dizendo: Papai tá aqui meu filho. Papai tá aqui. Dali em diante eu passei a odiar a droga.

Apoiado pelos pais, Tiago retornara ao lar e no dia seguinte fora à procura do Pe. Benedito que o levava para o retiro carismático chamado Experiência de Oração, numa sexta-feira. Na quinta-feira, um dia antes do encontro e após o retorno ao lar, Tiago encontrara-se com Pe. Benedito e passara horas na tarde daquele dia dialogando sobre sua situação de vida. O resultado da conversa fora que o Padre conseguira convencer o jovem a participar do encontro religioso. Combinaram entre eles que no dia seguinte, sexta-feira, o Padre o pegaria em sua própria casa.

Segundo Tiago, a ideia de participar de um encontro em uma igreja fugia totalmente daquilo que imaginava para si mesmo. Esforçando-se por encontrar algum alívio diante do envolvimento com drogas e começando a admitir não ter forças para sair do vício, esperava encontrar uma solução, mas jamais alguma coisa que fosse ao menos próximo de fazê-lo ter que ir para igreja. A ideia que tinha sobre um encontro religioso era de um lugar para “crentes”, com pessoas antiquadas, envelhecidas, tristes, recalcadas e totalmente fora da moda, por isso, não conseguia imaginar-se sendo visto pelos colegas dentro de uma igreja. Segundo ele seria uma “tragédia”.

Ao ser indagado qual o motivo que o levava ao encontro respondeu que havia sido a abordagem do Padre e a sensação de temor diante das adivinhações que o Padre fizera com relação a sua pessoa.

O Padre falava como se soubesse da minha vida. Ele dizia coisas que só eu sabia e isso me causou um certo temor, dando a impressão que se eu não fosse no Retiro alguma coisa ruim ia acontecer. Mas eu fui a contragosto. Toda hora me dizendo, o que é que eu tô fazendo aqui.

Tiago dizia-se católico, mas não freqüentava as missas. Gostava de leituras esotéricas. O enfático em sua fala, durante umas das conversas informais no trabalho de campo, foi o fato de ele evidenciar que sempre buscara a verdade e que desde criança sempre fora reflexivo, pensando sobre os sentidos da vida e uma forma de encontrar respostas. E segundo ele, as respostas que necessitava encontrou em Deus após sua conversão, como afirma:

Eu já usei muita droga. Sei o que dá prazer nesse mundo. [...] Mas depois que eu senti Deus, depois que eu senti em mim mesmo que Ele existe... Depois que eu fui Batizado no Espírito Santo... Num tem nada melhor nessa vida. Era como se eu tivesse descoberto a chave da felicidade.

Já Daniel era um jovem que estudava à noite e trabalhava de dia entregando jornais. Daniel conta que fora promovido para vendedor de assinaturas do mesmo jornal por indicação de seu irmão casado, que lá também trabalhava. Era órfão de pai e morava de aluguel com sua mãe e irmã numa casa simples. Daniel já conhecia Pe. Benedito, inclusive participava de um grupo que tinha como objetivo fazer um “discernimento vocacional”. Esse grupo era composto por uma dezena de jovens que, dirigidos por Pe. Benedito, pensavam sobre o que fazer com suas vidas tendo a religiosidade como eixo norteador para encontrarem suas vocações. Na época Daniel pensava em ser sacerdote. Apesar de ter uma vida relativamente mais ligada à Igreja, ele conta que ainda não havia sido Batizado no Espírito Santo e que por isso estava participando daquele encontro carismático indicado pelo Padre.

Minha vida nunca foi fácil. Depois que meu pai morreu minha mãe mudou muito. Ela era muito nervosa. Só brigava. Eu entendia... No fundo eu sabia que ela era uma sofredora. Então meu sonho era dar de tudo pra minha mãe. Eu sempre sonhei isso. Sempre sonhei em acabar com o sofrimento da minha mãe. Ela era empregada doméstica, vivia fazendo faxina nas casas. Às vezes eu penso que eu vivi pra ela. Mas minha vida... nossa vida em casa sempre foi muito difícil. Eu sempre trabalhei, sempre dei duro, e com a Renovação eu pude ter forças. Eu pude ver realmente que eu iria conseguir, porque eu senti que Deus tava comigo.

Após o retiro, Daniel e Tiago passaram a freqüentar mais assiduamente a Paróquia do também jovem Sacerdote, que tinha em torno de 30 anos.

Ao perguntar sobre o Padre Benedito, os jovens relataram que o mesmo, quando nos anos de sua formação para o sacerdócio (anos antes de mudar-se para Sapucaia), pulava o muro do seminário para orar e fazer vigílias nos montes, algumas vezes, inclusive, com protestantes. Sobre isso, Tiago informa que o Padre nunca comentava. Ele ficara sabendo por meio de conversas informais onde o Padre sem querer contava algumas coisas. Não se sabe como o sacerdote iniciou esta prática, nem se foi por influência de alguém. O que se sabe, segundo Tiago, é que o Padre tinha parentes e conhecidos de outras denominações cristãs, dentre as quais da Congregação Cristã do Brasil e que uma vez ou outra ele ia aos cultos.

Todos os entrevistados que conheciam Padre Benedito afirmaram que era um carismático dotado de muitos dons. Fora ele que encaminhara Tiago e Daniel e outros jovens para as primeiras práticas religiosas nos montes: as vigílias de oração. Relatam

ainda que por diversas vezes sinais aconteciam, como o maior deles, em sua opinião, o fenômeno da sarça ardente, quando os gravetos brilhavam.

3.2 O relato das origens dos Guerreiros de Oração

Daniel e Tiago relataram que após sua Experiência de Oração, empenharam-se, entre os anos 1991 a 1994, no aprofundamento de suas religiosidades em busca dos dons do Espírito Santo, de sinais divinos que evidenciassem a presença de Deus e manifestações espirituais que lhes dessem poderes para serem “servos de Deus”.

Havia uma forte tônica em suas narrativas sobre um sinal ou manifestação espiritual muito desejada: a “unção” do Espírito Santo. Remetendo-se àquele período, tentam explicar que a unção seria uma espécie de força ou revestimento sobrenatural além daquela recebida no batismo do Espírito Santo, que dava capacidade à pessoa para realizar as mesmas coisas que Jesus e que os apóstolos realizaram. A função principal e a razão pela qual se deve buscar a unção, para eles, é para o serviço das atividades cristãs como a pregação, a oração de intercessão, as visitas nas casas, a oração pelos doentes e, conseqüentemente, a expansão do evangelho.

“Por meio dela [da unção] a pessoa chega a ser transformada”, diz Daniel, e mais:

Quando se está unguido todas as coisas fluem ou acontecem com maior facilidade, mas sem a unção, as coisas não rendem e não produzem os resultados. Você pode passar o dia inteiro lendo a Bíblia, estudando, se preparando, mas se não tiver a unção de Deus, as pessoas não vão se converter e nem vão sentir que o que você tá falando é do Espírito. É igual como aconteceu com o apóstolo Pedro no dia de Pentecostes. Ele era medroso e de repente com a unção de Deus ele ficou corajoso, saiu pra fora e pregou pra uma multidão. Só naquele momento 3 mil pessoas se converteram. Então, quando você ora, Deus manda unção. [...] Você sente quando tá falando que não é você. As palavras e a força não vêm de você. [...] É algo tremendo.

Segundo Daniel e Tiago é por meio da oração sincera e do jejum que a unção é recebida, por isso, naqueles anos após a Experiência de Oração que participaram, passavam horas e horas orando.

Sempre fundamentando suas falas nos livros, versículos, episódios e personagens bíblicos, enfatizam que o jejum e a oração são “poderosos para abrir o céu”.

Esta ideia, dizem eles, conota uma representação de mundo como um reino decaído, cujo deus seria o príncipe das trevas, Satanás, segundo as palavras de Jesus e dos apóstolos. Por isso, o mundo é sujo e pecaminoso e necessita ser vencido, mudado ou transformado pela presença das coisas do céu, que é a representação de tudo o que é bom para eles. Percebeu-se que para Tiago a representação de um mundo mal é mais forte que em Daniel, supostamente por conta de sua vida “devassa” (termo usado por ele).

Portanto, orar e jejuar, tal qual Jesus, os apóstolos, os profetas e os santos da igreja, é algo indissociável para quem pretende ser um servo de Deus. Ademais, o jejum é uma autonegação daquilo que é fundamental para o ser humano, o alimento. Em outras palavras, dizem ser “uma autonegação de seus desejos, de seus orgulhos. Como um gesto de auto-humilhação, bate de frente com o que o demônio quer, satisfação da carne, lascívia, devassidão...”. Estas são algumas das explicações dadas por eles para a prática do jejum e da oração.

Nos dois primeiros anos estiveram muito ligados ao Padre Benedito. Supõe-se que um dos motivos para a ligação com o Sacerdote fosse o desejo de aprender e receber os dons que o Padre possuía e que muitas vezes eram presenciados nas vigílias de oração realizadas nos montes e nas matas.

Os jovens senhores destacam que as experiências nos montes eram o que mais os atraíam, porque nelas o Padre Benedito, inspirado pelos dons do Espírito Santo, dava as revelações divinas, as profecias, falava em línguas diferentes e os levavam a sentir coisas que para eles eram sobrenaturais, como já mencionado anteriormente: o êxtase (MENEZES, 2007), o cair, deitar-se (CORTEN, 1996), pular, rolar, dar cambalhotas (MARIANO, 1999); chorar, rir (ORO, 1996), sentimento de grande emoção, alegria, exultação, transbordamento (ORO, 1995) e o extravasamento dos sentidos que suscita a dança, o arrebatamento, algo próximo ao desfalecimento (RICCI, 2006). A ida aos montes passou a ser algo corriqueiro e sem mais a presença do Sacerdote.

Ocorreu que em meados de 94, Daniel fora realizar uma missão na cidade de São Paulo e solicitara urgentemente a presença de Tiago por ter encontrado situações estranhas e difíceis quanto à criação e ao desenvolvimento de um Grupo de Oração

no bairro da Lapa. Nesse mesmo período, Tiago destaca que, empenhado em seu crescimento espiritual, além de orar muito e jejuar, estava a ler muitos livros e a ouvir pregações de pastores pentecostais que o fazia se sentir cada vez mais revestido do Espírito Santo. Tiago também aponta que era quase inevitável não entrar em contato com as coisas evangélicas naquela época lembrando-se que existia em Sapucaia mais de cinco rádios comunitárias deles e apenas uma católica.

As músicas de cunho protestante influenciavam e até eram cantadas nos grupos de oração católico. Quem num passava em uma livraria evangélica pra comprar uma camiseta de Jesus? Quem não assistia um programa ou outro que passava na televisão? Por isso, o material evangélico tava com certeza no meio carismático católico. O problema era fingir que essas coisa num acontecia. Eu não me importava com isso, mas num negava de onde tinha vindo, da Igreja Católica. Só achava anticristão e uma hipocrisia ficar falando mal dos evangélico sendo que nós mesmo, carismático, tinha nascido deles. Os evangélico, os pentecostais tão muitos ano na frente dos carismático quanto ao conhecimento da obra de Deus⁸¹.

Quando perguntado sobre os autores que havia lido, Tiago mencionara entre outros Josué Irion, Carlos Anaconda e Peter Wagner, objetos de estudos do Núcleo de Estudos em Religião (NER) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa *A Transcontinentalização da Fé*. Esses nomes são tidos como referência em temas pentecostais como Batalha Espiritual. Trata-se ao mesmo tempo de um tema e de uma corrente pentecostal que se espalhou pelos anos 90 através dos meios de comunicação (programas de Rádio e TV) e materiais áudio-visuais e impressos (Fitas Cassetes e VHS e livros) de vários outros pastores como: Valnice Milhomens, do antigo Ministério Palavra da Fé, do casal Estevan e Sonia Hernandez da Igreja Renascer em Cristo e do Padre carismático Alberto Gambarini, de Campinas. Todos esses nomes foram muito familiares na vida dos jovens senhores durante a década de 90.

No mesmo período em que Daniel fora para São Paulo, Tiago começara a vivenciar as ditas experiências carismáticas mais fortes que tivera inicialmente em sua Experiência de Oração.

3.3 A modalidade pentecostal dos guerreiros de oração

⁸¹ Relato de Tiago.

Ao se encontrarem na casa de um parente de Daniel, no bairro da Lapa, após longa conversa, alegaram ter chegado à conclusão que a RCC de Sapucaia estaria caindo numa espécie de esfriamento espiritual e que o mesmo já estaria visível nos grupos de oração. Relembrou-se que durante o ano de suas transformações a RCC ainda estava avivada, com os grupos cheios e a presença do Espírito Santo, mas que com o passar dos anos e principalmente por conta do Doc. 53 da CNBB e da postura de vários coordenadores a Renovação estaria caindo em um esfriamento sem precedentes. As considerações feitas pelos dois jovens naquela época fizeram-nos pensar sobremaneira em seus “pais na fé⁸²” José Augusto, Pedro Rafael e Bob, no sentido deles estarem ou não conscientes da realidade espiritual decadente de Sapucaia.

Durante aquele período do ano de 94 tanto um quanto o outro relataram que, em suas orações de intercessão em favor da cidade de Sapucaia, passaram a sentir situações estranhas. Segundo eles, uma espécie de peso, de fardo ou bloqueio espiritual, se fazia sentir na “atmosfera⁸³” impedindo que eles sentissem a presença do Espírito Santo e de suas bênçãos. Conseqüentemente, por conta disso, diziam sentir um grande esfriamento.

Foi aí que juntos, resolveram orar e pedir a Deus que viesse lhes falar. Contam que abrindo a Bíblia na sorte, veio-lhes o livro bíblico de Daniel, no capítulo 10, que, segundo eles, relata o episódio de uma grande guerra nos ares entre anjos do bem e anjos do mal, dentre os quais o Arcanjo Miguel, despertado pelas orações do profeta Daniel, vencera e expulsara anjos da maldade. Não certos de que tivesse sido realmente uma palavra dada pelos céus, continuaram a orar e pediram a Deus que lhes “confirmassem” (termo usado por eles) aquela palavra dada, dando-lhes na sorte uma outra semelhante. O resultado, segundo o relato dos senhores, foi que ao abrir novamente a Bíblia, o livro a aparecer foi da Carta de São Paulo aos Efésios, no capítulo 6, versículo 10 a 12. A passagem mencionava a eles que estava a ocorrer uma guerra espiritual nos ares, conforme o que segue:

Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força de seu poder. Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo.

⁸² Expressão comumente utilizada entre os carismáticos de Sapucaia. Foi um termo percebido em Sapucaia, referindo-se às pessoas que são os primeiros responsáveis pela conversão de alguém.

⁸³ Segundo a crença deles, a atmosfera refere-se aos ares que são espaços habitados por anjos e/ou demônios.

Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais (BÍBLIA, 1985).

Após a confirmação, os jovens continuaram relatando que a palavra dada serviu como que uma luz a iluminar ou a desvelar as trevas que estavam cobrindo aquela situação ou atmosfera espiritual no bairro da Lapa. Tanto é verdade, disseram eles, que logo em seguida, quando foram agradecer a Deus pela confirmação da palavra dada, lhes desceu tamanha sensação de força do Espírito Santo como nunca tinham sentido. Nomearam essa força de “unção do guerreiro”. Assim Tiago discorre:

Não foi como o batismo no Espírito Santo que eu senti na primeira vez quando fiz a Experiência de Oração. Foi muito mais forte. Foi algo incrível. Tremendo. Era um Batismo dobrado. Sei lá. Parecia que eu tava sendo injetado com muita força, com unção, com muito poder. Dava a impressão que a gente tava grande e forte. Nossa oração imediatamente ficou diferente. Nosso jeito de orar em línguas ficou diferente. Ficamos cheios de autoridade e poder.

Essa seria a experiência que em pouco tempo tomaria conta de grande parte dos adeptos da RCC em Sapucaia promovendo um forte ardor carismático, que segundo José Augusto, seria um segundo e maior “avivamento” depois dos inícios de 1988, com novas práticas religiosas como as vigílias de oração nos montes, que perduram até os dias de hoje.

Daniel e Tiago relataram ainda: “nossas espiritualidades mudaram”, aludindo à modalidade de ser carismático. Daquele dia em diante sentiram em si mesmos uma mudança em suas cosmovisões que os conduziram a uma maior intensificação principalmente com relação às suas experiências religiosas de oração.

Contam que a partir desse episódio passaram a entender que todo o esforço relacionado à vivência cristã era condicionado a uma situação que estava ocorrendo nos ares. Ou seja, que de acordo com o que entenderam das passagens bíblicas, acreditavam que havia seres malignos que influenciavam os humanos, a terra, as cidades, os governos, os países e também a igreja. Por isso, surgira a necessidade de uma guerra espiritual, em que os “servos de Deus” ou os “guerreiros de oração” seriam chamados para resistir a essas forças em favor da implantação do Reino de Deus. Em outras palavras, que, por meio da guerra espiritual, toda a sorte de bênçãos

divinas seriam derramadas, porque o exército maligno estaria sendo vencido pela oração dos guerreiros de oração.

Surgira, segundo eles, um chamado de Deus para que se levantasse um exército divino na cidade de Sapucaia. A fundamentação para tal seria de que em uma de suas orações, Tiago, reunido com as pessoas da comunidade carismática de aliança que participava, teria recebido um comando de Deus através de um livro bíblico para anunciar o novo tempo de guerra espiritual.

Os dois jovens senhores continuaram relatando que permaneceram firmados nessa intenção, quando marcaram uma reunião com dois dos maiores líderes pregadores da RCC de Sapucaia, José Augusto e Pedro, seus pais na fé, com o intuito de lhes dizer que a RCC não estava conseguindo atingir êxito em seus trabalhos e que a mesma apresentava resultados insatisfatórios porque estava agindo de maneira equivocada. Daniel e Thiago relembram o episódio dizendo que efetuar uma reunião com líderes da RCC afirmando que os mesmos estariam errados era algo descabido. Entretanto, a convicção deles era grande o suficiente para acreditarem que era Deus a conduzi-los.

Após terem dito tudo o que ocorrera naqueles últimos dias em São Paulo aos dois líderes e lhes explicado sobre a guerra espiritual, foi marcado um retiro. Em conversa informal com José Augusto e Pedro, as histórias não apenas foram confirmadas como também estes relataram que os jovens os convenceram porque aparentavam estarem cheios do Espírito Santo e com muita versatilidade no trato com os textos bíblicos. Ademais, disseram que também confirmavam que naquele período estavam sentindo na cidade de Sapucaia uma espécie de frieza e bloqueio espiritual nos ares e que a RCC já estava a se esfriar. Disseram ainda que o estado dos grupos que eram da modalidade da RCC oficial estava lastimável. Se o grupo da paróquia Cristo Redentor sentia um esfriamento, muito pior era a situação dos outros grupos. José e Pedro ficaram tão convencidos das palavras dos jovens que abriram espaço para que os mesmos lhes falassem em público durante um retiro que iriam preparar. Como esperado, o retiro ocorrera e a partir dali iniciara-se uma nova corrente espiritual. Aos que aderiram à corrente, passaram a ser chamados de Guerreiros de Oração.

3.4 As origens das vigílias de oração carismáticas

As Vigílias de Oração são práticas religiosas ou rituais em que as pessoas se privam do sono noturno para realizarem orações. No catolicismo a prática da vigília é um rito realizado dentro da Igreja principalmente nos períodos em que se celebram os sofrimentos, a morte, ressurreição e o nascimento de Cristo. Através dos carismáticos, percebeu-se maior participação dos católicos nas festas litúrgicas (CARRANZA, 1998) especialmente nas vigílias no interior do templo.

Entre os carismáticos de Sapucaia, o que se pode destacar foi que as vigílias tiveram ao mesmo tempo uma re-interpretação e também um deslocamento para fora das espacialidades da Igreja. Por conta das características presentes na modalidade carismática dos guerreiros e nos pontos de tensão já percorridos anteriormente, as vigílias de oração passaram a ser locais de fuga de controle e de ressignificação da fé católica.

As vigílias nos montes constituir-se-iam uma espécie de prática legítima ressignificada ou reinterpretada da religiosidade católica carismática por estar fundamentada em vários personagens bíblicos, inclusive, Jesus. Ademais, no intuito de evitar desentendimentos e rupturas por conta do controle exercido pelas normas de conduta, os montes se consolidariam como locais ideais para tais práticas.

Nesse sentido, é pertinente apontar Turner (2005), que compreende como ritual “um sistema de significados” ou “o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos” (2005, p. 79, 49). Em outras palavras é a interrupção da vida rotineira, a teatralização e a dramatização daquilo que é contínuo na sociedade, segundo uma vontade e uma simbologia que não está inscrita em um “manual cultural” (TURNER, 2005). As regras e normas a serem seguidas pelos sujeitos - os guerreiros de oração – dão lugar a uma criatividade não regulada que é renovada ou alimentada pelo experiência de um sagrado selvagem e, por isso, potencialmente transformadora. É um rompimento com as formas tradicionais de representação do mundo, levantando contradições e divergências porque costumam fugir da coerência e do sentido comumente atribuído aos ritos e/ou fatos de uma estrutura social-religiosa tradicional.

O trabalho de campo concluiu que Padre Benedito foi o primeiro a dar início à prática das orações nos montes no meio carismático sapucaense. Desde o primeiro retiro em que iniciara os Guerreiros de Oração, a prática dos montes fora divulgada

(1994). Supõe-se que a prática das vigílias nos montes tenha tido um favorecimento maior justamente por ter tido como protagonista inicial um sacerdote carismático.

Como Daniel e Tiago eram freqüentadores da igreja deste Padre, era comum que fossem com ele aos montes para orar. Além disso, principalmente após a experiência da recepção da “unção do guerreiro” ocorrida no Bairro da Lapa, eles passaram a ser freqüentadores assíduos dos montes, por favorecer, segundo eles, uma maior liberdade para orações sem intimidações ou cerceamentos.

Segundo eles, foi inevitável a ida das pessoas para os montes porque ao contarem os acontecimentos presenciados, as pessoas ficaram desejosas passando também a freqüentá-los. Os montes tornaram-se uma espécie de local freqüentado pelos guerreiros de oração na cidade de Sapucaia, espalhando-se rapidamente através de testemunhos dos supostos sinais divinos presenciados como: a sarça ardente, clarões vindos do céu, visões de anjos, êxtases, transfigurações⁸⁴, o famoso caso do aparecimento de alimento⁸⁵, visualização de carruagens de fogo, sinais em instrumentos musicais, emudecimentos ou a perda da fala e casos de pessoas terem sido carregadas por acreditarem terem sido arrebatadas.

Nesse período, 1994, a RCC vivenciava um momento delicado, pois era publicado o Documento 53 da CNBB contendo algumas recomendações ao movimento carismático. Nesse documento faziam-se algumas alusões aos exageros e a todas as formas de religiosidades que pudessem destoar com a doutrina católica. Foi a partir daí que os guerreiros de oração começaram a se sentir cerceados em suas formas de experienciar o sagrado dentro dos grupos de oração e intercessão. Porque eram mais exaltados, passaram a ser controlados e disciplinados em suas orações. Foi aí que a prática das vigílias se expandiu ainda mais.

Enquanto nos grupos de intercessão realizados dentro das igrejas não se podia orar com liberdade, em alta voz, com saltos, gritos, pulos e as diversas manifestações pentecostais, nos montes isto era possível. Para os guerreiros de oração, agora estavam de fato vivenciando as manifestações do pentecostes e, nesse sentido, a “palavra de Deus” era a maior defesa para suas práticas.

Os montes são símbolos de altíssima importância para esse grupo de pessoas. Isto é perfeitamente justificado pelo fato de também ter grande importância na cultura judaico-cristã, fundante do fenômeno religioso em questão.

⁸⁴ Ver relato da jovem Joana Aparecida sobre caso que chamou de transfiguração.

⁸⁵ Conferir relato de José Augusto sobre episódio dos pães no monte.

Eram os locais preferidos dos personagens bíblicos (Jesus, Moisés, Elias etc.), de muitos fenômenos sobrenaturais e acontecimentos miraculosos e prodigiosos, por isso, numa espécie de lembrança, tornou-se para os participantes das vigílias de oração seus referenciais maiores. O fato de conservar este significado, segundo os participantes, é que, reafirma-se o sentido de pertença a um povo tido bíblicamente como eleito, escolhido, povo santo, e, que, também, os fazem se sentir afirmados mais que pessoas comuns, mas como pessoas de Deus.

A bibliografia encontrada e utilizada na pesquisa trata os montes como:

Locais ou acidentes geográficos que constituem a morada definitiva ou temporária de espíritos ou deuses. Podem ser montes, picos de montanhas, rochas, bosques, árvores, rios, lagos podem ser considerados sagrados e, às vezes, até o caminho por onde passou um rei divino (Tibete). São visitados em ocasiões especiais, quando então se celebram cerimônias e rituais com oferendas, orações, sacrifícios etc. (MARCONI; PRESOTTO, 2007, p. 159-160).

Uma vez que Jesus orou no Monte Tabor e manifestações extraordinárias aconteceram; outra vez que Moisés no Monte Horeb também o fizera e presenciara a sarça ardente; houve também o episódio em que Elias no Monte Carmelo desafiara e derrotara 450 profetas de Baal fazendo descer fogo do céu e outra situação em que o santo católico Francisco de Assis, também freqüentava um bosque para fazer suas orações e as árvores brilhavam (relatou Daniel), os guerreiros de oração se assemelhavam. O monte, portanto, juntamente às vigílias de oração e à prática das orações de guerra é uma forma de se assemelharem ao que, no entender deles, é de maior referência ao *ethos* carismático.

Para os nativos, o monte carrega o sentido do espaço sagrado e propício para experiências religiosas espontâneas e sem controle, onde o eu está livre para expressar-se. É onde se dá a busca das coisas do alto, que é o outro lado, o lado das coisas desejadas e imaginadas. Para os nativos, é um dos símbolos que carrega em si o significado de como eles gostariam que as coisas fossem. É o símbolo do monte que demonstra o estar mais próximo dos deuses para com eles falarem, deles escutarem e aprenderem. É o estar inserido na natureza, fora do centro urbano, do barulho, dos conflitos, para conhecer a natureza da pessoa dos deuses que, segundo eles, não têm conflitos, nem cerceamentos.

Apesar de serem carismáticos e católicos, a convivência com os guerreiros de oração durante o período do trabalho de campo, fez supor que, por mais que não digam explicitamente, sentem-se mais carismáticos e católicos que os outros. Nas comparações e argumentações utilizadas que denotam um caráter de maior santidade, piedade e proximidade a Deus, os guerreiros de oração são citados (na maioria das vezes por eles mesmos) como um referencial ideal de como se deveria ser um bom carismático católico. Jejuam regularmente, são exímios freqüentadores das missas (não poucos fazem a prática da missa diária), participam do ritual da confissão, da leitura bíblica e da reza do terço regularmente. Mas, de todas as características, a que se sobressai é de que são pessoas orantes, e, por esta razão, dizem eles, ocorrera o ardor carismático do período, na década de 90 e o avanço na evangelização carismática na mesma época.

Não poucas pessoas relatam que durante o auge dos guerreiros de oração a cidade de Sapucaia experimentara um grande avivamento evidenciado em números: 56 grupos de oração, enquanto hoje são 23⁸⁶ e mais 2 não cadastrados; uma média de 8 mil carismáticos, enquanto hoje somam não mais que 2 mil (dados informados por José Augusto); havia retiros com grande número de pessoas, enquanto hoje quase não os têm; criação de rádios, jornais e um canal de TV da Canção Nova dos quais só a TV subsiste; surgimento de grupos musicais, lançamento de livros, realização de dezenas de eventos, aos quais hoje não mais se presenciam. Nesse sentido, foi constatado com a pesquisa que os guerreiros de oração estão presentes ao menos como um período a ser lembrado, tanto pelos que concordavam com o movimento quanto pelos que lhe eram contrários.

Os guerreiros de oração, entretanto, não eram, não foram e não são unanimidade. Durante a década de 90 impressionavam, provocavam divisões, e, por não serem moderados em suas posturas, assustavam. Mas, também, atraíam, despertavam interesses e principalmente constituíam uma corrente espiritual mais forte que conotava maior veracidade e compromisso com a religiosidade.

As reações causadas naqueles que ficavam sabendo dos supostos sinais variavam. Desde ojeriza à busca pela inserção ou experiência na corrente espiritual. Conta-se que quem não fosse guerreiro, mas conseguisse participar de uma vigília, tornava-se guerreiro mesmo sem ter participando de um retiro.

⁸⁶ Dados coletados no site oficial da RCC.

Muitas são as histórias das vigílias de oração. Quando do período do trabalho de campo, constatou-se o contentamento nas pessoas por lembrarem o período da década de 90 e do avivamento em Sapucaia que, segundo eles, não se está mais vivendo. Numa entrevista feita com Bob, ao ser perguntado sobre o período do ardor carismático respondeu:

Sim, nós chamávamos esse tempo de Tempos de Avivamento, dos Guerreiros de Oração. [...] ...um tempo de grande derramamento do Espírito Santo, o pentecostes genuíno do século X se concretizou nas nossas vidas nesta época. [...] É tão lembrado que eu, como missionário nos dias atuais, vivo minha vida espiritual baseada neste período. Só consigo me sustentar nos tempo de hoje dentro desta missão por eu ter um dia vivido este avivamento, hoje a memória desperta a todo instante a vida dos “Guerreiros de Oração” como referência para quem quer resistir aos dias que virão⁸⁷.

Conta-se que a efervescência se foi, mas as vigílias ainda ocorrem principalmente com integrantes do Grupo Cristo Redentor e do Grupo Água Viva. José Augusto confirma esta constatação afirmando que “em alguns grupos houve a tentativa de conservar a essência como o Batismo, o fervor e a oração do monte, como é o caso do Cristo Redentor”⁸⁸.

O grupo Cristo Redentor traz a prática das vigílias nos montes desde a década de 90. Atualmente a prática se tornou parte integrante das atividades dos “servos” do grupo de intercessão. O dia de suas atividades ocorre às terças-feiras, das 20 às 22 horas, sendo que uma vez por mês reúnem-se no monte para fazerem a vigília.

Ainda com relação ao Grupo Cristo Redentor, ocorre também que José Augusto e alguns outros integrantes, semanalmente, após a reunião no Grupo de Intercessão às terças-feiras, dirigem-se ao monte para lá realizarem uma vigília por duas horas de oração. Essa prática ocorre devido a uma revelação dada por José Augusto no ano de 2010 em que o “Senhor” estaria pedindo àqueles que sentissem no coração vigílias de oração após os Grupos de Intercessão, com a promessa de que Ele os revestiria de poder.

3.5 O monte do Cristo Redentor com os Guerreiros de Oração

⁸⁷ Conferir Apêndice C.

⁸⁸ Conferir Apêndice B.

Sapucaia situa-se no Estado de São Paulo a quase 700 metros de altitude do nível do mar. Vista de cima por uma imagem via satélite apresenta-se num formato retangularizado com prolongamentos urbanos ao seu derredor. Percebe-se, tanto de cima quanto para quem está atravessando a cidade com olhar atento, que não se localiza numa planície, mas num terreno elevadiço, como uma porção prolongada de terra que está cercada por vales.

Geograficamente, para esse tipo de relevo, dá-se o nome de espigão. Sapucaia, portanto, é um município situado sobre o espigão ocidental de uma das serras da região centro-oeste do Estado.

A cidade se estende seguindo o sentido desse espigão, que, como uma espinha dorsal ladeada por vales, se constata ao mesmo tempo um linha férrea, indicando ser a parte mais plana e elevada de seu relevo. A linha de trem corta a cidade ponta a ponta e indica o sentido leste-oeste que marcou o período do café nas décadas de 20 e 30, quando a produção era escoada do interior do Estado ao porto de Santos.

Expandindo-se a partir da linha de trem e seguindo os sentidos e possibilidades que o relevo lhe permite, a cidade segue crescendo com os vários seguimentos imobiliários, especialmente os residenciais.

Porque é contornada por encostas de até 200 metros de altura, Sapucaia tem a área urbana condicionada à geografia da região, cheia de pequenos altos e baixos e cercada pelas encostas e vales. De algumas encostas saem cachoeiras e nascentes, formando rios e córregos que atravessam os vales, chamados também Itambés. Os vales separam paredões íngremes de pedra calcária, local onde se costuma ir para se ouvir o barulho que há do outro lado, ou para se ouvir o eco de um forte assobio dado.

No que tange à pesquisa, Sapucaia está rodeada por esses elevados denominados pelos guerreiros de oração carismáticos, e, principalmente pelos pentecostais, “montes”. São ondulações ou elevações do solo encontradas inclusive dentro da própria cidade.

Em algumas áreas os vales se misturam por entre bairros formando paisagens belas aos seus moradores e na maioria das vezes essas próprias paisagens tornam-se locais de oração, por isso, passam-se a chamar de montes. O nome monte está mais ligado a uma atividade ou prática religiosa que a uma topografia, sendo esta a

causa maior pela qual passou a ser assim chamado. Destaca-se que alguns desses montes encontram-se nos limites das últimas ruas de bairros periféricos, sendo muito frequentados pelo fácil acesso.

Mas, nem todos os montes de oração são necessariamente montes geográficos. Às vezes o monte é uma clareira, uma pequena mata ou até um terreno plano. Para os carismáticos guerreiros de oração, a oração associou-se ao monte por conta das representações bíblicas presentes nos textos por eles considerados sagrados. Pode-se encontrar na Bíblia diversos relatos de experiências religiosas em variados montes da antiga Palestina. O fato é que as maiores figuras bíblicas, para os guerreiros de oração, eram freqüentadores dos montes.

De uma forma ou de outra o monte, para os nativos em questão, é o local por excelência onde se acredita ser possível experimentar o que Jesus, os profetas e apóstolos vivenciaram. Seja em um monte alto, ou baixo, numa clareira, ou numa mata, estar em meio à natureza “buscando a face de Deus como Moisés”, “intercedendo como Abraão”, “guerreando como Elias”, “transfigurando-se como Jesus” segundo eles é um importantíssimo ritual na vida de quem quer crescer espiritualmente e também vencer na vida.

Localizado na região nordeste de Sapucaia, o monte descrito nesta dissertação refere-se ao que tem sido mais freqüentado nos últimos anos pelos guerreiros de oração ou carismáticos da Paróquia Cristo Redentor. Por meio de conversas informais e alguns relatos constatou-se que um ex-integrante do Grupo de Oração Imagem Celestial, apelidado de “irmão Fogo Puro”, mudara para uma casa nas extremidades do Bairro Vista Alegre, que ficava defronte a um descampado, de topografia levemente acentuada e que continha uma clareira de eucaliptos à parte e ao fundo. Ocorreu que ao ouvir de sua casa orações que vinham daquela clareira resolvera verificar e constatara tratar-se de um ajuntamento de evangélicos realizando orações.

Após informar aos irmãos carismáticos que aquele belo local era utilizado pelos evangélicos para se fazer orações, passaram a se utilizar do mesmo para suas práticas religiosas.

Relatos apontaram que o novo local de oração do grupo veio em hora certa para substituir a um outro que era de difícil e longe acesso, chamado por eles de

“monte do pão sagrado”⁸⁹. Como era muito distante, passou-se a freqüentar o monte do Bairro Bela Vista ou Monte Cristo Redentor, encontrado pelo irmão Fogo Puro, por se localizar próximo ao local do grupo de oração da igreja que leva o mesmo nome. Nesta dissertação, aplicar-se-á ao local o nome de Monte do Cristo Redentor.

Foto 1: Imagem do monte do Pão Sagrado. no canto esquerdo, clareira.



Fonte: Autoria própria.

Destaca-se apenas que, Fogo Puro, durante a realização da pesquisa de campo, já era um ex-integrante do grupo carismático e que de fato morava exatamente em frente ao monte, por isso era seu freqüentador, onde fazia suas orações. Abandonou a RCC e a Igreja Católica e se tornou um membro da Igreja Assembléia de Deus, porque lá via que teria mais oportunidades para “servir a Deus” do que entre os carismáticos católicos. Ele foi o primeiro divulgador para a mudança do local de oração: do Monte do Pão Sagrado para o monte do Cristo Redentor, no Bairro Bela

⁸⁹ Nome dado por ter sido o local onde ocorrera, segundo relatos, o episódio do aparecimento de um pão, contado por José Augusto.

Vista. Segundo ele, o que antes ocorria uma vez por mês, passou a ser semanalmente, pela facilidade de acesso.

Foto 2: Trajeto que apresenta o monte do Cristo Redentor com a clareira de eucaliptos ao fundo. Visão da casa do irmão Fogo Puro.



Fonte: Autoria própria.

À distância de uns 2 quilômetros de quem sai da Igreja Cristo Redentor, pode-se ir a pé até chegar ao monte. À medida que se vai caminhando pelo interior do bairro ou pela rua que margeia a encosta do penhasco, chega-se ao monte, cuja entrada é feita por uma porteira. Ao adentrar, segue-se em direção a uma copa de eucaliptos que se apresenta a uns trezentos metros à frente, implicando uma caminhada numa

topografia levemente acentuada. O acesso ao local também pode ser feito por veículos automotores ou a pé.

Este é um dos mais de 10 montes freqüentados por pentecostais católicos e protestantes na cidade de Sapucaia. Em todas as regiões, de norte a sul, leste a oeste, é possível encontrar um monte freqüentado para realização de práticas religiosas de caráter carismático e pentecostal.

Chegados ao monte do Cristo Redentor, ora as orações são feitas no interior das clareiras de eucaliptos, ora do lado de fora, a céu aberto. De qualquer forma, durante a observação participante, por situar-se em meio à natureza, as sensações de liberdade são evidentes.

Qualquer um dos montes está fora do centro urbano, fora das ruas, dos carros, do barulho e da agitação. No trabalho de campo, quando das vigílias de setembro a novembro, o que se apresentava às vezes eram alguns animais como vacas, bois, cavalos e éguas, o cheiro de eucalipto que tem “hora certa” para exalar, rajadas de vento que balançavam as árvores e o canto de pássaros noturnos e cigarras.

Foto 3: vista externa da clareira de eucaliptos no Monte do Cristo Redentor.



Fonte: Autoria própria.

3.6 Vigília no monte do Cristo Redentor

23h 50 min de uma terça-feira de agosto de 2013. Interior da clareira no monte do Cristo Redentor. Somavam-se em torno de 25 pessoas, sendo a metade, acima dos 30 anos, um quarto de jovens acima dos 20, e, na mesma proporção dos jovens, pessoas acima dos 50 anos de idade. A oração tivera início às 23h e, nessa altura, praticamente não havia um corpo parado. Todos em franca expressão corporal de oração ininterrupta e frenética. Enquanto isso, em observação participante entre os guerreiros de oração, o pesquisador procurava compreender a vigília de oração.

Uns orando em línguas incompreensíveis com os braços bem erguidos e imóveis, demonstrando persistência em algo que transparecia saber do que se tratava; outros, também orando línguas, gesticulando os braços sem parar, como se estivessem sentindo uma espécie de descargas elétricas vindas do céu ou de algum lugar; alguns pulando e em voz alta dizendo *Aleluia! Aleluia! Glória a Deus*. Havia quem estivesse andando pra lá e pra cá, batendo as mãos uma à outra, numa espécie de extravasamento emocional que sobressaía nesse movimento mecânico, e, quem estivesse totalmente imóvel supostamente no chamado “repouso no espírito”. Por fim, pessoas de joelhos a chorar expressando com palavras uma espécie de agradecimento e elogio: “Glória a ti Senhor! Glória ao teu nome! Obrigado, Senhor! Aleluia!”.

Para alguém como o autor deste trabalho que crescera indo à missa aos domingos ou que sempre tivera em mente a idéia de que oração seria algo que se apresentasse com relativa ordem, o que se deparava diante dos olhos era o contrário, podendo ser comparado, a partir do imaginário católico brasileiro, mais a um cerimonial de “macumba”, como retrucara Dona Cida, moradora defronte ao monte, quando perguntada sobre as rotineiras vigílias.

Mas esse momento fora precedido por 50 minutos de cânticos, orações espontâneas e a oração de José Augusto. Por volta das 23h, um círculo fora formado. Não havia luar. A escuridão no interior da clareira de eucaliptos era grande, quase dando sequer para ver quem estava próximo.

Antes disso, no trajeto para o monte em que o autor deste trabalho se fazia presente, percebia-se um contentamento entre as doze pessoas e nenhum semblante de tristeza ou pesar. Os outros restantes haviam ido de automóvel. Evidenciava-se um clima de expectativa que fora compreendido nas conversas feitas durante o

percurso: falou-se muito sobre a vigília da semana anterior, cujo conteúdo fora “a presença poderosa de Deus” e a sarça ardente⁹⁰ que se manifestara.

O que fora alegado, foi que a “campanha de oração” teria sido a responsável das grandes manifestações. É sabido entre os guerreiros que as melhores vigílias são as que ocorrem durante campanhas de jejum e oração. As campanhas são períodos de 3, 7, 10, 21 ou 40 dias em que todos se comprometem a um momento de oração diário em suas casas, permanecendo-se em jejum. Todos os números são baseados em representações bíblicas. A grande maioria das campanhas é de 7 e 21 dias. A de sete dias é realizada uma vez por mês por conta do Cerco de Jericó, prática iniciada na época dos Retiros dos Guerreiros de Oração. O Cerco de Jericó é uma campanha de oração em que o Santíssimo Sacramento fica exposto por sete dias e, pelos mesmos dias, de hora em hora, é feito um rodízio de oração com a participação dos “servos” do Grupo de Intercessão. Todos saem de suas casas no horário que se comprometeram e vão até o Santíssimo exposto para ali ficar rezando por uma hora. A finalização da campanha é feita no dia do Grupo de Oração com a Missa e o famoso “túnel da bênção”. Um nome nada católico em uma prática com nuances também pentecostais sendo realizada junto à Missa. Tudo no dia do maior grupo de oração da cidade.

Por conta do momento em que todos irão passar por dentro do túnel, composto pelos servos que permanecem no corredor da igreja voltados uns para os outros de mãos estendidas, a Igreja sempre fica lotada, com uma média de 600 a 1200 pessoas. Muitos são aqueles que relatam receber curas e milagres. Nessa campanha além dos servos orarem e jejuarem por 7 dias, realizam a Intercessão no monte na 3ª-feira.

E a campanha de 21 dias é baseada no episódio bíblico do Profeta Daniel, que jejuou e orou por esse período em favor de seu povo, comendo apenas legumes. Essa campanha, relatam, é muito forte por ser mais prolongada. Os guerreiros jejuam por 21 dias na intenção da cidade de Sapucaia para que Deus derrame sua bênçãos. Foi no término dessa campanha que ocorrera as grandes manifestações no monte, que estavam sendo relatadas na conversa.

⁹⁰ É uma hierofania. Manifestação visível dos deuses em objetos ou pessoas. No caso da sarça ardente, os guerreiros afirmam tratar-se de um fenômeno em que gravetos, folhas, partículas de areia, insetos e raízes de plantas ficarem luminosos. Leva esse nome por segundo eles brilharem e não se consumirem.

Passou-se em frente à casa do “irmão Fogo Puro”, que fora lembrado como um servo de Deus. Ninguém comentou de sua ida para Assembléia de Deus. Ainda a caminho, alguém dera início a um terço, indicando uma preparação para a vigília que em pouco tempo se iniciaria. O terço não se havia terminado até chegarem na porteira que dava acesso ao monte. Adentrou-se no terreno que se encontrava o monte. Uma pequena peregrinação sobre um relevo acentuado e continuando ao som das Ave-Marias, a sensação permeava-se de expectativas. À medida que a clareira se aproximava, viam-se outros chegarem pelo lado esquerdo do monte. Como se houvesse sido combinado, todos mantiveram os olhares para o outro grupo que chegava, para confirmar se se tratava do povo restante. Já ocorreu de igrejas evangélicas comparecerem no mesmo horário para também realizarem uma vigília e ambos chegarem juntos.

Conforme se aproximavam da clareira, aumentava o tamanho dos eucaliptos. De longe não se tem a dimensão espacial do local. Os eucaliptos são grandes, sem dúvida ultrapassando os 30 metros de altura. A área equivale a um gramado de campo de futebol. Conta-se que ali já oraram mais de 150 pessoas.

Ao se encontrarem saudavam-se com “*a paz de Jesus*”, apertos de mão e abraços. Um círculo ia se formando. A presença do pesquisador já se tornara comum, mas não ao ponto de ter-se tornado invisível, como se pretendia os antropólogos clássicos. Aliás, a sensação em uma vigília, é que ninguém ali está invisível, apesar da escuridão.

Foto 4: Vista interna da clareira do Monte do Cristo Redentor



Fonte: Autoria própria.

José Augusto, demonstrando singeleza, saudou rapidamente a todos e disse: *Vamos então começar irmãos? Em Nome... e imediatamente todos juntos... do Pai.* A invocação à Santíssima Trindade foi feita e deu-se o prosseguimento à vigília.

Em nome do Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo, estamos aqui. Se também estivesse algum outro grupo no monte, saberia pela música de quem se tratava: um grupo católico carismático.

Outras músicas são cantadas, não as agitadas, em que se batem palmas, mas as por eles chamadas “de entrega” e “de adoração”. E a performance já se mostrava distinta das músicas cantadas dentro da Igreja, porque ali todos não apenas cantavam, mas demonstravam o desejo de cantar. Como eles mesmos dizem, *quem canta, reza duas vezes*. Portanto, se uma música predileta é capaz de tocar e demonstrar profundamente as emoções, todos ali se mostravam estar desejosos e abertos para dar e receber, pedir e agradecer, chorar ou sorrir, pular ou ajoelhar, dependendo do que acreditassem que tivessem que fazer. As palavras equivalem, conforme atesta Miranda (1999, p. 66), a ações e “[...] proferi-las não é descrever, mas fazer algo”. A música tornava o ambiente informal, relacional, íntimo e afetuoso.

Como um coro, a uma só voz, todos cantam:

Venho Senhor minha vida oferecer como oferta de amor e sacrifício.
Quero minha vida a ti entregar, como oferta viva em teu altar.
Pois pra te adorar foi que eu nasci. Cumpre em mim o teu querer.
Faça o que está em teu coração.
E que a cada dia eu queira mais e mais estar ao teu lado Senhor.

José Augusto, supostamente num momento em que a melodia da música diminuía e permitira maior audição, fez uma oração:

Senhor recebe as nossas vidas. Viemos aqui pra te adorar, pra te louvar. [...] Recebe nossas intenções, nossos pedidos, nossos familiares e a cidade de Sapucaia. [...] Senhor, derrama mais uma vez poderosamente o teu Espírito e nos enche de poder, de unção, pra que possamos fazer tua obra...[...] Derrama Senhor o teu Espírito.

Uma bela melodia fora iniciada, uma música ao Espírito Santo. Não significara sinal de interrupção da oração do líder, mas um reforço que agora se dava por meio

de um cântico, pois quem reza canta duas vezes. As coisas iam acontecendo como se tivessem sido combinadas, denotando estarem de alguma forma acostumados pela frequência semanal, mensal ou anual nas vigílias, ou, como apontara Victor Turner, uma ordem de outro mundo, o que não importa para os olhares de um pesquisador, que atentamente buscava compreender parte daquele universo dos guerreiros de oração.

Novamente, a uma só voz, com as mãos erguidas denotando súplica, todos cantavam e professavam a letra que invocada a vinda do Espírito Santo.

Espírito. Espírito. Espírito Santo de Deus.
Vem controlar todo o meu ser.
Vem dirigir o meu viver.
O meu pensar, o meu falar, o meu sentir e o meu agir.

Os corpos deixavam-se ser afetados e manipulados por aquilo que acreditavam estar se relacionando. Movidos por uma espécie de compulsão⁹¹, alguns começaram a falar nas línguas ditas estranhas.

Costa auxilia nesses termos:

O dom das línguas é um dom de língua nenhuma. Consiste numa forma de expressão verbal minimal, inarticulada e ininteligível que balbucia sílabas, soando como “gemidos inenarráveis” (Alday, 1994, p. 72 *apud* Campos, 2006, p. 135); ocasionalmente, pode incluir algumas palavras soltas, sem conexão sintática visível. Mas do que um “sinal inequívoco” da Efusão do Espírito, de que seria um dom “necessário” (Favale, 1991, p. 283 *apud* Campos, 2006, p. 135), a glossolalia é o Espírito que ora pela boca do crente, numa expressão possível do inefável, ilegível pela inteligência e apenas acessível pela atitude orante dos iniciados. Ao mesmo tempo tem uma funcionalidade terapêutica de libertação interior (2006, p. 135).

Cada vez mais o número de pessoas a orarem em línguas aumentava enquanto também eram acompanhadas por manifestações corporais. Subitamente, demonstrando estar possuído pelo Espírito Santo por conta da expressão e entonação da voz, José Augusto em alta voz, saltando e gesticulando freneticamente profere as seguintes palavras, enquanto também toca em algumas pessoas:

⁹¹ Ato ou efeito de compelir. Tendência interna irresistível que insistentemente leva o indivíduo a executar determinada ação. Dicionário LAROUSSE Língua portuguesa. 2009.

Recebam a unção de Deus! Recebam o Espírito Santo. Ele está aqui. Ele está derramando poder, unção e glória, glória. A glória de Deus está sendo derramada irmãos. Receba! Receba! Receba! Deus está me revelando que ouviu nossas orações. Ele está derramando seu poder. Aleluia. Oh! Aleluia! Glórias a esse Deus maravilhoso!

Marilena Chauí (2000, p. 384) assim expõe sobre o fenômeno quando discorre sobre as manifestações e revelações presenciadas nesses casos:

[...] sem fazê-los sair de seu mundo. Podem ter sonhos e visões, mas o fundamento é ouvir o que a divindade lhes diz, porque dela provém o sentido primeiro e último de todas as coisas e do destino humano. O que se revela não é a verdade do mundo, através da viagem visionária a um outro mundo: o que se revela é a vontade do deus, na qual o crente confia e cujos desígnios ele cumpre. Era isso o que significava, como vimos, a palavra hebraica *emunah*, “assim seja”. Judaísmo, cristianismo e islamismo são religiões da revelação (grifo da autora).

E Costa, complementa, dizendo que:

O carismático não recebe apenas o afecto de Deus – recebe mandatos, ouve-os. E confirma-os porque os *carismas* são autênticas provas físicas, evidências que só não vê quem não quer (ou não pode) (2006, 123).

O cenário transformou-se numa espécie de tumulto generalizado, sem que, entretanto, os envolvidos se ocupassem em fugir, mas, pelo contrário, envolvidos no ímpeto especificamente pentecostal (COSTA, 2006), deixavam-se tumultuar e demonstravam provocar o tumulto no extravasamento corporal de variadas formas.

Aleluia! Aleluia! Glória ao teu nome, Senhor! Repetidos dezenas e dezenas de vezes. Risos, palmas, pessoas rodando e pulando, gesticulando mãos e braços.

Apesar do barulho e da pretensa confusão, não havia estranhamentos entre as linguagens corporais, pois parecia que todos se entendiam, conforme a oração prosseguia. De alguma forma, todos mantinham um tipo de ligação empática em meio ao caos concebido na cabeça de quem estivesse ali pela primeira vez.

Pelas outras vigílias aos quais se pode comparecer, pode-se ir percebendo a presença de uma linguagem estabelecida a partir de uma outra ordem. Por mais que todos estivessem emitindo algum tipo de comunicação diferente ao mesmo tempo,

todos estavam em sintonia e de alguma forma se observando, comunicando-se entre si e se comunicando com Deus.

Após a duração de um tempo que não se pôde supor a quantidade, houve uma primeira calmaria. Um e outro continuavam proferindo *Aleluia! Glória ao teu nome, Senhor!*

Apesar dos gestos e atitudes extravagantes, com a aparente calmaria, para eles nada mais eram que expressões sentidas por quem acreditava estar “sentindo o Espírito Santo” de forma livre e espontânea num local contrário àqueles em que se é controlado por regras de conduta. Tal quais os humanos que dialogam, conversam e se relacionam utilizando de suas palavras, expressões e gestos, “assim somos nós com Deus”, explicara José Augusto em uma nova fala, agora em tom de esclarecimento:

Assim somos nós, irmãos. Tentamos entender as coisas espirituais mas elas são maiores do que nós. Quero dizer com isso que existe uma linguagem espiritual, um mundo espiritual. A palavra de Deus diz na carta aos Coríntios, Capítulo 2, versículo 9 (José recitara os versículos) “Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” Ouviram-se vozes exultarem e dizer *Gloria a Deus! Aleluia! Oh, Glória!*

A Bíblia é recorrida como referência para pensar e explicar a realidade, e orientar as condutas individuais e coletivas (MIRANDA, 1999). Nesse sentido, José Augusto prosseguia:

Mas o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, irmãos, diz a palavra, porque para ele são loucuras, referindo à continuação do texto proferido. Mas para nós, que estamos aqui, que cremos, isso é glória de Deus.

Um novo surto toma a todos. Outros minutos passam e volta mais uma calmaria. Um jovem chamado Maurício, sempre evidente durante a oração por conta das manifestações que demonstrava sentir, fala em alta voz:

Eu confirmo o que o irmão Augusto disse em nome de Jesus. Glória a Deus. O Senhor coloca no meu coração que nós não temos palavras para orar porque as coisas são maiores do que nós. Nós não temos capacidade para entender porque o que está ao nosso redor é bem maior do que nós. Nós tentamos compreender as coisas celestes, mas

elas são maiores do que nós. É por isso que o Senhor derrama seu Espírito e derrama sobre os simples, os pequeno, os pobrezinho, aqueles que não tem ouro e nem prata, mas tem a vida, aleluia, o coração, glória a Deus, a alma pra entregar pra Deus. E Deus responde mostrando a sua glória aqui. Ele tá mostrando a glória dele aqui (em alta voz). Aleluia! Oh! Aleluia! Glória a Deus.

A “exacerbação da emoção” (SILVEIRA, 2008), como marca das daquelas manifestações atribuídas ao Espírito Santo, combinava-se à espontaneidade e ao tipo de ordem proveniente de quem acredita estar em contato com o mundo invisível. Conforme afirmara Turner (2005, p. 19), “os símbolos são pontes entre os limites materiais e a profundidade densa, imaginada e situada do outro lado”.

Os símbolos presentes no ritual dos guerreiros de oração podem ser concebidos como a mediação do ser humano e o transcendente. Em si o símbolo substitui palavras e podem representar, universalizar, relacionar, reduzir ou ampliar o significado (TURNER, 2005).

Um terceiro e último surto ocorrera sendo seguido da uma última calmaria, denotando chegar o fim da vigília no monte com uma canção.

Grande é o Senhor e mui digno de louvor.
 Na cidade do nosso Deus seu santo monte.
 Alegria de toda a terra.
 Grande é o Senhor em quem nós temos a vitória.
 Que nos ajuda contra o inimigo.
 Por isso diante dele nos prostramos.
 Queremos o seu nome engrandecer e agradecer-te por tua obra em
 nossas vidas. Confiamos em teu infinito amor, pois só tu és o Deus
 eterno sobre toda a terra e céu.

Ao fim da música, em meio às palmas e gritos de *Glória a Deus! Aleluia!*, as pessoas seguem entusiasticamente se abraçando e se cumprimentando com *A paz de Jesus! Deus abençoe, irmão!*

3.7 Uma discussão antropológica: Vigílias e Guerreiros de Oração como fenômenos liminares

Inicialmente a interpretação das culturas e a compreensão das sociedades eram sempre consideradas dentro de um plano estático, no qual a mudança social era considerada ou uma aculturação ou uma falência social. Esse período era um momento em que a sociologia se impunha por garantir sua significância científica, quando o positivismo sobre o funcionamento da sociedade era prioridade acadêmica. No lado da antropologia, vivia-se uma tendência que procurava apreender a cultura como algo estável e homogêneo, de sistemas integrados, identidades rígidas e fronteiras estabelecidas (STEIL, 2009).

Essa discussão da objetividade da sociedade é seguida por Durkheim especialmente em *As regras do método sociológico*. A sociedade é experimentada como dada “lá fora”, estranha à consciência subjetiva e não controlável por esta última, explica Berger (1985). Durkheim (1989) insistiu na dimensão imperativa e normativa, no sentido que o sagrado estaria no centro de um sistema de práticas positivas e negativas, funcionando como um regulador do agir social dos membros e como um integrador da sociedade. Nesse sentido, as questões sobre o “não funcionamento” das sociedades eram interpretadas ao que ela não poderia ser, isto é, a uma anormalidade, incorrendo à exclusão das dinamicidades processuais, das contradições e tensões a ela inerentes. Os conflitos por muito tempo foram percebidos dentro de uma estrutura social estática e imutável, e, por isso, era adotada uma elaboração abstrata de um modelo normativo que explicasse o comportamento dos indivíduos em sociedade, não havendo espaço para sujeitos da prática social, mas somente às regras instituídas e moralmente aceitas em sociedade.

No que se refere aos conflitos, eram percebidos a partir de uma estrutura social de luta de classes, conforme um olhar marxiano, corroborando para um modelo estruturalista e materialista que explicasse o comportamento dos indivíduos em sociedade. Eram, portanto, as regras e as estruturas da sociedade os responsáveis pelas ações individuais. No que tange aos trabalhos de interpretação do catolicismo, por exemplo, Steil discorre em seu texto *A cultura já não é a mesma* (2009) o fato de se tomar as estruturas como sistemas fechados ou totalidades demarcadas por fronteiras claras, que refletem divisões estruturais de classe social ou de posição institucional.

Coube a Weber (2004) atribuir um protagonismo aos indivíduos no que tange às mudanças sociais. No aspecto da religião, mostrou o influxo do processo de

racionalização religiosa no surgimento de comportamentos inovadores, em seu trabalho *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Para Weber o indivíduo passou a racionalizar sua condição social tomando os parâmetros religiosos. A racionalização da religião é o fato dela se tornar uma religião da palavra, da ética, que propicia um código de conduta. Weber (1971) nota que as religiões universais originaram-se da pregação de um profeta ou de uma figura carismática, isto é, uma pessoa dotada de um dom de graça ao redor do qual se reuniam os discípulos. O profeta, seja Cristo, Buda ou Maomé, partilha um ensinamento ético e religioso que frequentemente se coloca em aberto contraste com a tradição, e que exige obediência por causa do carisma que emana do próprio profeta.

Uma vez que a pessoa é reconhecida pelos seguidores como portadora de carisma, cria-se uma situação que representa a antítese de tudo aquilo que é cotidiano, tradicional, regulamentado. O (portador) do carisma, nascido de algo extraordinário e da dedicação ao heroísmo, seja qual for o conteúdo que ele possua, provoca a excitação comum de um grupo de homens. Em suas manifestações mais intensas, demonstra ser o poder revolucionário especificamente criador da história, capaz de derrubar a regra e a tradição. Outras características como a falta de regras, o caráter irracional, o alheamento a considerações econômicas e a oratória, também estão presentes no carisma segundo Weber (1991).

Para este importante autor, a religião pode ser tanto a legitimação do *status quo* como pode produzir consequências revolucionárias. Pode também ter efeitos tanto de reforço e justificação dos ordenamentos sociais existentes, como de crítica e subversão destes últimos.

Por esses motivos a noção de carisma teve e tem neste trabalho uma aplicação pertinente no campo sociológico para a interpretação de fenômenos como o surgimento de novos movimentos religiosos na sociedade da tecnociência, como o dos Guerreiros de Oração em Sapucaia.

Simmel aproxima-se teoricamente de Weber. Naquele período, inaugurava-se a Sociedade Alemã e o enfoque estaria sobre o indivíduo. O pensamento de Simmel foi de que no século XVIII surgira a idéia de um indivíduo “uno”, que faria parte de uma unidade figurada na Declaração dos Direitos Humanos. Esse indivíduo seria o que reivindicaria por direitos iguais. Sendo assim, a condição do indivíduo no século XIX já seria cada vez mais de um espaço reservado para si, para sua intimidade e

privacidade, através do uso dos espelhos, do quarto individual, dos romances, que provocaria o caráter único ou da unicidade.

Weber e Simmel cresceram no século XX e durante esse período a explosão demográfica já era intensa juntamente com o culto a si. Aqui está a característica do homem moderno. A atitude individual nova que surge na metrópole é a condição do indivíduo que se depara com o crescimento da cidade e uma série de informações novas. Nesse processo o indivíduo busca uma preservação de si como alguém que não se deixa impressionar muito com o que se vê. A vida na metrópole é uma vida muito intensa, cheia de acontecimentos. O indivíduo reivindica para si uma vida mental e leva essa questão para a religião.

Simmel (2011) vai se debruçar na idéia da religiosidade como categoria. Em outras palavras ele vai dizer que o indivíduo tem em si uma busca pelo transcendente, num esforço por fazer parte de uma unidade. Ele vai reivindicar, como característica inerente a ele, uma religiosidade própria que vai, portanto, fazer a religião. Para Simmel, a religiosidade vem em primeiro lugar, depois a religião. Faz parte da vida mental do indivíduo moderno a busca pelo cultivo de si pelas artes, pelo erótico e pela religiosidade.

Com a prevalência da noção de indivíduo dentro dos processos sociais contemporâneos, bem como na temática da religião, as emergentes contradições no mundo social passaram a ser analisadas de novas formas tanto na Sociologia quanto Antropologia.

O que se pôde perceber, conforme discorre Carlos Steil, é que os contextos sociais mudaram-se, “[...] mas também os instrumentos de interpretação e o próprio lugar do intérprete diante da realidade” (2009, p. 152).

No que tange à antropologia, anteriormente, por exemplo, as culturas ou tradições eram vistas como totalidades integradas e hoje aparecem como plurais (STEIL, 2009). Estudos atuais sobre a África mostram que as “tribos” (os Nuer, os Azande, os Bantu, os Ndembu etc) são em grande medida uma invenção elaborada a partir do conceito de cultura que esses mesmos antropólogos operavam.

De modo que, onde os estrutural-funcionalistas viam homogeneidade, identidades, sistema integrado (de parentesco, de crenças e rituais, de significados etc.), torna-se possível, hoje, perceber diferenças que sempre estiveram lá como **liminaridades** (grigo nosso) internas, que foram externalizadas para que essas mesmas tribos pudessem se

apresentar como unidades temporais (históricas), étnicas e espaciais homogêneas (STEIL, 2009, 154-155).

Steil prossegue nesses termos:

A literatura recente sobre fronteiras, híbridos, interculturalidade tem nos levado para muito além do conceito de cultura como algo estável e homogêneo, ao mesmo tempo em que nos tem aberto novos horizontes teóricos e de pesquisa. As novas abordagens da cultura têm destacado os aspectos processuais, ativos, inventivos da cultura e da tradição. Desde essa perspectiva, a cultura não pode mais ser tomada como algo que persiste ou que se transmite mecanicamente de uma geração para a seguinte (2009, p. 155).

Sobre o catolicismo, elucida:

Ao se pensar a cultura desde este ponto de vista, as fronteiras entre catolicismo popular tradicional e catolicismo oficial, enquanto subsistemas culturais homogêneos e integrados internamente, perdem sua importância. Passamos, então, a ver o catolicismo como prática dialógica e interativa, onde se fazem presentes múltiplas vozes que competem e negociam entre si, num processo de enunciação e performance constante. Essa perspectiva não nega nem o conflito nem as relações de poder no interior das culturas, mas os redefine, uma vez que em qualquer recorte que se faça da experiência ou da prática vão emergir vozes dissidentes e leituras desafiantes (2009, p. 155).

O Prof. Faustino Teixeira, da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) em seu texto *Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo* discorre que muitos autores têm sublinhado que a RCC tem exercido um papel de ambivalência no interior da Igreja Católica, no sentido de que de um lado afirma-se identitariamente pela doutrina tradicional, mas de outro, favorece a uma dinâmica espiritual que acaba corroborando para certa autonomia e transversalidade (TEIXEIRA; MENEZES, 2009). A assertiva não pretende demonstrar que a RCC seja o único ou um dos grandes “problemas” da Igreja. Teixeira, está apenas desnaturalizando a questão e apontando para o que seria o cerne do contexto religioso católico, que é de um catolicismo com vários outros estilos, ou seja, está-se a tratar de um pluralismo religioso. A socióloga do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) Sílvia Fernandes (2004) sugere o termo **intra-pluralismo**⁹² religioso.

⁹² Intra-pluralismo é a existência de modos plurais de pertença a uma mesma instituição (FERNANDES, 2004, p. 50).

Em outras palavras, a principal questão de pano de fundo sobre a postura da Igreja com relação a RCC e aos outros movimentos, está baseada no fato de que a pluralidade é um traço constitutivo do catolicismo brasileiro, inserido na modernidade e num mundo de múltiplas alternativas (FERNANDES, 2004). A RCC é um dos muitos outros sinais contemporâneos do pluralismo religioso e, especificamente, do pluralismo intra-religioso no catolicismo.

A plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expressão de uma genuidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o “outro mundo”. [...] Não dá para situar o catolicismo brasileiro num quadro de homogeneidade. Na verdade, existem muitos “estilos culturais de ‘ser católico’”, como vêm mostrando os estudiosos que se debruçam sobre esse fenômeno. São malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos” (TEIXEIRA; MENEZES, 2009, p. 19).

A questão do pluralismo religioso constitui-se um dos principais desafios para as Igrejas, uma vez que a liberdade religiosa é seu principal vetor, afirma Sílvia Fernandes (2004). Dito de outra maneira, o pluralismo interpela a Igreja porque a obriga ao descentramento por conta das reinterpretações polifônicas ou de múltiplas vozes da tradição feitas pelos próprios fiéis, que competem e negociam entre si, num processo de enunciação e performance constante, como apontado acima por Steil (2009).

Essas reinterpretações são facilitadas pela velocidade e expansão da comunicação nos dias atuais, pelo avanço tecno-científico e pela insatisfação com as formas históricas de organização do sistema de crenças (FERNANDES, 2004, p. 50).

É importante destacar que nesse contexto torna-se mais claro e, portanto, possível compreender-se as situações ou estados liminaridades internos no catolicismo. Tais liminaridades são externalizadas através dessas mesmas tribos (no caso desta pesquisa, os Guerreiros de Oração) para que possam se apresentar como unidades temporais/históricas, com suas próprias especificidades.

Os Guerreiros de Oração são católicos ativos e inventivos da cultura e da tradição religiosa, mas às suas maneiras, por isso, nas fronteiras, na liminaridade,

instáveis, híbridos e em processo, e não como algo que persiste ou que se transmite mecanicamente de uma geração à outra.

3.8 O olhar de Victor Turner sobre a liminaridade.

Conforme percebeu Victor Turner (1974, 2005), as contradições podem se manifestar alheias ao movimento cotidiano da sociedade, e, por isso mesmo, podem levá-la à negação e ao confronto. A negação a uma estrutura acontece pela emergência daquilo que ele vai chamar de **liminaridade**. Mas, o que vem a ser exatamente a liminaridade?

O tema da liminaridade deve-se ao francês Arnold Van Gennep (1978) e, segundo o antropólogo português João de Pina Cabral (2000), constitui-se “uma das principais descobertas empíricas jamais realizadas pela investigação antropológica” (CABRAL 2000, p. 865). Vitor Turner vai fazer uma leitura da obra de Van Gennep analisando dentro (das estruturas de posições) da sociedade o período da liminaridade como uma posição interestrutural (CABRAL, 2000). Com isso ele vai concluir (TURNER, 1967, p.97) que:

A liminaridade pode ser vista como o Não a todas as asserções estruturais, mas também como, de alguma forma, a fonte de todas elas, como o reino da pura possibilidade donde surgem novas configurações de ideias e novas relações.

Turner observou entre as Tribos dos *Ndembu*, na África, que em estado de liminaridade – estado de transição entre duas fases – os indivíduos não pertencem à sociedade a que antes faziam parte e ainda não foram reincorporados a outra. Em outras palavras podemos entender a liminaridade ou o liminar como tudo o que está nas margens, não estando nem aqui nem ali. E aquilo que está entre as posições atribuídas e organizadas pela lei, pelo costume, pela convenção ou pelo cerimonial (CABRAL, 2000, p. 871).

É um limbo, um período ambíguo, transitório, caracterizado pela humildade, reclusão, ambigüidade. A liminaridade favorece o modo de relação social que Turner denomina *Communitas*, que é uma manifestação da antiestrutura, uma vez que se contrapõe ao modo de relacionar-se estruturado e hierárquico em sociedade, uma

comunidade desestruturada, onde todos os membros são iguais (SANTOS, 2010, p. 03).

A qualidade protetora da ordem social se patenteia de modo especial ao se considerar as situações marginais da vida do indivíduo, isto é, as situações em que ele é levado até as proximidades ou para além dos limites da ordem que determina a sua rotina, a existência cotidiana. [...] Em outras palavras, as situações marginais da existência humana revelam a inata precariedade de todos os mundos sociais (BERGER, 1985, p. 35-36).

Para Colin Turnbull (1990, p. 80) o estado liminar é uma “[...] outra condição de ser” que é coexistente com o estado de ser do qual estamos normalmente conscientes. Isto é, refere-se a um lugar ou tempo na fronteira das estruturas ordinárias da sociedade e da vida individual ou coletiva segundo Andrade (2007). É um espaço e um tempo social em transformação onde são refeitos quadros de orientação herdados, segundo Rottenburg (2000, p. 87).

A situação liminar ou condição liminar estará, portanto, associada às situações que estão nas fronteiras, em lugares onde as identidades individuais ou coletivas de nossa época já não são estritamente definidas por papéis e estatutos sociais, por instituições como a família, a igreja, a escola ou o trabalho, mas são ambíguas, instáveis ou em transição para novas identidades (ANDRADE, 2007, p. 3).

É por conta dessas situações chamadas de liminares que naturalmente surgem os pontos de tensão (FEITOSA, 2012), gerando conflitos ou contradições que podem se manifestar alheios ao movimento cotidiano da sociedade. As situações liminares expressam-se então sob formas de negação e confronto ao que está dado (DUARTE, p. 43), como é o caso das vigílias de oração nos montes em Sapucaia. As práticas ritualísticas performáticas dos Guerreiros de Oração vivenciadas fora das espacialidades da Igreja enquadram-se nessas assertivas.

Por meio de suas experiências religiosas em montes, clareiras ou descampados, as práticas religiosas dos Guerreiros de Oração apontam, segundo Silveira (2008), para um momento em que as certezas institucionais das tradições têm cedido lugar aos novos processos de atribuição de sentido, onde o indivíduo é quem determina a credibilidade ou validade por meio da experimentação particular e individual do sagrado. A noção de verdade vai adquirindo novos sentidos e instâncias, apontando para um permanente questionamento às forças da tradição (SILVEIRA, 2008). Por isso, [...] a crise também é da tradição, quando esta não comporta a opção individualizada em seu processo de institucionalização [...], como conclui Silveira

(2008, p. 30). É justamente nessa situação que a dúvida passa a permear a vida cotidiana, o eu e os contextos institucionais, provocando uma nova maneira de ser na sociedade, onde a reflexividade, a ressignificação e a reinterpretação do universo ao redor passa a ser como que dispositivos, efeitos ou reações naturais (GIDDENS, 2002).

De um lado a regra, as condutas morais, a tradição, o rito controlado, administrado, a religião, o sagrado disciplinado, a hierarquia, a territorialização. Do outro a liberdade, a espontaneidade, o novo, a criatividade, o rito performático próprio, a experimentação pessoal, o sagrado selvagem, a performance corpórea, a experiência, a vida em comunidade, a desterritorialização do sagrado, a fuga do controle da experiência do sagrado (FEITOSA, 2012).

No que tange à cidade de Sapucaia, considera-se, portanto, que as vigílias de oração nos montes vivenciadas pelos Guerreiros de Oração apresentam-se como situações ou religiosidades liminares. A prática das vigílias atesta esta realidade uma vez que as pessoas buscam pela experimentação individual das manifestações do Espírito Santo por meio de rituais performáticos próprios em detrimento às normas de conduta orientadas pela CNBB e aos rituais dos carismáticos oficiais.

Os guerreiros de oração identificam-se como católicos carismáticos, mas não aos mesmos moldes dos carismáticos oficiais. Mesmo estando num universo da RCC que praticamente está em todos os municípios do país, eles se vêem como católicos carismáticos diferenciados.

Como diz SILVEIRA (2008, 36):

No espectro da crise da racionalidade ocidental, o Sagrado não pode mais ser pensado somente a partir dos limites do âmbito religioso institucional (QUEIROZ, 1996). Seu caráter “nômade” intensifica-se, gestando redes de movimentos religiosos cuja identidade é justamente a desinstitucionalização. Uma trajetória construída pela escolha pessoal e centrada no eu (AMARAL, 2000). Nesse cenário, as religiões tradicionais enfrentam dificuldades crescentes de regular e manter seus adeptos conectados a “um ‘sistema’ estável de crenças e práticas (MARIZ E MACHADO, 1998, p. 27). O movimento civilizacional de afirmação do sujeito provocou a intensificação da escolha individual e, na “pós-modernidade”, a intensificação da emoção como critério de veracidade da experiência (SANCHIS, 1995).
P. 33

Um dos sintomas desse cenário é a constatação de que a emoção mística não é incompatível com o processo de racionalização em

marcha no mundo Ocidental Cristão. A emoção torna legítimo o experimentar, pois “a experiência, na religião, tende a ser (...) uma experiência emocional, relacionada ao afeto, ao corpo e à subjetividade” (ORO, 1996, p.66).

A liminaridade está dada. Fronteiras, muros invisíveis, formas de negociação e vivência da fé, caminhos para a entrada e a saída, ruptura ou o trânsito em outras denominações, são o que compõe esta franja do catolicismo na cidade de Sapucaia. Assim sendo, a análise e os estudos antropológicos podem partir de relações marcadas por contradições, como se segue:

Os estudos antropológicos acerca de eventos ritualísticos performáticos em muito nos ajudam a entender um novo contexto sociocultural de uma sociedade emergente. As questões propostas por tal abordagem teórica buscam entender uma nova lógica, marcada agora pela evidenciação das dicotomias sociais, pelas contradições e pelas novas formas de relações, específicas de uma nova ordem (DUARTE, 2010, p. 01).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Dissertação de Mestrado referiu-se a uma pesquisa que buscou atender demandas referentes a um fazer antropológico que pudesse viabilizar a compreensão de parte de um tema denominado pentecostalismo no catolicismo brasileiro.

A pesquisa procurou averiguar os quadros históricos e sócio-antropológicos desse contexto religioso desde seu surgimento, em 1901, propondo uma etnografia que favorecesse a compreensão do fenômeno para além do senso comum.

Nesse sentido, constatou-se primeiramente que o pentecostalismo, como se pode verificar pela revisão bibliográfica e fontes etnográficas utilizadas, é um rito de passagem que se encontra baseado em uma experiência pessoal com o Espírito Santo. Uma vez que o interesse da antropologia está em analisar não apenas o contexto social em que o ritual ocorreu, mas, os efeitos gerados pela experiência que os nativos afirmaram ter vivenciado, buscou-se averiguar os aspectos sócio-culturais e a maneira como os nativos se deixam manipular pelo Sagrado.

Em todos os movimentos de efervescência pentecostal, seja nos Despertamentos dos séculos XVIII, XIX e XX nos EUA, seja nos movimentos de Renovação e Carismáticos na segunda metade do século XX e de Avivamento na década de 90 em Sapucaia, pode-se constatar contextos de conflitos e crises sociais, econômicas e étnicas. No Brasil, por exemplo, o grande ardor pentecostal que varreu o país na década de 90 era acompanhado por forte desemprego, inflação, violência e crise política. Nos EUA, o pentecostalismo também surgira em meio aos conflitos étnicos, entre a guerra Sul-Norte, aos conflitos com os imigrantes recém chegados da Europa e à necessidade de construção do país. A paradigmática década de 60 foi um outro período em que se constatou o ardor pentecostal, especificamente nas igrejas tradicionais. No que se refere à Sapucaia, constatou-se a mesma situação. A maioria dos responsáveis pelo surgimento da modalidade dos Guerreiros de Oração relatou problemas de ordem econômica e social.

A pesquisa propôs dar introdução à etnografia de um fenômeno de proporções significativas no pentecostalismo católico presente na cidade de Sapucaia, que ainda é pouco estudado pelas ciências sociais: as experiências religiosas das vigílias de oração nos montes de um grupo de carismáticos católicos denominados Guerreiros de Oração.

Através de trabalho de campo, observação participante, interação com os nativos, relatos, revisão bibliográfica e etnografia, a pesquisa pôde considerar que as Vigílias de Oração nos Montes são uma espécie de ritual que foi reinterpretado por um grupo de carismáticos católicos que interrompem as horas do sono para realizarem orações durante a noite. A reinterpretação do ritual ocorreu por conta não apenas dos processos inerentes à modernidade, (reflexividade e individualização (SILVEIRA, 2008)), mas por processos sociais presentes na contemporaneidade que são marcados pelo deslocamento da noção de verdade para o campo da hiper-experimentação das emoções pessoais como critério de legitimidade para a experiência.

O grupo em questão, desde a década de 90, intitulou-se como os Guerreiros de Oração. Além de serem carismáticos católicos que estavam ligados às estruturas organizativas da RCC na cidade, isto é, estavam situados nos Grupos de Oração dentro das paróquias, passaram a se apresentar, no que tange à vivência da religiosidade carismática em questão, de forma diferenciada quanto à corporalidade, ou, em outras palavras, quanto à forma de se deixarem manipular pelo Sagrado.

Enquanto os carismáticos oficiais apresentavam uma performance mais amena, moderada ou, no dizer de Bastide, controlada, os Guerreiros de Oração se apresentavam de forma selvagem, intensa e exagerada.

O aspecto de se deixar manipular pelo Sagrado pôde ser observado através de bibliografia pertinente desde os primórdios do movimento pentecostal em 1901 até os dias de hoje, tendo como destaque o fato de que para os movimentos ditos selvagens, onde o deixar ser manipulado segue uma maior liberalidade, observou-se um maior número de pessoas de baixa renda, de classes sociais menos favorecidas e de capital cultural menos elevado, enquanto para os movimentos pentecostais mais moderados, constatou-se a presença das classes médias e de capital cultural mais elevado (CARRANZA, 1998).

A pesquisa pode constatar a presença de conflitos no contexto carismático de Sapucaia, os quais foram chamados de pontos de tensão. Ponto de tensão foi o nome dado à situação vivenciada no contexto carismático na cidade de Sapucaia durante o período citado, quando ocorreram tensões em função do encontro de diferentes formas de vivenciar a experiência religiosa carismática em uma mesma cidade e até dentro do grupo de oração. No intuito de evitar o controle de suas experiências subjetivas religiosas e o estranhamento com a instituição a qual pertencem (Igreja

Católica), os carismáticos Guerreiros de Oração, também chamados de desobedientes, passaram a se reunir em locais conhecidos como montes fora dos espaços sagrados instituídos de sua Paróquia. Por se dizerem tocados mais intensamente pelo Espírito Santo, ao se deixarem ser manipulados, expressavam movimentos estranhos comparados à corporalidade dos carismáticos ditos oficiais. Por isso, objetivando a ordem e a evitação de rupturas, a Igreja Católica publicou o Doc. 53 da CNBB com orientações pastorais, como uma resposta perante o pluralismo no catolicismo brasileiro, propondo acolhimento, união e negociação principalmente a movimentos como a RCC que tem forte tendência a paralelismos.

Numa espécie de fuga do controle de suas experiências, reinterpretaram o discurso tradicional da instituição a qual pertencem (no que se refere às orações no monte, às vigílias e ao Batismo no Espírito Santo) e passaram a legitimar suas práticas religiosas em critérios de verdade baseados em suas próprias experiências com o Sagrado, reivindicando para si a veracidade do discurso, da religiosidade e da fé.

Nesse sentido, a observação participante foi o método por excelência que permitiu uma melhor compreensão do fenômeno por meio dos nexos com a teoria de Victor Turner, provocando um pensar e um fazer antropológicos de maneira que se pôde aproximar à descrição dos rituais simbólicos por meio de uma etnografia.

A pesquisa compreendeu que os nativos são pessoas que se reúnem ao redor de princípios e subjetividades híbridas, isto é, tanto deles como da tradição, e, que, por estarem em situações liminares e conflitantes, característicos da contemporaneidade, deixaram de se referenciar exclusivamente a partir das normas da Igreja a qual pertencem a partir do momento em que lhes impunham maneiras de como se comportar.

Situados na liminaridade, entre a instituição e o instituinte; entre as normas da igreja e as suas próprias normas; entre o enfraquecimento do institucional e o fortalecimento do indivíduo; entre a religião e a experiência, tais pessoas passaram a se reunir nas vigílias de oração dos montes, fora do espaço da igreja, sem provocarem rupturas.

Por meio rituais performáticos simbólicos que foram reinterpretados, vêm mantendo-se há quase duas décadas nas vigílias de oração dos montes, como sujeitos reflexivos e autoconscientes, onde se readaptaram, reposicionaram-se e passaram a comunicar e a influenciar novas posturas e vocabulários em contextos religiosos maiores da própria instituição a qual estavam ligados.

Em outras palavras, os homens e as mulheres que participavam das vigílias de oração no monte, têm preocupações emocionais e intelectuais surgidas da necessidade de entenderem suas existências no mundo, como também de lidarem com questões básicas de seu cotidiano, como seus relacionamentos, seus trajetos enquanto pessoas que buscam por liberdade, autonomia e também um sentido na vida. De modo mais abrangente, buscam explicações sobre si e sobre os outros e, dessa forma, também fazem questionamentos mais amplos sobre tempo e espaço, religião e experiência individual da fé.

As vigílias de oração, como tipos de rituais simbólicos, constituem-se uma espécie de liberdade em poder experienciar o sagrado as suas maneiras, como um mundo imaginado e buscado sem impedimentos. Daí, um dos motivos para se reunirem em locais afastados, onde a privacidade espiritual também estava sendo saqueada, longe do perímetro urbano, onde não se podem constatar indícios de cerceamento. As vigílias também estavam cumprindo a função de tornar aqueles indivíduos sujeitos de suas ações à medida que se viam livres em fazer suas próprias escolhas e em vivenciar às suas maneiras o sagrado, ressignificando um sagrado domesticado, limitado e controlado, para um sagrado puro, livre ou selvagem.

A presença contínua, provavelmente inovadora, das experiências religiosas de carismáticos católicos nos montes revela de modo claro que a fé continua a ser uma força dinâmica na sociedade, ainda que reinterpretada, tendo lugar no contexto social atual pós-moderno, sendo, inclusive, parte importante da vida cultural de muitos indivíduos, especialmente na tentativa de solucionar tensões e conflitos. Porém, como toda liminaridade é temporária, os Guerreiros de Oração já dão indícios de arrefecimento.

Acredita-se que a pesquisa pôde contribuir na produção de conhecimento na área da Antropologia da Religião no interior da universidade, tanto no que se refere à aplicação da teoria na prática, quanto por meio da demonstração do universo em que se deu a própria pesquisa, no sentido de apontar para a ampliação das possibilidades para esta área, considerando as várias possibilidades de campo nas cidade mencionadas no corpo do texto (rodapés), uma vez que os movimentos pentecostais e carismáticos ainda estão em franca manifestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rogério Ferreira. **Limnaridade, organização e hiper-instituições**. ,<http://randrade.com.sapo.pt/limen2006.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

ARANHA, M. **Fundamentos teóricos da antropologia da religião**: uma abordagem em alguns textos de Otávio Velho. 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2005.

ALVES, R.A. **O enigma da religião**. 6ª ed. Campinas: Papirus. 2007.

AUGÉ, M. **Atualidade da antropologia**: o sentido dos outros. Trad. de Francisco da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARRETT, D. B. "Annual Statistical Table on Global Mission", in *International Bulletin of Missionary Research*, 21.1, 1997, pp. 24-25.

BAZÁN, F. G. **Aspectos incomuns do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2002.

BASTIDE, R. **Os problemas da vida mística**. Lisboa: Europa-América, 2006.

BELLO, A. A. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.

_____. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Bauru: Edusc, 2004.

_____. **Culturas e Religiões**: Uma leitura fenomenológica. 2. ed. Bauru: Edusc, 1998.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paukus, 1985.

BERGER, Peter A *dessecularização do mundo: uma visão global*. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 21, nº 1, p. 9-24, 2000.

BRANDÃO, C. R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Org.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CABRAL, João de Pina. A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições. In **Análises Social**, Vol. XXXIV (Primavera), n, 153, pp. 865-892. 2000.

CAMPOS, Flávio. **A escrita da história**: ensino médio. Volume único/Flávio de Campos e Renan Garcia Miranda. 1ª. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **REVISTA USP**, As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. São Paulo, n.67, p. 100-115, set/nov 2005.

CARRANZA, B. **Renovação Carismática Católica**: origens, mudanças e tendências. Aparecida do Norte: Santuário, 2000. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1998.

CHAGAS, Cipriano, OSD. **A descoberta do Espírito e suas implicações para uma transformação eclesial**: um estudo sobre a Renovação Carismática. Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 1976, p. 46-47.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1994.

CORTEN, A. **Os pobres e o Espírito Santo**: o Pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSTA, Joaquim. **Sociologia dos novos movimentos eclesiais**: Folcolares, Carismáticos e Neocatecumenatos em Braga. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

CRESPI, F. **A experiência religiosa na pós-modernidade**; tradução de Antônio Angonese. Bauru: Edusc, 1999.

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. de Jorge Wanderley. São Paulo: Paulinas, 2004. (Religião e Cultura).

DA MATTA, Roberto. Relativizando o interpretativismo. In: CORREA, Mariza; LARAIA, Roque (Org.). **Roberto Cardoso de Oliveira**: homenagem. Campinas: Unicamp, 1992.

DOLAN, Jay P. **In search of an American Catholicism**: a history of religion and culture in tension. Oxford University Press. New York, New York. 2003

DUARTE, A. A. B. G. Antropologia da performance: a liminaridade e as contradições do social. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 8., 2010, Londrina. **Anais...** Londrina: Eduel, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia_da_performance_a_liminaridade_e_as_contradicoes_do_social.pdf>. Acesso: 17 nov. 2012.

DURKHEIM, E. Representações individuais e representações coletivas. In:_____. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1970.

_____. Definição do fenômeno religioso e da religião. In: **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Aspectos do Mito**. Lisboa: 70, [199-].

_____. **O Sagrado e o Profano – A essência da Religião.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da antropologia.** Trad. De Euclides Luiz Calloni. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FEITOSA, James de Sousa. **As vigílias de oração nos montes:** por um olhar antropológico das experiências religiosas de membros da Renovação Carismática. 77f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – RRC, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

FERNANDES, Sílvia Regina. **Mudança de religião no Brasil:** desvendando sentidos e motivações. Coleção CERIS. São Paulo, Palavra & Prece Editora, 2004.

FRESTON, Paul. A Igreja Universal do reino de Deus. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios:** interpretações Sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, Vozes, 1994.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada.** São Paulo:Cia. da Letras, 2002

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; 1989.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem.** Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1978.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. **Ponto Urbe,** São Paulo: NAU/USP, ano 2, versão 3.0, jul. 2008.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado:** estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpex, 2008.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro. DP&A, 1997.

HÉRBRARD, M. **Os carismáticos.** Porto-Portugal: Editora Perpétuo Socorro. Coleção Breve. V. 3. 1992.

KUJAWSKI, G. M. **O Sagrado existe.** São Paulo: Ática, 1994.

KUPER, Adam. **Cultura:** a visão dos antropólogos. Trad. Mirtes Frange e Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: Edusc, 2002.

LABURTHER, P.; WARNIER, J. P. **Etnologia-Antropologia.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia.** Trad. de Marie-Ágnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAROUSSE dicionário de língua portuguesa. Coordenação Diego Rodrigo e Fernando Nuno. 2ª. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

LEWIS, I. M. **Êxtase religioso**: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, São Paulo, jun. 2002.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Magia, ciência e religião**. Portugal: 70, 1988.

MANSFIELD, Patti Gallagher. **Como um novo Pentecostes**: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1995

MARCONI, M. A.; PRESSOTO, Z. M. **Antropologia**: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, C.; MACHADO, M. D. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 45, p.xx-xx?, 1994.

MARQUES, Sibila. **Discriminação da terceira idade**. Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS). Lisboa. 2011.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sobre a religião**. Lisboa, Edições 70, 1976.

MASSA, Mark. **The american catholic revolution**: how the '60s changed the church forever. Oxford. University Press. 2010.

MATA, Vicente Borragán. **Como um Vendaval...** O Renovamento Carismático. Lisboa. Ed. Pneuma. 1997.

MATOS, Alderi Souza. **O MOVIMENTO PENTECOSTAL**: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Revista Fides Formata* XI, n. 2 (2006): 23-50. Mackenzie. Acesso em 01 maio 2014. http://www.mackenzie.br/movimento_pentecostal.html.

MATTOS, Carmem Lucia. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001.

MAUSS, M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____. **Sociologia e Antropologia II**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003a. p. 47 – 178.

_____. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003b. p. 183 – 194.

MOTA, Clarice Santos. **Entre a obediência e a subversão**: um estudo sobre as tensões na Renovação Carismática Católica. UFBA. Tese de 2007.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antopologia da Política, 1999.

MONLÉON, A. **Dai testemunho**: o renovamento carismático católico. Coimbra-Pt. Edições Emanuel. 1998.

NEGRÃO, L. N. Religião: Pluralismo, Percusos e Multiplicidades. In: _____. **Novas Tramas do Sagrado**: trajetórias e Multiplicidades. São Paulo: Edusp, 2009. p. 33 – 188.

O'CONNOR, Edward. D. **The Pentecostal Movement in the Catholic Church**. Notre Dame: Ave Maria Press, 1971

OLIVEIRA, ELIANE MARTINS. **Sinfonia inacabada**: segredo, imaginação e a comunidade de vida canção nova. Tese UFRRJ 2008.

OLIVEIRA, J. L. M. **Análises antropológicas do fenômeno religioso**. [2000-]. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/000/14/AnalisesAntropologicasdoFenomenoReligios.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

OLIVEIRA, S. M.; LIMA, A. S. **O mito na formação da identidade**. Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito_formacao.pdf>. Acesso em 01 fev. 2012.

ORO, A. P. O Espírito Santo e o Pentecostalismo. **Teo-comunicação**, Porto Alegre, v. 25, n.107, p. 87-101, 1995.

_____. **Avanço pentecostal e reação católica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PADEN, W. E. **Interpretando o Sagrado**: modos de conceber a religião. Trad. de Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEIRANO, Mariza. Rituais e eventos. In: _____. **O Dito e o feito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 17-40.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo**. São Paulo: 34, 2003.

PINHEIRO, L. V. R. P. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2006. Disponível em:

<<http://www.ibict.br/pbcib/include/getdoc.php?id=76&article=251&mode=pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

PRANDI, R. **Um sopro do Espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

RANAGHAN, K.; RANAGHAN, D. **Católicos Pentecostais**. São Paulo: O. S. Boyer, 1972.

REESINK, Mísia. A Antropologia, os católicos e a noção de Deus. **Religião e Sociedade**, vol. 25, n. 1, p. 11-38, 2005.

RICCI, M. **Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal**. 2006. 193 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006.

ROCHA, E. R. **O que é Mito**. São Paulo: Brasiliense. 1981. v. 5.

SANTOS, S.B.B. **Antropólogos e antropologias**: a trajetória social e acadêmica de Victor Witter Turner. Resumo de Trabalho apresentado no XIX CIC da UFPEL. 09 de nov. 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/CH/CH_01198.pdf>. Acesso em 17 nov. 2012.

SCHIAVO, L. Conceitos e interpretações da religião. In: _____. **O sagrado e as construções de mundo**. Goiânia: Universa, 2007. p. 63-77.

SILVEIRA, E. **Corpo, emoção e rito**: antropologia dos carismáticos católicos. 1. Ed. Porto Alegre: Armazém Digital: 2008.

SILVA, C. **Fenomenologia da religião: compreendendo as idéias religiosas a partir das suas manifestações**. Disponível em: <http://www.antropos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=128&Itemid=38>. Acesso em: 12 ago. 2011.

SILVA JUNIOR, R. Uma breve reflexão sobre a Antropologia da Religião. **Revista Digital de Estudos em Religião Âncora**, v. 2, jun.2007. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_2/05.pdf. Acesso em: 25 fev. 2012.

SIMMEL, Georg O problema da situação religiosa (1911). **Religião**: ensaios. v. 1/2. São Paulo, Olho d'água, 2011.

SOUZA, André Ricardo de Souza. O empreendedorismo neopentecostal no Brasil. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 13, p. 13-34, 2011.

SOUZA, André Ricardo de Souza. Igreja Católica e mercados: ambivalência entre a solidariedade e a competição. *Religião & Sociedade*, v. 27, nº1, p. 156-174, 2007.

SOUZA, André Ricardo de Souza. Sacerdotes pioneiros. In: *Os laços entre igreja, governo e economia solidária*. São Carlos, EDUFSCar, 2013.

STADTLER, Hulda. “Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade”, em *Rever – Revista Eletrônica de Estudos da Religião* (www.pucsp@rever) 2002, n. 2.

STEIL, C. A. Aparições de Nossa Senhora: tradição e atualidade. **Grande Sinal**, Aparecida do Norte, v. 49, n. 5, p. 545-555, 1995.

_____. A cultura já não é a mesma. In **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Vozes. 2009.

_____. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. **Ciências sociais e religião**, Porto Alegre. v. 3, n. 3, p. 115-129. 2001.

_____. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do grupo São José, em Porto Alegre. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 24 – 40, 2004.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. Tradução Judson Canto. São Paulo: Editora Vida, 2009.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TERRIN, A. N. **Antropologia e horizontes do sagrado: Culturas e religiões**. São Paulo: Paulus, 2004.

TURNBULL, Collin. Liminality: a synthesis of subjective and objective experience, in Richar Schechner e Willa Appel (orgs.), **By means of performance**. Cambridge, Cambridge University Press.

TURNER, V. **Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Trad. de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói: Ed. UFF. 2005.

_____. **O processo ritual**. Trad. de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas**. UFBA. s/d. P. 171-189.

VALLE, Edênio. **A Renovação Carismática Católica: algumas observações**. *Estudos avançados*. [online]. 2004, vol.18, n.52, pp. 97-107.

VELHO, O. O cativo da besta-fera. In: _____. **Besta-Fera. Recriação do mundo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. p. 13-43.

VOLCAN, Marcos Dione Ugoski. **Renovação Carismática Católica: uma leitura teológica e pastoral**. Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

WEBER, M. Sociologia da religião: tipos de relações comunitárias religiosas. In: **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. P. 279-418.

_____. A psicologia social das religiões mundiais. In: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

_____. O conceito de vocação em Lutero. In: **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WILKERSON, David. **A Cruz e o Punhal**. São Paulo. Ed. Betânia. 1983.

APÊNDICE A

As missões de José Augusto e José Roberto

Entrevista feita com dois líderes carismáticos do Grupo de Oração Imagem Celestial da Paróquia Cristo Redentor José Augusto e seu irmão Bob (José Roberto). Atualmente são missionários. Os dois líderes possuem há 25 anos uma história marcada pela fé e dentro da RCC de Sapucaia, onde são um dos pioneiros. O irmão mais velho já ocupou cargos importantes em Secretarias Públicas Municipais na Cidade. O irmão mais novo ocupou parte de sua vida como vendedor. Ambos são casados e possuem filhos. Abaixo seguem os nomes das cidades que, segundo eles, já foram visitadas em suas missões evangelísticas. José Augusto já percorreu 10 estados e o Distrito Federal, compreendendo 50 cidades no estado de São Paulo e 56 nos outros estados brasileiros, totalizando 116 municípios.

Nas palavras de José Augusto, segue com sua própria digitação:

A Paz De Jesus e o Amor de Maria. Irmão é Melhor Eu Ti Falar Os **Estados Que Eu Ja Preguei** : São Paulo, Parana, Mato Grosso, Mato Grosso Do Sul, Goias, Santa Catarina, Ceara, Baia, Minas Gerais, Brasilia (Dist. Federal).

Cidades Eu Não Sei Se Vou Lembrar Todas, Mas A Maioria:

Vera Cruz, Garça, Salmorão, Parapuã, Osvaldo Cruz, Pompéia, Oriente, Paraju, Pirajui, Ocaçu, Ribeirão Do Sul, Sta Cruz Do Rio Pardo, Marília, Ourinhos, São Pedro Doturvo, Comélia, Espirito Santo Do Turvo, Pedrinhas, Cruzalia, Assis, Candido Mota, Cafelandia, Jau, Pederneiras, Piratininga, Galia, Paraguaçu Paulista, Macatuba, Óleo, Sorocaba, Osasco, Jandira, Carapicuíba, Barueri, Campo Limpo, Guarulhos, Itu, Jacarei, Jarinu, Salto Grande, Primavera, Guariba, Zacarias, José Bonifacio, Lins, Alvaro de Carvalho, Julio Mesquita, Bastos, São Paulo , só no Estado De São Paulo, Campinas , Sta Barbara Do Oeste ,Mas Tem Outras Que Não Lembro.

No Brasil : Belo Horizonte, Ituiutaba, Rio Pardo De Minas, Contagem, Irundiaram Guanambi, Brejo Santo, Dourados, Chapadão Do Sul, 7 Quedas, Ponta Porã, Dois Irmãos Do Buriti, Campo Grande, Deodapolis, Rio Brilhante, Cuiaba, Sapezal, Alto Do Paraguai, Varzea Grande, Nova Chavantina, Agua Boa, Anapolis, Turvania, Ipora, Indiará, Cezarina, Aparecida De Goiania, Porangatu, Goiania, Toledo, Asiss, Chatobrian, Curitiba, Campo Largo, São José Dos Pinhais, Quitandinha, Panema, Ponta Grossa, Figueira, Assai, Londrina, Telemaco Borba, Ibaiti, Cornélio Procópio, Bela Vista Do Paraiso, Sertaneja, Vista Alegre, Urai, Ortigueira, Andira, Jacarézinho, Bandeirantes, Cambara, Tambaraca, Andira, Ivinhema, Novo Mundo, E

Bob (José Roberto), o irmão mais novo, percorreu 28 cidades entre os estados de Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Segue a resposta da entrevista:

Goiânia em Goiás. Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Tangará da Serra. Sapezal, Diamantino, Denise, Cuiabá, Dom Aquino, Nossa Senhora do Livramento, Dois Irmãos do Buriti, Rio Brilhante, Niiaque, Deodópolis, Fátima do Sul, Aquidauana, no Mato Grosso do Sul.

Curitiba, Londrina, Cambe, Campo Mourão, Ubatã, Cascavel, Toledo, Bandeirantes, Cornélio Procópio, Santa Izabel, Ivaí, Ibaiti, no Paraná.

APÊNDICE B

Questionário 1 para José Augusto.

1. Existiu em Sapucaia algum período de forte ardor carismático que não houve em outro tempo e nem de forma semelhante? Se sim, quando foi esse período? Quais as características desse ardor carismático?

José Augusto: DOIS MOMENTOS IRMÃO EM 1988-1990 NO INÍCIO E DEPOIS NOS TEMPOS DOS GUERREIROS NO INÍCIO ERA PORQUE TUDO ERA NOVO , O PRIMEIRO AMOR.E NOS GUERREIROS ERA FORMA DE DIFERENTE E LIBERADA DE ORAR.

2. Foi dado algum nome, marca ou identificação (termos, nomes, expressões, etc.) a esse período e que hoje é utilizado para ser lembrado?

José Augusto: na época como não conheciam as expressões e o mudo de orar. Nos chamavam de crentes ou radicais. a cumprimento era uma das marcas: a paz de Jesus e Jesus te ama. E no tempo dos guerreiros era justamente a batalha espiritual e as orações no monte.

3. Em sua opinião esse período é lembrado com que frequência?

José Augusto: irmão acredito que estes momentos distintos influencia demais até hoje, lembram com saudade, querendo que estes tempos voltassem. além disso é o que fundamenta a nossa caminhada até hoje.

4. Quais as razões humanas para o surgimento desse ardor carismático visível?

José Augusto: acredito que por uma necessidade. Deus viu um arrefecimento da fé.a igreja entrando em um campo do ativismo. os católicos mudando de igreja.e para cumprir a vontade de Deus, e a profecia de Joel.3.

5. Esse ardor era visto em todos os grupos de oração ou não? Se não, quais as razões de não ocorrerem em todos os grupos?

José Augusto: de uma certa forma sim, porque todos estavam no inicio, descobrindo essa maneira linda e particular de ser igreja. Mas depois, alguns grupos foram deixando acencia. começaram colocar algumas regras e não conseguiram manter o ardor, também por causa das perseguições dos padres. começaram surgir coordenadores que não eram carismaticos autenticos, começaram a barrar a ação do Espírito.

6. O número de pessoas que frequentava os grupos de oração naquele período era superior ou igual aos dias de hoje?

José Augusto: tinham mais participações, porque um contagiava os outros, quase todos os grupos eram lotados.grupos como São Miguel, Guadalupe, Santa Antonieta que no começo estavam lotados e agora estão vazios. Restando a São bento e São Judas, porque muitos dos outros grupos migraram para estes grupos e outros para as igreja Evangélicas.

7. A quantidade de eventos realizados naquele período era superior aos dias de hoje ou não?

José Augusto: com certeza , havia constantemente eventos em Sapucaia, com grande participação.

8. Quantos grupos de oração viveram o ardor carismático e quantos não viveram?

José Augusto: Na verdade os grupos que iniciaram com Mateus Alcântara e depois com a gente (Pedro Rafael, Bob, Juraci Reis, Tiago e Daniel) mantiveram o ardor. Mas logo surgiu uma outra linhagem da RCC, que achavam a gente exagerado, e com passar do tempo perdeu a identidade.

9. Considerando que o movimento da RCC gira em torno principalmente dos grupos de oração, como era a relação entre os vários grupos no período?

José Augusto: Naquele tempo era muito mais unido, os eventos eram engajados por todos. hoje eu vejo que cada grupo tem sua vida própria e a coordenação não consegue mais agregar todos os grupos.

10. Os grupos de oração eram iguais? Se não, que hoje quais as características dos grupos envolvidos no ardor carismático e daqueles que não estavam envolvidos?

José Augusto: no começo sim, muitos grupos oravam no monte. eram bastante fervorosos, foi quando entraram pessoas que não eram carismáticas de verdade na coordenação e começaram a mudar o jeito do grupo de ser. A característica dos grupos fervorosos é o batismo no Espírito Santo e os outros mais como grupo de louvor.

11. Qual era a situação dos Padres com os grupos de oração nesse período e, de forma inversa, qual era a situação dos grupos de oração com relação aos Padres ou à Igreja Católica?

José Augusto: então no começo como era algo diferente que a igreja não conhecia, havia muito questionamento por parte dos padres principalmente com relação à cura e dons de línguas. Hoje mais aceito, embora tenha alguns padres que não aceitam até hoje.

12. Existiram durante o período em questão problemas? Que tipo de problemas?

José Augusto: primeiro com relação ao Juraci Reis que era o coordenador do grupo da Paróquia São José, o maior e o mais fervoroso grupo na atualidade, porque era promovido pelo Juraci e começou comprar som, perua, filamadora e isto gerou ciúme dos demais. Depois com a proibição do Mateus Alcântara.

13. Em sua opinião o ardor carismático da forma como era naquele período terminou?

José Augusto: Perdeu a identidade que é o Batismo no Espírito Santo. Porque a renovação começou a colocar normas e a barrar a ação do Espírito.

14. Quais características não mais existem atualmente e que estavam presentes naquele período?

José Augusto: O que não existe mais, aquela simplicidade, porque tudo era novidade. E também porque perdeu a identidade que é o Batismo no Espírito Santo. Povo também enjoou da mesmice dos grupos.

15. Quais características ainda existem daquele período?

José Augusto: Em alguns grupos houve uma tentativa de conservar a essência como o Batismo, o fervor e a oração do monte, como é o caso do nosso Grupo na Cristo Redentor.

16. Quais características - daquele período - são tidas como não aceitas atualmente?

José Augusto: Alguns temas que acham que são polemicos, com: batalha espiritual, escatologia, demonologia, e também as campanhas de jejuns.

17. Existem características, comportamentos, práticas religiosas, etc que foram incorporadas ou aceitas pelas Paróquias/Diocese ou Coordenadorias ou não? Quais?

José Augusto: muitas formações, sem unção, e pregações formais sem graça.

18. Existiam desejos, pedidos ou reivindicações por parte dos leigos e participantes carismáticos durante aquele período? Quais?

José Augusto: Sim os remanescentes, que não aceitava o esfriamento e as proibições.

19. Você acredita que ocorreram mudanças (boas ou más) nos grupos de oração desde aquele período para os dias atuais? Quais e por quê?

José Augusto: O que mudou pra melhor foram a aceitação de alguns pregadores por parte da IGREJA, como meu caso tenho aceitação do bispo. E o pior é que estamos em apostasia e muitos abandonaram o ardor inicial.

22. Quais os conflitos mais comuns dentro da RCC?

José Augusto: Eles estão obrigando os líderes a participar de uma formação sem propósito e resultado nenhum. E a manutenção dos mesmos coordenadores, estaduais e nacionais.

APÊNDICE C

Questionário 1 para José Roberto.

1. Existiu em Sapucaia algum período de forte ardor carismático que não houve em outro tempo e nem de forma semelhante? Se sim, quando foi esse período? Quais as características desse ardor carismático?

Sim, Sapucaia foi palco do maior movimento do Espírito Santo que acredito, no Brasil e um dos maiores do mundo. Esse ardor aconteceu em nossas vidas na forma de um grupo que começou com 5 homens que se dedicaram a orar e doar as suas vidas em prol de toda uma cidade, estávamos determinados a deixar tudo, emprego, rações, dinheiro, para realizar a plena vontade de deus em favor das almas e das nossas comunidades, começamos com O movimento GUERREIROS DE ORAÇÃO, começado num retiro com o Tiago e o Daniel. O inferno tremeu nesta época, fatos sobrenaturais aconteceram o que fez com esse movimento se propagasse e incendiasse os corações de uma parte dos carismáticos de Sapucaia, o Avivamento estava chegando.

2. Foi dado algum nome, marca ou identificação (termos, nomes, expressões, etc.) a esse período e que hoje é utilizado para ser lembrado?

Sim, nós chamávamos esse tempo de : Tempos de avivamento, dos Guerreiros de Oração, seria o cumprimento da Profecia de Joel cap.3, um tempo de Grande derramamento do espírito Santo, (Chuvvas rações)..O Pentecostes Genuíno do século XX se concretizou nas nossas vidas nesta época.

3. Em sua opinião esse período é lembrado com que frequência?

É tão Relembrado que eu, como missionário nos dias atuais, vivo minha vida Espiritual baseada neste período, só consigo me sustentar nos tempos de hoje dentro desta missão por eu ter um dia vivido este avivamento, hoje a memória desperta a todo instante levando a vida dos “Guerreiros de Oração “como referência para quem quer resistir aos dias que virão.

4. Quais as razões humanas para o surgimento desse ardor carismático visível?

Uma sede muito grande de Deus, uma sede de santidade que surgia dentro de nós que nos fazia querer algo mais, entrar na intimidade com Deus, ter um profundo conhecimento da Sua Vontade, isso nos fazia mergulhar mais e mais na palavra, na Bíblia, nos livros proféticos, quanto mais mergulhávamos nesta busca, mais nós queríamos, e aqueles que se identificavam com esta nossa procura, também se unia conosco e nós formamos um grupo muito vigoroso, nossas orações se tornaram mais intensas do que era costume e partimos para algo mais concreto, que era trazer o Reino do Espírito, ou seja tornar real aquilo que era invisível aos nossos olhos, começamos um método de orar que se chamava “Batalha espiritual”... não ficar apenas pedindo, louvando, adorando...mas encarar o inimigo (espiritual) lutar contra ele . contra as forças do mal como nos ensina S. Paulo em Efésios 6,10.

5. Esse ardor era visto em todos os grupos de oração ou não? Se não, quais as razões de não ocorrerem em todos os grupos?

Não, há acontecia nos grupos, na verdade as pessoas não entendiam muito bem o nosso método de orar e de viver, por isso fomos perseguidos, caluniados, chamados de loucos, fanáticos, etc....mas no Nosso meio tinha pessoas de muitos grupos que se juntavam a nós, independente da compreensão e aceitação dos coordenadores, alguns membros de grupos da R.C.C. se juntaram a nós o que fez com nosso movimento se tornasse muito forte.

6. O número de pessoas que participava nos grupos de oração naquele período era superior ou igual aos dias de hoje?

Infelizmente, era infinitamente superior, realmente o avivamento acontecia, porque nós não orávamos pelo avivamento dos guerreiros de Oração, nem por movimento, nem por uma religião...orávamos pelo avivamento de nossa cidade, de nossa nação, nós orávamos pelo mapa da cidade, expulsávamos e repreendíamos o reino das trevas, fechávamos os muros da cidade, com cercos de oração, a partir daí surgiram os cercos de jericó que hoje existem em todo Brasil, com isso a cidade brilhou, se tornou amada aos olhos de Deus, as vigílias e orações, retiros eram constantes...com isso os grupos cresciam, as pessoas procuravam as igrejas, era um tempo de graça generalizada.. este tempo eu chamo de .."O tempo que a Graça chegou...ela permaneceu por um tempo...continua hj não mais de forma generalizada, mas na vida de alguns que resistiram...mas hoje é como se víssemos o tempo da Graça indo embora...estamos vendo este tempo pelas costas...

7. A quantidade de eventos realizados naquele período era superior aos dias de hoje ou não?

Sim, hoje praticamente estão extintos encontros como aqueles, principalmente a RCC , se preocupam muito com uma formação baseada mais em regras humanas do que na Palavra de Deus, parece que esqueceram que existe um Deus que está acima de tudo e de todos..pensam apenas em como ser equilibrados, em não escandalizar, em não fazer isso ou aquilo... com isso houve um grande esvaziamento e falência dos grupos de oração.

8. Quantos grupos de oração viveram o ardor carismático e quantos não viveram?

Em Sapucaia, num total de 50 grupos, podemos dizer que apenas 20 por cento, e ainda há na totalidade geral destes grupos.

9. Considerando que o movimento da RCC gira em torno principalmente dos grupos de oração, como era a relação entre os vários grupos no período?

Como é hoje , e como sempre foi no decorrer da história, sempre houve uma grande divisão, havia duas linhagens , e ainda hoje acontece isso. De um lado aqueles que querem pagar um preço, que pregam a verdade, que procuram viver a santidade e de outro, aqueles que servem a dois senhores, ou que se servem a si mesmos, vivem um evangelho meia medida, gostam de criticar os outros, mas não colocam a mão na massa...permanecem no mesmo estágio de 30 anos atrás.

10. Os grupos de oração eram iguais? Se não, quais as características dos grupos envolvidos no ardor carismático e daqueles que não estavam envolvidos?

Não. Os grupos não eram e não são iguais, as características são os frutos...nos grupos onde havia e onde ainda há o avivamento, aconteciam curas, milagres, prodígios, vidas transformadas, pessoas renovadas, isso gerava um grande volume de gente em todas as reuniões, o que não acontecia onde não houve avivamento.

11. Qual era a situação dos Padres com os grupos de oração nesse período e, de forma inversa, qual era a situação dos grupos de oração com relação aos Padres ou à Igreja Católica?

Os grupos de oração sempre respeitaram os padres de uma forma geral, sempre

procurando viver em harmonia e obediência, sempre contamos com o apoio de alguns padres, não de todos, claro, mas havia os que nos apoiavam e ainda nos dirigia espiritualmente.

12. Existiram durante o período em questão problemas? Que tipo de problemas?

Os problemas surgiam como há comentei acima devido a não aceitação e compreensão de alguns coordenadores,

13. Em sua opinião o ardor carismático da forma como era naquele período terminou? Por quê?

Sim, acredito que foi um tempo que passou, como a Bíblia diz em Eclesiastes 3, há um tempo para cada coisa, Deus nos agraciou com este tempo maravilhoso, hoje em dia encontro alguns irmãos que me dizem: Precisamos voltar ao tempo dos guerreiros, aquele tempo sim que era bom, mas eu sempre digo: Nunca mais vamos viver aquele tempo de novo, aquilo tudo que vimos, ouvimos, aprendemos e vivemos foi uma graça de deus em nossa vida, quem viveu, viveu, quem não viveu nunca saberá como foi, só quem estava lá, dentro daqueles retiros poderosos, dentro das manifestações sobrenaturais de Deus, Hoje o tempo é outro, há uma nova unção, Deus ainda está agindo, mas precisamos sempre nos situar dentro do tempo e da vontade de Deus.

14. Quais características não mais existem atualmente e que estavam presentes naquele período?

A Busca constante no estudo da Palavra, as Orações com alvos específicos, os jejuns comunitários, as campanhas de oração,. As vigílias nos montes...ainda existem mas muito escassas..

15. Quais características ainda existem daquele período?

Batalha espiritual, Adoração (aprendemos muito naquela época, como ser verdadeiros adoradores, orar pelos que não oram, chorar pelos que não choram, etc) vigílias (ainda que com menos frequência)

16. Quais características – daquele período – são tidas como não aceitas atualmente?

A Forma de orar em Línguas, a Forma de orar de maneira geral, a batalha espiritual, e também a forma de pregar (Característica dos guerreiros de oração) que é a forma Profética e ousada.

17. Existem características, comportamentos, práticas religiosas, etc que foram incorporadas ou aceitas pelas Paróquias/Diocese ou Coordenadorias ou não? Quais?

Sim, hoje se falam mais em Batalha espiritual, como quebra de maldições, Renúncias, exorcismos , etc., houve um tempo que era proibido falar do diabo, razões que usar termos como: encardido, inimigo, etc porque muitas vezes chegavam a questionar se o mal existia ou não...hoje pelo menos o diabo foi aceito

18. O que você tem a dizer sobre o Documento 53 da CNBB para a RCC?

Achei muito importante os Bispos do Brasil passarem orientações pastorais a RCC,

tratando a renovação como o Movimento que trabalha sob a orientação do espírito santo, os Bispos deram uma grande abertura a um relacionamento amigável entre a RCC e a Igreja.

19. Esse documento teve que papel no caso de Sapucaia durante o período do ardor carismático?

A RCC teve uma maior aceitação, sendo tratada pelos Bispos como a porta do Espírito Santo para a Igreja. Nós nos sentíamos livres e desimpedidos para clamar, para orar para seguir em frente com nossos sonhos e objetivos.

20. Existiam desejos, pedidos ou reivindicações por parte dos leigos e participantes carismáticos durante aquele período? Quais?

Nosso grande desejo era que Sapucaia se tornasse a Jerusalém atual, a cidade do Senhor Jesus, queríamos a conversão dos homens, que fosse gerado o amor e o arrependimento no coração das pessoas, queríamos colher muitos frutos, cem por um, como resultado do nosso trabalho...da nossa fé,,,queríamos que Sapucaia se tornasse referência e conhecida em todo País, em parte muito disso se cumpriu, Sapucaia se tornou um celeiro de profetas, músicos, pregadores, intercessores que levaram o nome de nossa cidade a todo o país e em muitos países do mundo.

21. Você acredita que ocorreram mudanças (boas ou más) nos grupos de oração desde aquele período para os dias atuais? Quais e por quê?

Houve mudanças sim porque o fogo nunca se extinguiu, ficara focos de chamas que se espalharam, razão em todos os lugares há uma sementinha dos guerreiros de oração, mesmo que tenha havido o esvaziamento dos grupos, mesmo com o tempo da apostasia, sempre há uma coluna , alguém que sustenta a fé pelas razões, pelos jejuns, pelo desejo da santidade...fruto deste tempo maravilhoso, é isso que hoje com muita luta, eu tenho tentado levar a cada coração por este imenso Brasil.

22. Quais os conflitos mais comuns dentro da RCC?

Os mesmos de sempre...querem fazer muito a vontade do homem, e pouco a de Deus.

APÊNDICE D

Questionário 2 para José Augusto

1- Sua idade.

55 ANOS

2- Sua profissão – ou atividade – e se é registrado.

ESTOU ME APOSENTANDO, POR ENQUANTO SÓ NA MISSÃO

3- Sua cidade de nascimento e sua Escolaridade.

SAPUCAIA ; SEGUNDO GRAU COMPLETO

4- É casado? 2ª União? Possui filhos. Quantos?

CASADO ; DUAS FILHAS

5- Quando teve sua experiência de Deus na RCC. Brevemente, como foi?

EM 1988. SEGUNDA EXPERIENCIA DE ORAÇÃO EM SAPUCAIA, COM O PREGADOR MATEUS ALCANTARA

6- Acredita que a RCC em Sapucaia é diferente de outras cidades? Por que?

EM PARTE SIM EMBORA TENHA DUAS LINHAGENS DE RCC EM SAPUCAIA. A DIFERENÇA É QUE VOCÊ NÃO VE MAIS PESSOAS JEJUANDO, INDO NO MONTE, É PREGANDO ALGUNS TEMAS QUE NÓS AINDA PREGAMOS

7- Quando começou o G.Oração na Paróquia Cristo Redentor?

QUANDO EU FUI PRA CRISTO REDENTOR, JA HAVIA GRUPO DE ORAÇÃO PENSO QUE SEJA PARTIR DE 1989

8- Quantas pessoas vão ao Grupo de Intercessão?

ENTRE 60 E 70

9- Já houve algum tempo em que tiveram mais pessoas no Grupo de Oração e intercessão? Por quê?

ACREDITO QUE O GRUPO DE ORAÇÃO MANTEM, A IGREJA ESTÁ CHEIA. A INTERCESSÃO DIMINUIU UM POUCO , ACREDITO PELAS EXIGENCIAS DE COMO DEVE SER UM SERVO, NÃO TER VICIO, JEJUM, VIDA DE ORAÇÃO, ETC

10- Quantas são as pessoas que estão com você desde o início, no Grupo de Intercessão e no Grupo de Oração?

DE NOME É MAIS FACIL DA INTERCESSÃO: KELLÉ, LENA VALU, MARIA HELENA, NEUZA, ANGELA, VALDECIR, SALETE, DONA DOMINGAS, NILSON, ELZA MOREIRA, SONIA, CELIA RICCI, APARECIDA FERREIRA, JOSÉ AUGUSTO, JOSÉ AMANCIO. NO GRUPO TEM ALGUNS NÃO LEMBRO OS NOMES

11- Quais as razões para a realização das orações nos Montes?

A BUSCA PELO SOBRENATURAL, A LIBERDADE ESPIRITUAL, O CONTATO COM A NATUREZA

12- Que acontecimentos sobrenaturais já presenciou nas orações nos montes?

A SARÇA , SINAIS NO CÉU, DUAS VEZES QUE VIMOS NOSSA SENHORA, UMA VEZ QUE FIQUEI 28 HORAS NO MONTE, ESTAVAMOS EM JEJUM DE PÃO E

AGUA, E DURANTE A NOITE ACABOU O PÃO, NO OUTRO DIA FOMOS ORAR EMBAIXO DE UMA ARVORE E TINNHA UM PÃO SOVADO EM CIMA DE UMA PEDRA.

13- Poderia dizer como se deu o início das orações nos montes na cidade?
FOI LOGO NO COMEÇO DA RENOVAÇÃO EM SAPUCAIA, 24 ANOS ATRAS

14- Já participou de orações com Evangélicos em montes?
SIM UMAS DUAS VEZES, UMA VEZ NO MONTE DO PÃO SAGRADO, OUTRA VEZ AQUI PERTO DOS EUCALIPITOS

15- Já viu evangélicos ao mesmo tempo orando no mesmo monte com vocês? Em que monte?
AQUI É COMUM A GENTE ENCONTRAR AO MESMO TEMPO ATÉ DOIS GRUPOS DE EVANGÉLICOS DE IGREJA DIFERENTE, AQUI PERTO DOS EUCALIPITOS

16- Se você pudesse brevemente escrever uma pequena história da RCC em sua cidade, diria o que?
INTERVENÇÃO DE DEUS FRENTE A APOSTASIA, UM SOPRO DIVINO ONDE TIVEMOS EXPERIENCIAS PROFUNDAS COM DEUS, APARTIR DO BATISMO NO ESPIRITO SANTO. MILHARES DE CONVERSÕES E UM GRANDE AVIVAMENTO DA IGREJA

17- Tem relações, contato ou convívio com pessoas de outras denominações. Quais denominações?
NÃO

18- Aqui é um espaço para você colocar o que quiser (testemunhos, complementar algo, etc.)
TEM MUITAS PESSOAS QUE CRITICAM A ORAÇÃO NO MONTE, DIZENDO PORQUE NÃO ORA NA IGREJA. LUGAR SUJO, TEM MEDO DE COBRAS, ESCURO. SE ESTAS PESSOAS SOUBESSEM COMO É MARAVILHOSO ORAR NA LIBERDADE SEM SE INCOMODAR COM OU PESSOAS, VIZINHOS OU PADRES CERTAMENTE IRIAM BUSCAR O SOBRENATURAL.

APÊNDICE E

Testemunho de José Roberto

Entrevista feita com José Roberto sobre sua vida, a história da RCC em Sapucaia, e sobre as práticas religiosas nos montes.

Meu nome é José Roberto, tenho 45 anos, Sou Missionário leigo da Igreja católica Apostólica Romana, não tenho ligação com nenhum movimento, mas faço parte de uma equipe de evangelização "Missão Shekináh" temos como nosso diretor espiritual o Padre Benedito Francisco, da cidade de 2 irmãos do Buriti-MS, onde pregamos retiros e congressos em todo o Estado do Mato grosso do Sul e por todo o País e alguns Países da América do sul.

Não possuo nenhuma remuneração fixa, mas dependemos financeiramente da venda de nossos produtos e materiais de evangelização, como os nossos CDS de pregações e músicas.

Sou casado, segunda união... Tenho 2 filhos deste casamento e 1 filho da união anterior.

Minha primeira experiência com Jesus foi em 1990, Foi impactante, não imaginava encontrar um Deus tão vivo, tão presente, Tão amoroso e tão próximo de mim...foi Maravilhoso.

Em Sapucaia a Rcc teve uma grande participação na igreja, este movimento gerou uma fé expectante e houve uma grande transformação na vida de muitas pessoas, inclusive de pessoas que já eram de dentro da igreja ...de outros movimentos e pastorais, houve uma entrega e dedicação muito grande dos membros e o compromisso com a Palavra de Deus de vive-La e coloca-la em pratica unida as constantes vigílias e procura pela vida de oração e vivencia em comunidade , tornou a RCC uma referência, os Grupos cresceram, por causa da grande alegria dos louvores, das curas e milagres vivenciados por todos nós e pelos constantes retiros que atraíam novos adeptos do movimento. Sapucaia se destacou no Brasil por causa do Grande crescimento do movimento, mas também por causa dos frutos. Muitos padres, freiras, irmãs religiosas, Pregadores e ministérios de músicas hoje são conhecidos até mundialmente, todos frutos da RCC de Sapucaia.

O Grupo de Imagem Celestial da Paróquia Cristo Redentor nasceu por volta de 1991...começamos com um pequeno número de pessoas oriundas de um outro grupo, da sagrada família e hoje se tornou o maior grupo da Diocese de Sapucaia, com a participação media de 600 pessoas por grupo.

O Grupo de intercessão da são Judas possui cerca de 80 servos.

Houve um tempo, numa época de grande avivamento , época em que houve um crescimento generalizado da RCC , este grupo de oração chegou a contra com cerca de ate 1.000 pessoas. Com cerca de 130 intercessores.

Hoje caminham comigo, desde o inicio cerca de 30 pessoas, Fiéis que permaneceram desde o inicio.

O Maior motivo por irmos aos montes orar e' principalmente a liberdade espiritual, No Monte nos podemos extravasar, podemos gritar e pular , alem disso ali nos sentimos mais pertos de Deus por estarmos nos retirando, saindo dos holofotes pra ir num lugar ermo, como Jesus e os profetas faziam. Ali realmente sentimos o poder de Deus acontecer, sentimos a força presente do Espírito Santo.

Nestas orações acontecem o sobrenatural de Deus, dons de oração em línguas, profecias(Deus falando através de alguém) aparições de anjos, luzes e efeitos que percebemos não ser naturais, pessoas que chegam a perder os sentidos e só voltar no dia seguinte, e narram lugares celestes visitados por eles, etc.

N'os começamos a orar nos montes depois de um Retiro que fizemos com o Tiago e o Daniel, que eram filhos na fé do Padre Benedito. Eles narravam suas experiências

e então começamos e nunca mais paramos, hoje semanalmente acontecem estas vigílias nos montes, não somente pelo nosso grupo, mas também por outros grupos de oração.

Já tive o privilégio de participar com evangélicos e até pastores em vigílias nos montes, foram experiências incríveis, muitas vezes chegamos numa mesma noite, num mesmo monte e houve vigílias de católicos e evangélicos.

Eu acredito que o verdadeiro cristão não tem divisas nem limites, por isso acho louvável a união de católicos e evangélicos em torno de um mesmo ideal, sem brigas e discussões a respeito de costumes e dogmas, mas se respeitando e servindo a Deus e ao próximo com amor. Hoje eu tenho contatos e troco experiências com irmãos de outras denominações, tais como: assembléia de Deus (já preguei na Assembléia de Sapucaia , em SP e Minas Gerais, e já me uni numa vigília com os jovens assembleianos de santa Bárbara de tuguário, MG , Congregação crista, batista , Presbiteriana e outras pentecostais.

O que eu mais acredito, 'e que por sermos um espírito e morarmos num corpo carnal que tem um prazo de validade, mas o Espírito permanecera eternamente, então não podemos viver apenas uma vida regada a prazeres e riquezas temporais.

Precisamos também cuidar de nossa alma, e acreditar em Deus, e ter Jesus no coração e' essencial para a nossa sobrevivência, felicidade, realização e paz interior.

Eu perdi meus pais muito cedo, com 12 anos de idade, meus pais não tinham religião, minha família não tinha uma base religiosa, isto me fez falta. Crescer sem meus pais e sem uma estrutura espiritual me tornou indefeso num mundo violento e material. Me envolvi muito cedo com a prostituição, drogas, tráfico, crimes....minha busca por algo concreto durou anos, perdi amigos na adolescência, convivi no meio da violência, cheguei aos 20 anos de idade doente, sem documentos e morando nas ruas da cidade de São Paulo..com 21 anos acabei sendo preso e dentro da cadeia então eu pude refletir e percebi que minha vida tinha passado e eu não tinha nada e me sentia ninguém, foi quando eu resolvi buscar a ajuda de Deus, rapidamente obtive a resposta e sou hoje uma testemunha viva de que Deus existe pois eu o conheci e o Experimentei.

APÊNDICE F

Questionário Pregador de Goiânia enviado para o Pregador Carismático da cidade de Goiânia, W.C, 37, que, juntamente com outras pessoas, também freqüentam com regularidade os montes de oração. W.C. passou a ir aos montes com alguns amigos após intervenção do Pregador Missionário José Augusto quando passou a relatar tais práticas religiosas realizadas em Sapucaia.

1. Sua idade.

37

2. Sua profissão – ou atividade – e se é registrado.

Autônomo. Fábrica de camisetas cristãs.

3. Sua cidade de nascimento.

Natural de São Luiz de Montes Belos – Estado de Goiás.

4. É casado? 2ª União? Possui filhos. Quantos?

É casado desde 1998 e tem 4 filhos.

5. Quando teve sua experiência de Deus na RCC. Brevemente, como foi?

Minha experiência foi no dia 03 de maio de 2008 em casa quando de uma discussão com minha esposa. Tive a experiência real com o Senhor e daí em diante comecei a participar da RCC.

6. Possui relações boas com a Estrutura ou a Organização da RCC Nacional e de sua cidade?

Da minha cidade de Aparecida de Goiânia, boa relação, mas de Goiânia e do Brasil, não tenho quase nenhum contato.

7. Há divergências com a RCC Nacional e em sua cidade? Se há, quais as divergências? Quantas pessoas vão ao Grupo de Intercessão?

Não vejo divergências, embora não me aprofundei muito em estudar esta relação, embora Goiás é muito bem conceituado na Liderança Nacional.

8. O que pensa da RCC nos dias de hoje?

Penso que a RCC já foi mais avivada, mesmo antes. Lá em 1997 já participava esporadicamente de alguns eventos e era muito mais intensa e perseverante. Veja muita gente querendo assumir o lugar de Cristo nas lideranças... ao contrário de João 3,30.

9. Em sua opinião a RCC em sua cidade já passou por algum Ardor Carismático ou Período de Avivamento nos últimos anos? Quando foi esse período?

Há muitos anos atrás teve um avivamento, hoje estamos na apostasia e vejo as lideranças olhando tudo de braços cruzados, grupos de oração cada vez mais vazios...etc

10. O grupo de oração que participa apresenta alguma característica especial ou diferente da maioria dos outros grupos da RCC ou não?

A única diferença que vejo é que estamos tentando viver um avivamento em

meio a apostasia.

11. O que a RCC e os Sacerdotes falam sobre as orações nos Montes?

Muitos apóiam, outros ficam neutros e uma minoria não acha que seja necessário.(dizem que orar em frente ao sacrário é mais proveitoso)

12. Já presenciou algum caso de divergência entre Grupos de Oração, Lideranças, Clero, etc.? Poderia citar algum (s)?

Diferenças entre pastorais das comunidades que não conseguem "engolir a RCC", alguns sacerdotes que são totalmente avessos a maneira da rcc de buscar o senhor.

13. Quais as razões para a realização das orações nos Montes?

Busca por um "algo" a mais uma maior intimidade com Deus, assim como Jesus fazia e é o lugar onde realmente nos entregamos e interagimos mais ao meio onde deus se faz presente .

14. Que acontecimentos sobrenaturais já presenciou nas orações nos montes?

Circulo de fogo sobre os que oravam, sinais no céu como luzes caindo, mover das folhas nas árvores.

15. Poderia dizer como se deu o início das orações nos montes na cidade?

Se deu com a troca de experiência com o José Augusto e dai eu e um irmão decidimos ir só nos dois para podermos entender esta grande graça.

16. As orações são em montes, clareiras ou descampados?

Em cima do monte em geral a noite.

17. Já participou de orações com Evangélicos em montes?

Não nunca participei embora as vezes ouço eles também orando no monte próximo de onde estamos tipo as uns 100 metros

18. Qual a relação de seu Grupo de Oração com os Evangélicos?

Uma relação mito fria e distante, embora a rcc se aproxima um pouco da maneira de orar, clamar, cantar, meditar a palavra, pregar... Mais as diferenças como os santos, Maria, eucaristia ainda nos afastam...

19. Se você pudesse brevemente escrever uma pequena história da RCC em sua cidade, diria o que?

A rcc de minha cidade é boa, porém estamos passando por um momento de grande esfriamento, ela tem uma espinha dorsal boa, porem está muito na inércia de paralisia de avivamento. Pouca oração, interseção, e pouca gente pagando o preço.

20. Conhece o José Augusto ou José Roberto e há quanto tempo?

Conheço o José Augusto a 4 anos e o Bob a 2 anos, embora meu relacionamento com o Augusto é muito maior. Meu paizão na fé.

21. Qual a importância dos Retiros ou Eventos com o Pregador Augusto para a

cidade ou para a RCC em sua opinião?

Sempre digo e penso o seguinte sobre o José Augusto. É um homem coluna de deus e

na rcc ele incomoda pois o mesmo vive um avivamento, prega em cima da palavra, não omite a verdade, porém a maioria agrada com o estilo, mas tem aqueles da rcc que estão em um nível de entrega menor se sentem incomodados e passam a fazer uma oposição a maneira de mostrar Jesus cristo que o José Augusto tem. Mas vejo que a rcc ainda caminha devido a servos assim.

Sempre digo nos temos que "rasgar as vestes e arrebentar cerca de arame farpado pela causa de cristo".

22. Tem relações, contato ou convívio com pessoas de outras denominações.

Quais denominações?

Tenho algumas relações profissionais (fabrico camisetas para alguns retiros deles). Tenho um avô muito protestante e em geral tenho uma boa convivência com eles no pouco que convivo com os mesmos.

23. Você conhece o documento 53 da CNBB que fala sobre normas para a RCC do Brasil? Se conhece, o que pensa sobre ele?

Irmão, não conheço vou me interar sobre o assunto.

24. Aqui é um espaço para você colocar o que quiser (testemunhos, complementar algo, etc.)

Muito obrigado espero ter contribuído de alguma maneira. Dúvidas me fale. Deus abençoe.

Vigília no Monte com Líder do Grupo de Oração do S.M.

Aqui o relato pessoal da S. 37 anos, noiva e líder (ou serva) de um dos Grupos de Oração na cidade e local onde vários “servos” costumavam freqüentar os montes em Sapucaia. O Grupo de Oração, realizado na casa de uma viúva e que levava o nome do marido (Grupo do Seu M.), já foi local para dezenas e até centenas de pessoas. Após a morte do Sr. M. e o esfriamento geral presenciado na RCC em Sapucaia, o grupo foi diminuindo até chegar ao fim no ano de 2013.

Testemunho da manifestação de Deus no Monte.

Eu, S. venho por meio deste relato testemunhar a manifestação da presença real do Senhor no meio de nós quando estamos orando no monte. Certo dia, numa noite de terça-feira, eu e mais quatro irmãos de igreja resolvemos ir orar no monte. Fomos para um monte perto da cidade de Lácio. Chegando lá, começamos a orar, nos consagramos a Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo e começamos a orar pedindo que Deus enviasse o Espírito Santo. Que derramasse a Unção de Deus sobre nós.

Nossa! A presença de Deus foi tão real naquele lugar que em certo momento da oração, uma irmã recebeu bolinha de fogo, que ninguém conseguia ficar com elas nas mãos por muito tempo. Teve uma irmã que a segura-la ficou com a mão inteira gloriosa e brilhante. Por fim, decidimos orar uns pelos outros impondo as mãos dobre a pessoa. Chamamos o irmãozinho que estava conosco para ser o primeiro a recebe oração. Assim que ele ajoelhou, nós quatro colocamos as mãos nele. Uma na cabeça, outra no coração e outra nos rins, que é o lugar onde biblicamente se diz ficar a unção de Deus.

Oramos pedindo o batismo do Espírito Santo. Pedindo que Deus viesse com poder sobre a vida dele concedendo o repouso no Espírito. E para nossa surpresa ele que era um homem que nunca repousava no Espírito, repousou. E para maior surpresa ainda, Deus em seu infinito e misericordioso amor se manifestou a nós na pessoa desse rapaz que foi se transfigurando em Jesus. Ele começou a ficar com o corpo todo glorioso, claro, resplandecente. Seu corpo começou a levantar do chão numa altura de um palmo do chão. Seu rosto começou a nascer barba, os cabelos cresceram, os olhos se abriram e um sorriso largo nos lábios.

O rapaz se transfigurou no próprio Cristo em pessoa. Todo o lugar ficou tomado da presença real de Jesus, pois o próprio Jesus se fazia presente naquele monte. Nós quatro que estávamos orando por ele entramos em êxtase total.

Ficamos tomadas do temor de Deus. Nunca tínhamos presenciado tamanha manifestação divina. Duas de nós não conseguiam encara-lo e duas de nós não conseguiam tirar os olhos dele. Nós presenciamos cada fio de cabelo e barba que ia nascendo e se formando no rosto do Cristo.

O corpo inteiro cheio da glória de Deus, uma veste tão clara que ofuscava os olhos, o corpo começou a subir e nós começamos a chorar e pedir a Deus que não o levasse e nos trouxesse o rapaz de volta; Intensificamos nossa oração e aos poucos ele foi descendo e voltando ao chão. O brilho foi sumindo. No rosto a barba e o cabelo foi voltando ao normal e ele foi acordando. Quando ele voltou ao normal, viu todas nós em prantos e assustadas com tamanha glória que presenciamos.

Então, ele perguntou o que tinha acontecido e nós não tínhamos forças e nem coragem de contar para ele o que tinha acontecido. Nós ficamos dias e dias em estado de graça que mal conseguíamos comer e dormir direito.

Então, passados os dias, o Senhor mostrou na Bíblia o que aconteceu naquele lugar. Foi o mesmo que aconteceu no monte Tabor, o monte da Transfiguração (Lc. 9,28-29; Mt. 17,1-3; Mc. 9,2-4). Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e subiu no monte para orar. Enquanto orava, transformando-se o seu rosto e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura. Lucas 9,28-29.

Entrevista com C.P. de Doutrados-MS

Entrevista com C.P., 56, Líder e Cantor carismático de Doutrados-MS. Cidade também visitada por José Augusto e onde também se realizam Vigílias de Oração nos Montes.

1. Sua idade.

56 ANOS

2. Sua profissão – ou atividade – e se é registrado.

FUNCIARIO PUBLICO , CONTRATADO

3. Sua cidade de nascimento. Escolaridade.

DOURADOS-MS. 5ªSERIE ENSINO FUNDAMENTAL

4 - É casado? 2ª União? Possui filhos. Quantos?

SIM. SIM. 02.

5- Quando teve sua experiência de Deus na RCC. Brevemente, como foi?

ABRIL DE 1990. FOI UMA EXPERIENCIA MARAVILHOSA, E APARTIR DESTE DIA PASSEI A TER UMA VIDA NOVA EM CRISTO.

6- Possui relações boas com a Estrutura ou a Organização da RCC Nacional e de sua cidade?

NAO

7- Há divergências com a RCC Nacional e em sua cidade? Se há, quais as divergências? Quantas pessoas vão ao Grupo de Intercessão?

SIM. NOS NAO SOMOS MAIS LIGADOS A RCC, SOMOS LIGADOS A DIOCESE E TUDO Q FAZEMOS É COM O CONSENTIMENTO DO BISPO

8- O que pensa da RCC nos dias de hoje?

PRECISA SER RENOVADA, TER UM NOVO REAVIVAMENTO

9 - Em sua opinião a RCC em sua cidade já passou por algum Ardor Carismático ou Período de Avivamento nos últimos anos? Quando foi esse período?

NAO. SO NO COMEÇO Q TEVE AVIVAMENTO

10- O grupo de oração que participa apresenta alguma característica especial ou diferente da maioria dos outros grupos da RCC ou não?

SIM

11- O que a RCC e os Sacerdotes falam sobre as orações nos Montes?

ELES NAO ACHAM CERTO

12- Já presenciou algum caso de divergência entre Grupos de Oração, Lideranças, Clero, etc.? Poderia citar algum (s)?

NAO. JA TEVE, MAS NUNCA PRESENCIEI.

13- Quais as razões para a realização das orações nos Montes?

A TER MAIS INTIMIDADE COM DEUS , E MAIS LIBERDADE DE EXPRESSAO NO AMOR DE DEUS

14- Que acontecimentos sobrenaturais já presenciou nas orações nos montes?

MANIFESTAÇÃO DE DEUS NAS FOLHAS DO CHAO E NAS ARVORES E UM VENTO IMPETUOSO

15- Poderia dizer como se deu o início das orações nos montes na cidade?

ATRAVES DE UM RETIRO DE BATALHA ESPIRITUAL

16- As orações são em montes, clareiras ou descampados?

NA MATA

17- Já participou de orações com Evangélicos em montes?

NÃO

18- Qual a relação de seu Grupo de Oração com os Evangélicos?

NENHUM

19- Se você pudesse brevemente escrever uma pequena história da RCC em sua cidade, diria o que?

Q A RCC PAROU NO TEMPO

20- Conhece o José Augusto, José Roberto e Pedro Rafael há quanto tempo?

SIM. + OU - 20 ANOS

21- Qual a importância dos Retiros ou Eventos com o Pregador José Augusto para a cidade ou para a RCC na sua opinião?

PARA A RCC NENHUMA IMPORTANCIA, MAS PARA A NOSSA COMUNIDADE E DE EXTREMA IMPORTANCIA

22- Tem relações, contato ou convívio com pessoas de outras denominações. Quais denominações?

NAO

23- Você conhece o documento 53 da CNBB que fala sobre normas para a RCC do Brasil? Se conhece, o que pensa sobre ele?

CONHEÇO

O crucifixo que jorrou sangue

O texto e as imagens abaixo tratam-se de um episódio do aparecimento de “sangue no crucifixo” ocorrido num Grupo de Oração relativamente pequeno e desconhecido na cidade de Sapucaia. Quem relata é a própria coordenadora do grupo, que vivenciou e registrou o fenômeno por meio de imagens fotográficas. O objetivo do relato é apresentar as relações tensas – geradoras de pontos de tensão – provenientes entre fenômenos “sobrenaturais” e práticas religiosas que ocorrem em alguns grupos da RCC de Sapucaia que saíram dos Guerreiros de Oração. As tensões ocorreram com a própria Coordenação do movimento na cidade ou com o clero católico na pessoa do Sacerdote ou Pároco. O grupo adequou-se à RCC oficial e não houve o surgimento de espiritualidades liminares ou de fuga do controle de suas experiências, mas um ajustamento às normas.

Em uma de nossas intercessões de sexta-feira, exatamente no dia 16 de junho de 2012, a palavra revelada pelo servo Samuel foi: Marcos Capítulo 6, versículos 53 ao 55, onde fala que começaram a levar em leitos os que padeciam de algum mal. No versículo 56 fala também que onde Jesus entrasse, fosse às aldeias, povoados ou nas cidades, punham os enfermos nas ruas e pediam-lhe que se ao menos o tocassem na orla de suas vestes, todos que tocavam em Jesus ficavam sãos e curados, foi então que Jesus falou em nossos corações que ele queria estar no meio do povo, curando libertando, ou seja, Ele queria estar onde o povo estivesse precisando d'Ele.

Nosso grupo de oração Divina Misericórdia é realizado em uma creche, todas as Segundas-feiras às 20h, onde também se realiza as reuniões da Legião de Maria nas quartas-feiras. Lá nós temos como nossos baluartes uma Cruz com a imagem do Cristo crucificado, a imagem de Nossa Senhora Aparecida e o quadro de Jesus Misericordioso.

No dia 20 de junho de 2012, uma Quarta-feira, fui convidada a fazer uma pregação no grupo de oração Maria Mãe da Igreja, mais conhecido como grupo do Irmão Mário. Eu estava preparando a pregação e quando já estava quase concluída, o Senhor falou em meu coração, que queria estar no meio do povo naquela noite, então me recordando da revelação do dia 16, pedi aos músicos Paulinho e André para passar no salão da creche e pagar o Cristo na Cruz que eu iria fazer uma dinâmica com a cruz e também um momento de oração. O Evangelho revelado para esse dia era João 17, 6 e seguintes, onde fala que Jesus roga pelos discípulo. E quando os meninos passaram para pegar a Cruz, estava acontecendo a Legião de

Maria, a serva Neuza olhou para Jesus e disse: “Nossa Jesus está diferente, está tão lindo hoje”.

Os meninos levaram Jesus, e chegando lá no Grupo de Oração Maria Mãe estavam rezando o terço, eu peguei a Cruz e coloquei em cima da arca dos pedidos de oração, depois fui conduzir a Oração inicial e o louvor. Comecei a pregação do evangelho de João da passagem citada acima. Então após a proclamação da palavra eu conduzia a oração onde Jesus pedia profecias de cura e libertação, pedi um minuto de silêncio e dizia: Profetiza, profetiza, pedi aos músicos que parassem de tocar, pois Jesus queria falar, após o silêncio não houve profecias, então pedi a Ministra de Eucaristia Simone, para pegar a Cruz e levantá-la diante do povo, e que o povo entregasse todas as suas dores e preocupações, mas quando a Simone levantou a Cruz, o povo se prostrou diante da Cruz, então a Simone começou a andar com a cruz indo de pessoa a pessoa.

Dona Cida estava com a neta doente no quarto com começo de pneumonia, pediu que levasse a cruz até sua neta. Quando a Simone conduzia a cruz até a neta da dona Cida duas servas já notaram que a cruz estava manchando, então ao chegar perto da menina, ela disse: O Cristo está sangrando, até então a ministra não havia percebido, pois estava com a cruz levantada a sua frente, então quando a menina falou, ela notou que sua mão estava toda ensangüentada, foi então que ela sem voz entregou-me a cruz. (obs.: o ministério de música estava a cantar a música ninguém te ama como eu no momento em que a Simone estava a conduzir a cruz), eu já estava a conduzir a oração final sobre os pedidos de oração, quando a Simone disse em alta voz: Lurdinha está acontecendo um milagre aqui, JESUS está sangrando. Foi ai que eu vi o sangue nas feridas do Cristo, todos que estavam presentes ficaram extasiados com o que estava acontecendo, limpamos a mesa do altar e colocamos a Cruz e junto dela duas velas acesas e ficamos em adoração, não sabíamos o que fazer diante de tamanha graça. Eu entrei em contato com o coordenador da cidade da RCC, e ele me aconselhou a levar a Cruz para a minha casa.

Então, ao chegar em casa, montei um altar e coloquei a cruz e ficamos em adoração, por volta das três horas da manhã voltou a sangrar mais na mão direita e nos pés.

Amanheceu o dia (21/06/2012) tentei entrar em contato com o meu Padre e não obtive resposta. Deixei recado e nada. Foi então que resolvi avisar algumas pessoas

da comunidade e também meus familiares porque eu achei que mais pessoas tinham que ver o grande sinal de Deus. Novamente durante o terço da misericórdia às três horas da tarde, onde estavam presente o Franciso, ex-coordenador da cidade, o seu João Nicola, a Neuza e a Rosa, voltou a acontecer o milagre, a minha casa tornou-se um santuário, pois muitas pessoas começaram a chegar para ver a Cruz, muitos tiraram fotos, gravaram o momento, foi muita emoção diante do milagre.

No dia seguinte pela manhã entrei em contato com o meu padre e passei para ele o que estava acontecendo. Imediatamente ele pediu que levasse a cruz até a igreja. A Cristina, Coordenadora do Grupo de oração Maria Mãe me acompanhou. Levamos a Cruz embrulhada em uma toalha branca. A mesma toalha que nós trazemos do grupo de oração Maria Mãe. Chegamos à Igreja e o padre me recebeu sozinho em sua sala. Começou a fazer perguntas, então relatei o que havia acontecido desde a revelação do dia 16 de junho até o momento da preparação para a pregação e o que Jesus pedia, que ele queria estar no meio do povo curando e libertando.

Nós não temos uma Capela com o Santíssimo, então fica difícil para nós fazermos um momento de cura. Foi aí que eu pensei em levar a cruz e fazer o que Jesus pediu. Então pedi ao Paulinho e ao André para passarem na escolhinha. Após relatar tudo ao nosso Padre ele me disse que realmente nós presenciamos um Milagre.

Para todos os que estavam presente foi realmente um milagre. Ele me pediu que no momento nós ficássemos em silêncio e aguardássemos para ver se iria manifestar novamente, enquanto isso a cruz iria ficar em poder da Igreja. A pedido do nosso Diretor Espiritual Pe. Mario e nosso bispo D. Marcelo, pediu também que evitássemos a comentar em rádio, TVs ou jornais, até a Igreja dar um parecer. Após quinze dias do acontecido, Jesus falava em meu coração: Não temas. Então divulguei as fotos na internet, no meu FACEBOOK. Todas as pessoas que viram acreditaram no Milagre, mas nosso padre não fez nenhuma análise da cruz, apenas disse que o caso havia se encerrado, e por ordem do bispo de Sapucaia ele colocou um comunicado no mural da Igreja, dizendo que o sangue na cruz poderia ser um caso paranormal e como não houve exame, pois a igreja não achou necessário. Passou-se mais de um mês e o Padre Ricardo me entregou a toalha e me disse que o assunto da cruz havia finalizado.

Até hoje eu não me conformo do modo em que eu agi, pois achava que a imagem do milagre iria ficar exposta para que as pessoas pudessem ver este grande sinal de Deus, afinal nossa igreja está precisando de um levantar na fé.

Eu só entreguei a cruz à Igreja, pois achei que não era digna de que a CRUZ permanecesse em minha casa, estava errada por não ter entendido a mensagem de Deus se Ele se manifestou no meio do povo, era com o povo que Ele queria estar. Nós pedimos um milagre, cantamos o milagre e quando ele nos acontece são sabemos como agir.

Por isso eu lhe pergunto: estais preparados?

Este é um relato verdadeiro de quem presenciou um grande MILAGRE e que hoje mais do que nunca acredita que o sacrifício da Eucaristia acontece todos os dias em nosso meio, basta acreditar.

Sapucaia, 11 de junho de 2013.

Maria de Jesus Aparecida.

Figura 5: Crucifixo que jorrou sangue 1



Figura 6: Crucifixo que jorrou sangue 2



APÊNDICE K

História de Vida Padre Haroldo

1952-1964 – Trabalhou com jovens e adolescentes marginalizados na Zona Chamizal na cidade de El Paso e fundou o “Our Lady’s Youth Center”, que funciona até hoje.

1964 – Chegou ao Brasil e veio para Campinas.

1965 – Criou o Movimento de Liderança Cristã – TLC que se espalhou pelo Brasil todo e chegou à Itália e até hoje trabalha na formação e desenvolvimento de jovens lideranças cristãs –www.tlccampinas.org.br.

Fundou o Centro Social Presidente Kennedy em Campinas que tem dado formação profissional a dezenas de milhares de jovens e adolescentes até hoje.

1972 – Fundou o movimento da Renovação Carismática no Brasil - RCC

1978 – Fundou em Campinas a Comunidade Terapêutica Fazenda do Senhor Jesus para o tratamento e recuperação de adultos dependentes químicos e de álcool.

1984 – Implantou o Movimento “Amor Exigente”, adaptação ao Brasil do Movimento “Tough Love” dos Estados Unidos e que hoje está presente em todo Brasil, Argentina, Uruguay, através da FEAE trabalhando a prevenção e apoio às famílias www.amorexigente.org.br.

Fundou o CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada no Jardim Itatinga em Campinas CEPROMM Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada - www.cepromm.com.br.

1990 – Co-fundador da Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas – FEBRACT - www.febract.org.br.

1992 – Fundou a Federação Latina Americana de Comunidades Terapêuticas/FLACT-www.flact.org.

2000 – Encabeçou a Campanha da Fraternidade: “Por um mundo sem drogas” gerando um alerta nacional e dentro das comunidades religiosas para a questão da drogadicção.

Fundou a Pastoral da Sobriedade - uma ação concreta da Igreja católica que evangeliza pela busca da Sobriedade como um modo de vida - www.sobriedade.org.br.

2006 – Iniciou a Campanha de Prevenção às drogas através da Espiritualidade um movimento ecumênico que chamou-se “Fé na prevenção” e gerou uma cartilha de orientação a religiosos e famílias publicada pela SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) - www.senad.gov.br.

2007 – Iniciou cursos de Yoga Cristã, levando esta prática a várias cidades do Brasil. Yoga significa união com Deus, com a natureza e consigo mesmo.

2009 – Entregou a direção da Associação ao primeiro presidente e uma diretoria voluntária e tornou-se Presidente Emérito do agora “Instituto Padre Haroldo”.